

Universidade de Lisboa



**O Dinamismo Europeu dos séculos XII a XIV – A
Consolidação do Reino de Portugal na Europa Ocidental:
Uma opção de ensino-aprendizagem**

Ana Sofia Duarte Lopes

Mestrado em Ensino de História no 3º. Ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

Relatório de Prática Letiva Supervisionada orientado pelo Professor
Doutor Miguel Maria Santos Corrêa Monteiro

2017

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e a ti Luz.

AGRADECIMENTOS

Nesta estrada chamada vida sabemos que não a percorremos sozinhos. Indo acompanhados de sonhos, esperanças, objetivos, tristezas, alegrias, dúvidas e contratempos, também seguimos caminho junto de todos aqueles que na nossa vida têm lugar, muito ou pouco presente, mas na nossa memória sempre permanente.

A todos que me acompanharam neste rumo, direta ou indiretamente, só devo agradecer com todo o meu coração:

Aos meus pais, por todo o apoio prestado para que esta vida académica se proporcionasse e por me demonstrarem a importância dos valores de trabalho e sacrifício, a vocês um muito obrigado;

À minha avó Luz, por todos os ensinamentos de vida e pelo exemplo de força e superação que serviram de lição à pessoa que sou;

Ao Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, pelo seu enorme apoio, amizade, disponibilidade e pelo partilhar de conhecimentos e momentos de alegria, mas acima de tudo, por ter sido um grande pilar neste início de carreira;

À professora Cecília Oliveira, por ter sido a responsável máxima pela origem deste enorme gosto pela História e acima de tudo por ter sido uma docente exemplar, que sempre encarei como modelo a seguir;

À professora cooperante Maria José Ferreira, pela sua orientação, solidariedade e compreensão prestada ao longo do nosso estágio;

Ao meu colega de Estágio, António Moreira Colaço por ter sido a outra face da moeda. Sou grata por todos os momentos de trabalho e ócio, através de todas as gargalhadas partilhadas e acima de tudo pelo teu apoio incondicional ao longo desta jornada;

Ao Mário Rui Rocha, por toda a sua ajuda e interesse nesta dissertação;

Ao Pedro Almeida por sempre acreditar nas minhas capacidades;

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

Declaro agradecimento também a todos os professores que intervieram na minha vida académica e revelaram ser científica e humanamente importantes, com especial relevo: Professoras Doutoras Ana Leal de Faria, Manuela Santos Silva, Julieta Araújo, Teresa Nunes, Sofia Freire e aos Professores Doutores Feliciano Veiga, Joaquim Pintassilgo e Luís de Araújo;

Por fim, não esquecendo e dando um especial agradecimento às duas turmas do 12º C e 10º E da Escola Secundária Camilo Castelo Branco, pela abertura e consciência pelo nosso trabalho manifestado ao longo do Estágio e também pelo seu respeito e amizade mantidos.

A todos, sem exceção, um enorme Muito Obrigada!

ÍNDICE GERAL

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Índice Geral.....	iv
Índice de Imagens.....	vi
Índice de Quadros e Gráficos.....	vii
Índice de Anexos.....	viii
Siglas e Abreviaturas.....	ix
Resumo.....	xi
<i>Abstract</i>	xii
Introdução.....	1
 Parte I – Enquadramento Teórico e Didático	5
1. O Ensino da História e o seu contributo para a Cidadania.....	7
2. Enquadramento científico.....	9
2.1. Histórias Gerais.....	11
2.2. História Medieval.....	13
2.3. Problemáticas específicas.....	15
2.4. Cidades Medievais.....	18
2.5. A Reconquista.....	23
3. O Enquadramento Curricular.....	27
4. Teorias da Aprendizagem.....	30
4.1 Jean Piaget.....	34
4.2 Jerome Bruner.....	35
4.3 Carl Rogers.....	36
 Parte II – Contexto Escolar da Prática Letiva	39

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

1. Enquadramento Histórico e Geográfico.....	41
2. Breve História e Contextualização da Escola Secundária Camilo Castelo Branco.....	42
3. A Professora Cooperante.....	48
4. Caracterização geral da turma 10º E.....	49
 Parte III – A Prática Letiva: As aulas lecionadas.....	58
1. Reuniões e temáticas escolhidas.....	60
2. A Planificação de aulas.....	61
3. O Tempo e o Espaço no Ensino da História.....	64
4. Conceitos: que papel na Didática da História?.....	66
5. A Pedagogia Semi-Diretiva: um caminho?.....	70
6. Descrição e reflexão crítica das aulas.....	75
6.1 Aula nº1 – 12 de janeiro de 2017.....	77
6.2 Aula nº2 – 16 de janeiro de 2017.....	85
6.3 Aula nº3 – 17 de janeiro de 2017.....	90
6.4 Aula nº4 – 19 de janeiro de 2017.....	94
6.5 Aula nº5 – 23 de janeiro de 2017.....	100
7. Recursos e Avaliação	105
Considerações Finais.....	108
Referências Bibliográficas.....	111
Anexos.....	118

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – Estátua de Camilo Castelo Branco em frente à Entrada da ESCCB	44
Imagem 2 – Entrada do Edifício principal da ESCCB	45
Imagem 3 – Planta 3D da ESCCB	45
Imagem 4 – Foto do interior da sala de aula H 0.47	75
Imagem 5 – Foto do interior da sala de aula H 0.47	76

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Teorias de Ensino Aprendizagem	31
Quadro 2 – Evolução do nº de alunos abrangidos por medidas de Ação Social Escolar e nº de alunos com apoio de Educação Especial – Agrupamento de Escolas de Carnaxide	47
Quadro 3 – Estratégias para exercitar a comunicação dos conceitos históricos	68
Quadro 4 - Estratégias para exercitar a comunicação dos conceitos históricos	69
Quadro 5 - Estratégias para exercitar a comunicação dos conceitos históricos	70

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos alunos da turma	50
Gráfico 2 – Habilitações Literárias dos pais	51
Gráfico 3 – Número de Alunos com Apoio Social Escolar	52
Gráfico 4 – Meio de Transporte utilizado na deslocação casa-escola	52
Gráfico 5 – Tempo de deslocação casa-escola	53
Gráfico 6 – Razões de escolha da área de Línguas e Humanidades	54
Gráfico 7 – Determinação do grau de interesse dos alunos pela disciplina de História	54
Gráfico 8 – Número de Reprovações pelos alunos da Turma 10ºE	56
Gráfico 9 – Grau de satisfação da intervenção da mestranda-estagiária	57

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Horário letivo semanal da turma	119
Anexo 2 – Relação de Turma – Pauta de alunos com fotografias	121
Anexo 3 – Planificação a Longo prazo	123
Anexo 4 – Planificação a Médio Prazo	129
Anexo 5 – Um exemplar de Guião de trabalho de grupo – Aula nº3	130
Anexo 6 – Folha distribuída na aula nº 4	132
Anexo 7 – Ficha de trabalho - Aula nº 2	136
Anexo 8 – Grelha de Avaliação	141
Anexo 9 – Questões-chave propostas pelo manual	145
Anexo 10 – Questões orientadoras para os alunos – Aula nº1	148

NOTA: A numeração dos Anexos está ordenada como vão surgindo ao longo do texto. Os anexos mais pesados, referentes ao Programa de História de 10º ano de escolaridade, *PowerPoint's* elaborados e apresentados nas cinco aulas, *PowerPoint's* realizados pelos alunos e o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Carnaxide 2015/2017, documentos considerados relevantes para um melhor entendimento deste relatório, encontram-se em CD-ROM que se junta no final deste trabalho.

SIGLAS E ABREVIATURAS

Art.º - Artigo

CD-ROM – *Compact Disc-Read-Only Memory*

ESCCB – Escola Secundária Camilo Castelo Branco

FCUP – Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

IPP – Iniciação à Prática Profissional

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

PDF – *PortableDocumentFormat*

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

WWW – *World Wide Web*

(...) corte na citação de texto

Consult. consultado

Dir . direção

et al. e outro (a)

Id. Idem o mesmo

ibid. ibidem mesmo lugar

op.cit. obra citada

p. página

pp. páginas

s.d sem data

s.e sem editor

s.l. sem local

vol. Volume

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

Conformidade:

Este relatório da prática de ensino supervisionada está redigido segundo o documento aprovado pela Comissão Científica dos Mestrados de Ensino, a 22 de junho de 2017 pela Presidente da Comissão Científica dos Mestrados de Ensino, Prof.^a Doutora Maria Leonor de Almeida Domingues dos Santos.

Norma e grafia utilizados:

Para a redação deste relatório tivemos como base os termos do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, exceto citações de livros e documentos em que o português era anterior ao dito Acordo. As referências bibliográficas e citações foram elaboradas tendo em conta a Norma Portuguesa, nas suas vertentes NP 405-1 (1994, 1.^a ed.) – Documentos impressos; NP 405-2 (1998, 1.^a ed.) – Materiais não-livro; NP 405-3 (2000, 1.^a ed.) – Documentos não publicados e NP 405-4 (2002, 1.^a ed.) – Documentos eletrónicos.

RESUMO

O presente relatório de prática de ensino supervisionada desenvolve uma opção de ensino-aprendizagem sobre duas importantes temáticas do Programa de História do 10º ano do Ensino Secundário: A primeira intitulada de *A Identidade Civilizacional da Europa Ocidental*, incidindo no dinamismo Europeu que se fez sentir durante os séculos XII a XIV e a segunda temática intitula-se *O Espaço Português, A Consolidação de um Reino Cristão Ibérico*, centrada na problemática das origens e estabelecimento de fronteiras do Reino de Portugal.

Refiro que a nossa intervenção letiva teve lugar na Sede de Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco em Carnaxide, abordando os conteúdos referidos que na nossa opinião são fulcrais para o Ensino e compreensão da História relativamente ao dinamismo económico e demográfico que o continente Europeu viveu na época medieval, que serviu de base durante muitos séculos a todo o processo económico. Não obstante, mais restrito, mas com bastante relevo, o segundo conteúdo trata as origens de Portugal e o estabelecimento das suas fronteiras, sendo crucial a sua abordagem, pois, retrata a formação do nosso país e consequentemente a nossa identidade.

O Ensino-aprendizagem destes módulos construiu-se a partir de diversos recursos documentais e audiovisuais, de várias estratégias como a realização de trabalhos em Grupo para desenvolver a autonomia dos alunos com o objetivo destes construírem o próprio conhecimento e melhorarem aprendizagens devido à nossa vontade de implementar nas nossas aulas um modelo educacional que promovesse o ensino centrado no aluno.

Concluindo, acima de tudo ambicionámos desenvolver o interesse pela disciplina de História e uma atitude mais reflexiva nos nossos alunos sobre questões tão espaçadas no tempo, mas que contribuíram tanto para a História tendo repercussões para o Homem dos dias de hoje.

Palavras-chave: História, Identidade Civilizacional, Europa Ocidental, Espaço Português, Dinamismo Europeu, Reino Cristão Ibérico, Época Medieval, Ensino-aprendizagem, Autonomia

ABSTRACT

The following report on teaching practices under monitoring constitutes an option for teaching-learning, focusing on two important topics of 10th grade History curriculum: the first is related to the *The Civilizational Identity of Western Europe*, focusing on European dynamics as they were perceived from the 12th to the 14th century, and the second is related to *The Portuguese Borders: The Consolidation of a Iberian-Christian Kingdom*, which focuses on the origins and establishment of Portuguese borders.

It should be highlighted that our teaching intervention took place on the Head Office of Camilo Castelo Branco schools in Carnaxide, where we worked on the forementioned contents, which we believe to be of utter importance for teaching and understanding History. The economic and demographic dynamics that Europe went through during the medieval ages were the foundation of the economic process as a whole during many centuries. Even though the second topic is more restrictive in itself it should not be seen as less relevant: it covers the origins of Portugal and the establishment of its borders - which is obviously relevant, as it portrays how our country and Portuguese identity were created.

The learning-teaching methodology for these topics was constructed through several documents, some of which of the audiovisual kind, as well as through the creation of group projects that would develop the students' autonomy, so that they could develop their own learning and improve their learning skills – this is mostly due to our desire of implementing a student-focused educational method, which, like the name suggests, is a learning method that focuses primarily on the student.

To conclude, we aimed at developing our interest on the subject of History, as well as a reflexive attitude in our students on topics which are distant in time but which nonetheless contributed greatly for History as a whole, as these topics still have their repercussions on mankind as we know it today.

Keywords: History, Civilization Identity, Western Europe, Portuguese Borders, European Dynamics, Iberian-Christian Kingdom, Medieval Ages, Learning-teaching, Autonomy

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Chegados ao culminar de um árduo caminho como foi o do Mestrado em Ensino da História apresentamos agora a nossa “escritura” individual que tanto trabalho e sacrifício nos deu, mas que nos enche de um enorme orgulho. Passados tantos momentos de luta, de descontração e de experiências várias, que fizeram de nós alunos e profissionais de ensino mais ricos, é forçoso que prestemos homenagem aos nossos professores, aos cooperantes e aos colegas pela dedicação, apoio e solidariedade nesta incrível jornada que marcará a nossa vida.

Este nosso trabalho, metodologicamente, apresenta-se dividido em quatro partes distintas. A primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico e curricular, ou seja, um capítulo onde se aborda principalmente, a dimensão teórica do nosso relatório de prática letiva supervisionada, tendo em conta os diferentes períodos letivos que passámos na Escola Secundária Camilo Castelo Branco.

Como não podia deixar de ser, é tratada obviamente a temática da importância da História e do seu Ensino, pois, como futuros profissionais de História do 3º ciclo e ensino secundário, devemos ter em conta a importância da História como uma ciência social fulcral às aprendizagens e competências dos nossos alunos. Em seguida, nesta mesma parte, realizaremos um enquadramento científico, sabendo-se que a ciência é a base para uma verosímil transmissão de conteúdos, tendo em conta os temas por nós lecionados. Devemos dizer que o que realizámos esteve de acordo com as orientações da professora cooperante, uma vez que as turmas lhe pertencem, e nós estamos na escola ao abrigo de um protocolo celebrado entre duas instituições. Na nossa preparação apoiámo-nos em obras gerais e específicas de referência, importantes para o estudo da Idade Média, principalmente as questões económicas e sociais na Europa dos inícios do século XII e mais especificamente, o caso da génese e consolidação do Reino de Portugal.

Ainda nesta primeira parte, realçamos o enquadramento curricular das nossas temáticas: “A identidade civilizacional da Europa Ocidental”, particularmente os

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

conteúdos intitulados de “O quadro económico e demográfico – expansão e limites do crescimento” e “O espaço português – A consolidação de um reino cristão ibérico”, enquadradas no programa oficial de história do ensino secundário, do 10º ano de escolaridade. Seguidamente, abordaremos a matéria didática que serviu de base à nossa prática letiva, ou seja, destacaremos algumas teorias e pensadores educacionais que utilizámos como modelos nas nossas aulas.

Na segunda parte do nosso Relatório, desenvolveremos de uma forma mais concreta a nossa ação docente, ou seja, faremos uma demonstração de todo o contexto escolar em que exercemos pela primeira vez a prática letiva. Iremos assim tratar neste trabalho a caracterização geográfica, histórica e demográfica da freguesia de Carnaxide e também uma breve abordagem à Escola Secundária Camilo Castelo Branco.

Também apresentaremos sucintamente o percurso académico e profissional da professora cooperante que nos acompanhou ao longo desta nossa caminhada escolar, agregando ao nosso relatório uma apresentação da turma escolhida para lecionarmos as aulas do bloco didático, tendo em conta um questionário elaborado durante a prática profissional.

Chegámos por fim ao momento fulcral da nossa prova de esforço: a demonstração prática de conhecimentos científicos e pedagógicos aplicados em sala de aula durante o semestre. Deste modo iniciamos esta parte, com um breve esclarecimento sobre a escolha das temáticas no decorrer das primeiras reuniões de trabalho com a professora cooperante, tendo igualmente realizado uma análise sobre a temática das planificações de aulas. Debruçamo-nos igualmente sobre todos os elementos que fazem parte da carreira e do dia-a-dia de um professor, principalmente documentos chave como as Metas Curriculares e o Projeto Educativo.

Na terceira parte, trataremos todas as aulas por nós lecionadas de uma forma detalhada a que juntámos as reflexões críticas no final de cada aula, porque entendemos ser essencial em qualquer carreira e até mesmo ao longo da nossa vida, se lance um olhar sobre cada etapa percorrida e ultrapassada nos seus aspetos positivos e menos conseguidos, sendo que estes últimos são os mais importantes a refletir, para que não os voltemos a praticar. Assim,

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

apresentaremos com toda a lealdade os momentos em que achamos em que estivemos bem, assim como os aspetos que faríamos melhor no futuro.

Concluindo, abordaremos também os elementos que consideramos fundamentais na prática docente, como é exemplo a Avaliação realizada através de uma ficha de trabalho por nós elaborada bem como os recursos mobilizados e as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas em sala de aula, nomeadamente aquelas que serviram para promover o sentido autónomo, empenhado e crítico dos alunos como é exemplo os Trabalhos em Grupo, que sendo realizados durante as aulas lecionadas tiveram essencialmente a vontade de integrar outra perspetiva de ensino que não fosse apenas o modelo diretivo e tradicional.

Finalmente, faremos breves considerações finais sobre o trabalho efetuado, e todas as experiências vividas no núcleo de estágio, que nos ajudarão no futuro a sermos melhores na nossa ação docente.

Para melhor comodidade do leitor usaremos notas infra paginais e remeteremos os documentos mais “pesados” para um CD-ROM em anexo.

PRIMEIRA PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CURRICULAR

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

«Para ensinar há uma formalidade a cumprir – saber»

Eça de Queirós

1. O ensino da História e seu contributo para a Cidadania

Os objetivos de trabalho de um professor de História, principalmente, ao longo da sua carreira serão responder claramente às grandes questões que perseguem o ensino da História, sendo então: o que é, essencialmente, a História e qual ou quais as suas finalidades?

Respondendo, à primeira pergunta podemos referir, que a História se apresenta, tal como é referido por Marc Bloch, como “*uma vasta experiência da diversidade humana, um longo encontro dos homens*”¹, sendo que, “*A história não é a acumulação de acontecimentos de toda a natureza que se verificaram no passado. É a ciência das sociedades humanas*”², ideia defendida por Fustel de Coulanges mencionado por Bloch, o que nos leva a concluir que a nossa área de trabalho é uma ciência social, sem qualquer dúvida, que tem como objeto de estudo o homem, ou melhor referindo, a evolução dos homens no tempo. Destacamos diferente opinião que argumenta o valor do passado, dizendo que a História é vista do seguinte modo: “*trata-se sempre de uma investigação do passado entendido como passado nacional...o que actua para tornar mais claro aos homens o funcionamento das sociedades dentro das quais vivem.*”³

Já a segunda questão, no que concerne às finalidades do ensino da História, ou seja, para que serve? Rapidamente nos vemos a reconhecer a importância de entendermos o passado da humanidade, que acima de tudo é a nossa génese, pois, não conhecendo o nosso passado e as nossas origens existindo incompreensão do presente que nos rodeia e essa “*incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado*”⁴, leva também a alunos pouco consciencializados para o futuro e para tal não acontecer, é que se demonstra como é fundamental o ensino da História.

Apresentámos uma de várias finalidades, pois, não se esgotam argumentos quando falamos sobre as finalidades do ensino da História e da importância da

¹BLOCH, Marc, *Introdução à História*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1993, p.126

²Idem, *ibidem*, p. 178

³LE GOFF, Jacques, *Reflexões sobre a História*, Lisboa, Edições 70, 1986, p.53

⁴BLOCH, Marc, *op.cit.*, p.42

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

mesma, pois, é claro que a formação histórica contribui para um sem número de competências educacionais, pedagógicas, sociais e culturais.

Como podemos verificar na opinião de Jorge de Macedo quando refere que a História *“fornece ao adolescente a consciência das bases, tanto ancestrais como recentes, da sua comunidade e da evolução realizada (...) consolidando-lhe os fundamentos nacionais (...) facultando-lhe [também] o conhecimento de civilizações (...) os ideais de vida e de destino que o homem conseguiu formular, as suas conquistas e realizações, tanto espirituais como materiais, na variedade das suas manifestações ensinando-o a apreciá-las, isto é, a compreendê-las”*⁵, logo, o ensino da História proporciona aos alunos, ou melhor dizendo, desperta nos alunos o conhecimento e a compreensão sobre a evolução da humanidade dando uma bagagem cultural e educativa, pois, *“esta última promove-se pelo conhecimento, pela razão, pelo método crítico, pelo uso concreto e atinado das aquisições de cultura para uma coerência de personalidade e de valores”*⁶, sendo que os valores sociais se enquadram no âmbito da História e o seu Ensino.

Sabemos que socialmente o ensino da História com o conhecimento e a compreensão humana a nosso ver, promove o entendimento e o respeito por outras realidades, povos e culturas e acima de tudo, tal como já referimos, a plena capacidade de análise do presente tendo em conta o conhecimento do passado, *“é vista como parte importante da função formativa da História, garantindo-lhe desse modo lugar de relevo no currículo de qualquer escolaridade base”*⁷, e chegamos ao momento em que se fala do contributo da História para a Cidadania.

É verdade que, oficialmente, é atribuído à disciplina de História o papel formativo, e o contributo para a cidadania devido às finalidades e objetivos da própria disciplina de História, como *“conhecer o passado para intervir no presente e preparar o futuro; formar cidadãos intervenientes; transmitir a herança cultural da humanidade; reconhecer o papel central do homem no processo histórico; reforçar a*

⁵MACEDO, Jorge, *O Ensino Liceal de História e as Exigências universitárias*, Lisboa, Revista Palestra, 1969, p.3

⁶Idem, *ibidem*, p.10

⁷FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Pensar a História Repensar o seu ensino. A disciplina de História no 3º ciclo do Ensino Básico: Alguns princípios Orientadores da Metodologia de Ensino*, Porto, Porto Editora. 1994, p.21

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

identidade nacional”⁸, ou seja, além de formar alunos mais sabedores, a História forma alunos mais cidadãos, através do seu “*papel nuclear [que estimula] o desenvolvimento de atitudes e consciencialização de valores, subordinando-se a aquisição de conhecimentos ao domínio de aptidões e capacidades que propiciam o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.*”⁹ Este último desenvolvimento é deveras importante, pois, socialmente o ensino da História ao longo do processo de ensino-aprendizagem contribui para que o aluno usufrua de uma cidadania mais ativa, responsável e consciente devido aos conteúdos programáticos.

Concluindo, denotamos que a importância da disciplina de História e o seu ensino é relevante para a formação integral dos nossos alunos e para o estímulo de questões transcendentais como a cidadania e por esse motivo muitas vezes vemos o papel da História “*a sobressair quando, em momentos de reformas educativas, se equaciona o seu lugar nos planos curriculares*”¹⁰.

2. Enquadramento científico

Revela-se fundamentais reunir neste espaço de enquadramento um conjunto de reflexões essenciais acerca das temáticas do Programa Oficial de História do 10º ano de escolaridade, que abordámos na nossa prática letiva, apresentadas da seguinte forma - O Quadro Económico e Demográfico: Expansão e Limites do Crescimento nos séculos XII A XIV e o Espaço Português: A Consolidação de um Reino Cristão Ibérico.

Este enquadramento teve como base um estudo e uma investigação mais atenta. Contudo, neste Relatório, que não é uma dissertação clássica de mestrado e muito menos uma tese de doutoramento, não aprofundamos demasiadamente nas breves páginas que se seguem, e onde utilizámos algumas obras importantes da vasta bibliografia que sabemos existir sobre a temática referida. Por conseguinte, é

⁸SANTOS, Luís Filipe, *O Ensino da História e a Educação para a Cidadania. Concepções e Práticas de Professores*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação, 2000, p.106

⁹Idem, *ibidem*, p.26

¹⁰Idem, *ibidem*, p.81

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

necessário alertar o leitor para aqui e ali realizar leituras mais aprofundadas se assim o entender.

Em relação aos conteúdos que iremos tratar ao longo deste relatório e à investigação feita nos diferentes autores e obras é necessário referirmos que não procurámos estabelecer soluções ou ideias inéditas para o tratamento dos conteúdos, bem como a sua operacionalização. Com este trabalho tivemos, entre outros o objetivo de reunir um conjunto de argumentos e reflexões para conseguirmos melhor contextualizar e clarificar o conhecimento aos nossos alunos, sabendo nós de antemão que a prática docente requer uma leitura vasta e cuidada como nos alertou sempre ao longo desde percurso o nosso Mestre, o Professor Miguel Monteiro, quando nos referia que mais de 90% do nosso tempo seria direcionado para o estudo dos conteúdos científicos. Entendemos que foi um conselho muito útil porque na prática foi isso que sentimos. Em várias ocasiões estudámos mais que durante a licenciatura, porque sabemos também que não se pode aprender tudo num semestre com poucas vinte aulas. É nosso dever quando terminamos o curso aprofundarmos os nossos conhecimentos na linha do que significa ser licenciado: aquele que é autorizado a investigar.

Desenvolvemos deste modo o enquadramento científico referindo que a Idade Média é um período histórico como sabemos muito trabalhado e estudado, devido ao seu carácter místico e diferente das nossas realidades que o torna um período de tal forma tão interessante que leva a aumentar o número de curiosos, que posteriormente impulsiona o aumento das investigações científicas pormenorizadas e diversificadas em resposta a esse acréscimo de interessados.

Essa investigação reflete-se na extensa obra publicada sobre o período medieval a que hoje assistimos, e temos que ser conscientes a mencionar que não conseguimos apresentar neste breve trabalho todas as opiniões dos autores, e neste sentido, gostaríamos de chamar a atenção que iremos proporcionar uma visão tão global quanto possível do conjunto de conhecimentos científicos abordados.

Dito isto, dividimos este nosso enquadramento em três grandes temáticas apresentadas da seguinte forma:

2.1 Histórias Gerais

Relativamente às Histórias Gerais, optámos por obras que nos outorgam perspectivas verosímeis e pormenorizadas da História, principalmente da História de Portugal e os seus primórdios.

Como não poderia deixar de ser, tivemos o cuidado de integrar nesta nossa investigação obras que fossem fundamentais no estudo da História de Portugal, o que aconteceu com a obra do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão intitulada *História de Portugal 1080-1415*, que narra a história, ou melhor dizendo, utilizando as palavras do próprio autor, dá “o testemunho do que foi a realidade portuguesa ao longo dos séculos.”¹¹

Através de uma linguagem clara e de uma visão global com esta obra, o autor inicia cronologicamente o estudo sobre os primórdios da Península Ibérica nos anos de 100 000 a. C. do Paleolítico antigo, em seguida apresenta todos os povos que se fixaram neste território por volta do século XI a.C, como foi o exemplo dos Fenícios, mais tarde dos Celtas e Celtiberos, e já na nossa era no século III os Cartagineses, seguidos dos Lusitanos e dos Romanos e posteriormente, dos Suevos, Visigodos e dos povos Árabes, até chegarmos ao estudo da Reconquista Cristã, ponto que nos interessou bastante como referência às nossas aulas e que aplicámos na realização deste relatório, como é demonstrado pelo seu próprio título.

Terminámos este volume da História de Portugal com a temática A Arte no século XIV, já com indicações acerca dos nossos Reis D. Dinis e D. Afonso IV revelando-se uma obra como o próprio autor indica, que “[Procura] o justo equilíbrio entre a notícia e a interpretação, buscando a achega das fontes e da bibliografia mais recente...[procurando] responder à legítima interrogação sobre qual o sentido histórico da Nação Portuguesa.”¹²

Não podemos esquecer uma obra diferente, mas igualmente essencial, como é o volume de História de Portugal, *Dos Tempos Pré-históricos aos nossos dias*, dirigida

¹¹SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal, Estado, Pátria e Nação (1080-1415)*, Lisboa, Editorial Verbo, 1978, p.10

¹²Idem, *ibidem*, p.10

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

pelo professor João Medina, principalmente o III volume, denominado *Portugal Medieval*, onde são tratados os conteúdos divididos em cinco partes: A Antiguidade tardia e a desagregação do Império; A Ocupação Islâmica; O tempo e os homens: séculos XII-XIV; os Campos e as cidades – séculos XII a XIV; e por último A Arte no Portugal Medieval.

Referimos que cada uma das partes é produzida por um investigador especialista, tornando a leitura muito diversificada e proveitosa, ostentando um estilo diferenciado mas muito rico devido ao facto que cada área se encontrar deveras bem trabalhada com base em fontes, e com muitos argumentos e ideias de diversos historiadores apresentados no referido volume como podemos verificar no tema da *Crise do século XIV*, “*Porque estes flagelos não parecem constituir o próprio centro da crise mas apenas o seu indício, agravando as catástrofes naturais ou humanas (...) Neste ponto delicado, onde se procuram as razões da transformação de finais da Idade Média – e em que os historiadores discordam -, poderíamos dividir-nos entre dois sistemas diferentes. O primeiro (E. LeRoyLadurie, por exemplo) aponta para uma explicação neo-malthusiana (...) havia-se chegado a um limiar em que a ampliação dos recursos alimentares já não acompanhava o crescimento populacional, tornando inevitável uma quebra que acabará por surgir de forma catastrófica. O segundo (que tem em Guy Bois um dos seus mais recentes paladinos) não nega (...) mas argumenta (...).*”¹³

Sabemos que a História de Portugal é só uma, no entanto pode ter diversas interpretações dos factos históricos que a compõem, sendo que existem um sem número de obras sustentadas por grandes pensadores com ideias diferentes e é nosso dever alertar o leitor para uma posterior leitura interessada e cuidada, pois, não conseguimos abranger aqui todas as obras sobre História de Portugal.

¹³FERNANDES, Hermenegildo, “Sociedade e economia nos campos – séculos XII a XIV” in *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, (Dir. João Medina), Volume III, Lisboa, Ediclube, 2001, pp. 221-222

2.2 História Medieval

Dentro deste ponto, tivemos o cuidado de integrar no nosso Relatório uma obra que fosse um pilar no tratamento da História Medieval, pelo que escolhemos a “*História da Idade Média do Século XI ao Século XV*” sob direção de M. Abramson, A. Gurevitch e N. Kolesnitski, com data de 1976. Esta segunda parte de um conjunto de três, é relativa ao estudo do Desenvolvimento económico da Europa no tempo e narra os acontecimentos nos principais espaços geográficos que também foram tratados durante a nossa prática letiva, como a França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal.

Constituindo-se base essencial para os estudos medievais, pois, sucintamente, expõe a conjuntura geral da Europa ocidental no tempo, iniciando uma contextualização da temática estudada ao longo do nosso estágio que nos pareceu importante descrever, pois, serviu-nos como ponto de partida para desenvolvermos os conteúdos, como podemos verificar, “*Depois das invasões e da formação dos Estados Bárbaros [as] cidades despovoaram-se...*”¹⁴, tendo a população fugido para os campos como sabemos e aí “*construíam castelos fortificados para se defenderem ou reconstruíam fortificações das antigas cidades romanas*”¹⁵, introduzindo-se assim uma das problemáticas do conteúdo intitulado Formação de cidades.

Esta obra exhibe-se com um carácter mais narrativo e explicativo ao longo de todos os capítulos, como podemos verificar, quando refere que “*o progresso das forças produtivas tanto para a formação das cidades como o desenvolvimento do artesanato, a cidade não podia existir sem o campo, [que] lhe fornecia as matérias-primas e os víveres e por outro comprava a produção urbana*”¹⁶ sendo que este grande desenvolvimento económico só aconteceu graças a um “*aperfeiçoamento das técnicas agrícolas e um melhor trabalho da terra*”¹⁷ e constatamos assim que este volume produz uma história contínua que desenvolve os principais aspetos económicos e sociais do desenrolar entre os séculos XI a XV.

¹⁴ABRAMSON, M.; GUREVITCH, A.; KOLESNITSKI, N., *História da Idade Média do século XI ao século XV*, Lisboa, Editorial Estampa, 1978, p.11

¹⁵Idem, *ibidem*, p.12

¹⁶Idem, *ibidem*, p.13

¹⁷Idem, *ibidem*, p.13

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Distinta, mas fundamental para a concretização das questões económicas foi a obra intitulada *I História Económica Mundial* de Valentin Vazquez de Prada, que marca uma posição de destaque neste nosso relatório, pois, é um trabalho de referência que dá consistência ao conhecimento económico ao longo das épocas históricas.

Este autor apresenta-nos o mundo económico desde os primórdios civilizacionais até à atualidade, abordando a época medieval, sendo esta, neste momento a mais importante, pois apresenta-se como o cerne da nossa investigação. O autor inicia a contextualização da época medieval a partir do episódio da queda do Império do Ocidente em 476 aproveitando para denominar o conceito de *Economia Medieval*, clarificando que só podemos definir economia medieval quando se dá “*a verdadeira rotura com a conquista árabe que virá deslocar o eixo das relações económicas, que antes fora o Mediterrâneo, para o Norte. Então começa a verdadeira economia medieval. A Europa feudal contrai-se sobre si própria e as atividades económicas concentram-se entre o Sena e o Reno.*”¹⁸

Num estilo expositivo e eloquente, o autor vai expondo uma série de factos sobre a História económica tanto do mundo ocidental como oriental, e no que diz respeito à História Medieval a obra divide-se em duas grandes temáticas: A Economia Rural (séculos V-XI) e a Economia Urbana (séculos XI-XV), sendo que a primeira diz respeito a uma economia de subsistência “*que visa unicamente satisfazer as necessidades vitais de cada senhorio*”¹⁹ onde são estudados os fenómenos da exploração e produção agrícola ocidental e oriental, tal como o comércio e a indústria.

A segunda temática refere-se ao tempo em que, “*a partir do ano 1000 [quando] termina um período de desassossego e de invasões. A população cresce, aparecem novas técnicas agrícolas (...) as trocas intensificam-se, a produção industrial aumenta de volume, a organização do comércio e da banca torna-se mais complexa [tornando a cidade] em núcleos da actividade económica*”²⁰, ou seja, é retratada a economia urbana e todos os processos que a levaram a despoletar para a génese de uma economia internacional como a conhecemos hoje, através do comércio

¹⁸PRADA, Valentin Vazquez, *I História Económica Mundial*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1986, p.71

¹⁹Idem, *ibidem*, p.72

²⁰Idem, *ibidem*, p.72

internacional com as suas rotas, vias e organizações comerciais, como as feiras, as companhias mercantis, os novos cargos e os primeiros meios de pagamento e de crédito tendo sido conteúdos fundamentais que abordámos ao longo da prática letiva na Secundária Camilo Castelo Branco.

2.3 Problemáticas Específicas

Nestas breves linhas apresentamos alguma literatura relacionada com temáticas/problemáticas estruturantes que fizeram parte da nossa leção.

Desenvolvendo, de Guy Fourquin destacamos *História Económica do Ocidente Medieval* de grande relevância, pois, o autor narra desde os primórdios da Idade Média até ao seu tempo de apogeu, num estilo claro e aprofundado confrontando factos históricos com diversas opiniões de historiadores sobre a vertente económica medieval.

Primeiramente, ressaltamos uma ideia que está muito enraizada aos tempos medievais, que o próprio Guy Fourquin exclama, "*Quando se fala dos tempos obscuros devemos recordar-nos de que eles o são devido à raridade ou à dispersão dos documentos de todo o tipo*"²¹, e por essa razão nos referimos à Época medieval como a dita *Dark ages*, um tempo em que a produção documental não foi abundante o que tem levado a falhas de conhecimento que lentamente vão sendo ultrapassados com as novas investigações realizadas por uma nova e mais jovem geração de historiadores. Neste caso "*o pouco conhecimento que se tem da vida económica, dos tempos obscuros, deve-se, por um lado, ao facto de as fontes que se lhe referem serem parcas e não adaptadas à investigação económica*"²² crescendo então a curiosidade e a imaginação o que leva ao crescimento de um sem número de teorias que podem não ser verosímeis, por isso, notámos a necessidade de avisar o leitor para essa questão, pois, já que o nosso trabalho se baseou em episódios da vida medieval, há que ter em conta que muitas teorias e argumentos já não correspondem muitas vezes à veracidade dos factos face à nova investigação.

²¹FOURQUIN, Guy, *História Económica do Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 2000, p.23

²²Idem, *ibidem*, p.31

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Para tal situação não se suceder, o próprio Guy Fourquin tem como base na sua investigação diversas fontes que o próprio indica que “(...) *nos limitaremos a indicar, à medida que for oportuno, as categorias de documentos mais marcantes. No entanto, é preciso frisar desde já que os escritos são cada vez mais fontes directas e não apenas textos narrativos (...)*”²³ e linhas de pensamento de grandes pensadores que vai relatando em conjunto com a progressiva evolução de todos os fatores económicos, como o trabalho da terra, o estabelecimento de cidades, os mercadores, as rotas de comércio, a conquista do meio natural, aludindo a um conceito-chave que abordámos com a nossa turma de 10º ano de escolaridade, o conceito de arroteamento, sendo este um processo em que “*as florestas, as charnecas, os pântanos e o próprio mar iniciaram um recuo que viria a ser muito amplo.*”²⁴

Guy Fourquin, também faz uma análise dos progressos técnicos que aconteceram nos séculos que nos propusemos trabalhar com os nossos alunos, sendo exemplo, o que o próprio autor refere “*que os grandes arroteamentos não teriam podido realizar-se e a população não teria podido crescer durante séculos sem a ajuda de novas técnicas, mais aperfeiçoadas (...) mas antes de mais, novos instrumentos*”²⁵ que foram fulcrais para o Homem medieval e para o crescimento demográfico.

Doravante, como o próprio título indica, as questões económicas são tratadas ao longo da obra que foi estruturante para a realização do nosso trabalho, referindo que no nosso prisma Guy Fourquin foi bastante pormenorizado, possibilitando aos estudantes e interessados por História Medieval um largo leque de informações e argumentos que auxiliam a ação docente com uma boa base científica.

Apresentamos também a obra de Robert S. Lopez, *A Revolução Comercial da Idade Média 950-1350*, que refletindo a mesma temática vem ao encontro da tese de Guy Fourquin, quando refere que “*no século X, os indícios eram claros e inconfundíveis: a população estava a aumentar*”²⁶, dando uma noção mais ampla da Idade Média e uma visão mais social incluindo diversas áreas geográficas, como inéditamente também se sustenta de comparações entre realidades de várias épocas.

²³Idem, *ibidem*, p.12

²⁴Idem, *ibidem*, p.145

²⁵Idem, *ibidem*, p.158

²⁶LOPEZ, Robert S., *A Revolução Comercial da Idade Média 950-1350*, Lisboa, Editorial Presença, 1980, p.39

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Sendo estas obras fundamentais que se complementam entre si e tendo consciência que não trabalhamos apenas a história económica, e os tempos áureos da Idade Média, também abordámos nas nossas aulas o tempo de crise e estagnação que a época medieval conheceu em muitos locais do mundo conhecido à época, sendo que repetimos várias vezes ao longo da prática letiva para os nossos jovens que a “História tem um carácter cíclico” ou melhor, “a História é feita de ciclos” e para aprofundarmos esse tempo de crise, baseámo-nos no trabalho de Philippe Wolff, intitulado *Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?* Que incide exatamente na temática da fome, das epidemias e dos conflitos.

Como o próprio autor indica, “*As fomes, as epidemias, a guerra: eis a sinistra trindade que reterá agora a nossa atenção.*”²⁷ Numa primeira parte em que o autor de uma forma clara, utiliza o conhecimento de diversas fontes, estudos e pensamentos de diversos Historiadores para ir relatando como poderá ter acontecido, à semelhança de uma narrativa modesta de leitura linear e clara dos acontecimentos.

Numa segunda parte da obra, o autor já incide numa história menos dramática digamos assim, mais voltada para o desenvolvimento e engrandecimento da Idade Média, fazendo uma investigação sob a vertente económica como verificamos quando a obra trata a história económica rural, a alimentação, a economia industrial, o início da economia monetária, a revolução dos meios de transporte, o início da imprensa mostrando uma viragem para a cultura e pensamento do Homem Medieval. Alargando então a investigação até ao século XV, dando uma visão mais alargada do período medieval e de todas as suas vertentes humanas.

²⁷WOLFF, Philippe, *Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?*, Lisboa, Edições 70, 1998, p.13

2.4 Cidades Medievais

Neste último ponto trabalhámos uma temática mais específica que abordámos durante a nossa prática letiva, a questão da Cidade Medieval: constituição e seu desenvolvimento. Sendo que neste ponto iremos mostrar obras referentes a esta temática que nos serviram também de base para um melhor conhecimento científico, porque acreditamos que não existem boas práticas sem teorias que as sustentem.

Antes de mais, devemos referir que é importante a abordagem a este tema devido à carga histórica, patrimonial e cultural que a cidade Medieval tem no território português e por ser um símbolo visível que liga a atualidade à época medieval, levando muitas vezes a ser um local de interesse, curiosidade e gosto por parte de miúdos e graúdos, sendo então um dos grandes argumentos para uma abordagem mais ampla, contudo demasiado rápida em termos de horário curricular.

No entanto, de forma didaticamente estimulante, mas não como gostaríamos, pois, a melhor forma de o fazer seria através de uma visita de estudo, por exemplo à cidade de Óbidos, algo, que para um mestrando em ensino de História não é fácil de organizar devido a muitos fatores como por exemplo não sermos efetivos na escola. Contudo, achamos que é importante destacar que a turma do 10ºE este ano letivo em colaboração com a disciplina de Língua Portuguesa realizou uma visita de estudo à Lisboa Medieval, o que nos levou a adotar uma estratégia diferente que noutro momento do trabalho iremos demonstrar.

Historicamente sabemos que existiu um renascimento urbano no período medieval que levou ao desenvolvimento de um comércio mais ativo e consequentemente fez com que surgissem mais núcleos civilizacionais e ao desenvolvimento dos já existentes, levando à criação de novas instituições e funções que a Idade Média fez evoluir e, como refere o autor Sérgio Luís Carvalho, “*da soma de legados e modificações nasce a cidade medieval, com a sua história e com a sua alma*”²⁸ que tentámos transmitir aos nossos alunos.

²⁸CARVALHO, Sérgio Luís, *Cidades Medievais Portuguesas: Uma introdução ao seu estudo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989, p.19

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Ainda sobre este tema sabemos que uma das grandes máximas defendidas principalmente no seio escolar é de que posteriormente à Queda do Império Romano do Ocidente houve uma fuga das populações citadinas para os campos, o que em parte não deixa de ser real, pois, com as sucessivas pilhagens e destruições feitas pelos povos invasores foi natural que as populações tentassem refugiar-se de alguma forma, tendo algumas cidades sido abandonadas e sofrido destruições.

Contudo, contrapondo esse ideal o grande autor Henri Pirenne que nos deixou o título *As cidades da Idade Média* à qual o próprio indica que quis “*simplesmente realizar uma tentativa de síntese acerca dos assuntos mais interessantes da história social da Europa*”²⁹, obra simples mas cuidada em termos científicos, onde se constata que “*(...) enganar-nos-emos completamente se imaginássemos que a chegada dos Germanos teve como resultado substituir o comércio e a vida urbana por uma economia puramente agrícola e o estagnar geral da circulação. A repulsa dos bárbaros pelas cidades é uma fábula convencional desmentida pela realidade. Se nas fronteiras-limites do Império algumas cidades foram pilhadas, incendiadas e destruídas, é incontestável que a imensa maioria sobreviveu*”³⁰ tal como o comércio não foi descurado sentindo apenas certas contrariedades e inconvenientes mas não cessou, pois, “*a manutenção do comércio depois das invasões germânicas e, simultaneamente, a manutenção das cidades que eram o centro desse comércio e dos mercados que lhe serviam de instrumento explica-se pela continuação do tráfico mediterrânico.*”³¹

No entanto, Henri Pirenne também nos demonstra que existiu realmente um tempo de algum declínio comercial, urbano e monetário no século IX³² que se foi alterando a partir do século X quando a Europa inicia um período de desenvolvimento e quando as cidades se engrandeceram urbanística, comercial e socialmente.

Em termos sociais há que referir que o comércio e o desenvolvimento urbano, criaram uma série de locais, funções e cargos que eram inéditos para a época, que surgiram e se desenvolveram vincando cada vez mais a sua importância, acontecendo um fenómeno de progressão social, como é exemplo o caso da Burguesia, já que

²⁹PIRENNE, Henri, *As Cidades da Idade Média*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d., p.13

³⁰Idem, *ibidem*, p.21

³¹Idem, *ibidem*, p.23

³²Idem, *ibidem*, pp.32-70

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

“(…) nunca antes existiu uma classe de homens tão especificamente, tão estreitamente urbana, como foi a burguesia medieval”³³, termo que diversos manuais escolares referem como sendo conhecido por significar primeiramente, pessoas que habitavam os burgos, ou seja, comunidades que se localizavam fora de muralhas, depois, sendo o termo utilizado para identificar aqueles que se empregavam no comércio e no artesanato e que a sua riqueza era determinada pelo dinheiro que esses setores económicos proporcionavam³⁴.

Achamos correta a tese de Henri Pirenne que refere que nenhuma civilização com vida urbana estabelecida “*se desenvolveu sem comércio ou indústria*”³⁵, ou seja, o início da vida urbana está intrinsecamente ligada ao renascimento económico e tal como Sérgio Luís Carvalho menciona “*nenhum núcleo urbano surge do nada*”³⁶ e não é estanque, uma cidade é um produto que se vai modificando ao longo do tempo e através de culturas e hábitos que nela vão surgindo e é neste âmbito que nos cingimos ao estudo da realidade urbana medieval de Portugal.

A cidade medieval portuguesa teve vários agentes modificadores da realidade urbanística, isto é primeiramente a realidade romana, depois a muçulmana e por fim a realidade cristã. Inicialmente as cidades que existiam eram pouco desenvolvidas, e como diversos estudos indicam, com a chegada dos Muçulmanos a território ibérico, houve uma capacidade de aperfeiçoamento, revelando uma cultura urbanística muito própria, com cidades muralhadas devido às “*necessidades defensivas*”³⁷, sendo tal facto atualmente visível em algumas localidades portuguesas. Com “*ruas estreitas onde o sol pouco penetrava, tornando a rua fresca, e de direcção irregular, mudando frequentemente de sentido, sendo que as ruas principais cruzavam-se no centro, onde se situava o núcleo central ao nível cultural, comercial, administrativo e religioso.*”³⁸

Relativamente à realidade cristã, o autor Sérgio Luís Carvalho refere que em termos urbanísticos mostrou-se mais coerente, mostrando uma cidade mais regular e estruturada que se baseava ou tinha como sustentáculo um local religioso ou um

³³Idem, *ibidem*, p. 110

³⁴FORTES, Alexandra, [et al.], *Linhas da História*, Parte 2, Lisboa, Areal Editores, 2016, p. 40

³⁵PIRENNE, Henri, *op.cit.*, p.109

³⁶CARVALHO, Sérgio Luis, *op.cit.*, p.9

³⁷Idem, *ibidem*, p.13

³⁸Idem, *ibid.*, pp.13-16

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

acidente geográfico³⁹, existindo um espaço na cidade mais centralizado para se realizar um mercado ou outras atividades importantes para a mesma.

Não obstante é necessário referir, como o próprio autor faz, que existiam nuances entre o Norte e o Sul de Portugal, sendo que um teve uma tradição muçulmana mais vincada que outra, e naturalmente em termos geográficos os terrenos de ambas as zonas de Portugal Continental tiveram um papel fulcral nas características urbanísticas existentes e na mesma ótica surge-nos um grande historiador português e especialista medieval que refere exatamente a mesma ideia em relação às diferenças do Norte e do Sul do território, referindo, “ (...) *as diferenças impostas pela geografia física e expressas na geografia humana revelam-se também em paralelos contrastes nos domínios (...) agrícola, das estruturas do parentesco, da dialectologia e dos próprios sistemas económicos-sociais (...) dos falares do Norte e falares do Sul, do regime senhorial por oposição ao regime concelhio. Há, de facto, dois países, que alguns séculos de convivência ocultaram (...). As oposições entre regiões mais ou menos romanizadas entre Norte cristão e Sul muçulmano, entre Norte senhorial e Sul concelhio (...).*”⁴⁰

Entendemos que a ideia de “um país duas realidades”, não é de forma alguma desapropriada e para o demonstrar existem vários argumentos e fatores que ainda hoje são visíveis. Sobre as cidades medievais, distinguimos um relevante artigo cuja autora é a Professora Doutora Manuela Santos Silva, pessoa pela qual temos a maior estima e consideração e que nos fez gostar tanto da História Medieval, nomeadamente sobre a constituição e desenvolvimento das cidades medievais portuguesas, em que se aborda todas as características e questões inerentes à cidade medieval, sejam elas físicas, humanas e até documentais, como é exemplo a outorga de cartas de foral.

Relativamente à história e constituição das cidades medievais a autora refere exatamente a ideia-chave que predomina em todos os pensadores e investigadores que trabalhamos até ao momento, ou seja, a ideia de que “*encontramos (...) em quase todas as cidades da época medieval, traços semelhantes que derivam não só de fatores inerentes à estrutura física que lhes era comum, mas também das influências*

³⁹Idem, *ibidem*, p.18

⁴⁰MATTOSO, José, *O essencial sobre a Formação da Nacionalidade*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, pp.50-51

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

culturais e civilizacionais trazidas à península por povos eles próprios herdeiros de uma remota tradição urbanística.”⁴¹

No caso Português, não sendo inédito, as cidades que iam surgindo com todas as suas características próprias e diferenciadas, deviam “o [seu] crescimento e a multiplicação (...) [ao] desenvolvimento e a diversificação das atividades económicas, nomeadamente as comerciais.”⁴²

Esse crescimento e desenvolvimento levou à criação e outorga de um documento que ainda não tínhamos abordado aqui como é o caso da carta de foral. A carta de foral foi um elemento muito importante na história das cidades medievais porque é nela que vêm descritos muitos aspetos decisivos à vida dentro da cidade, como exemplo, os direitos e deveres dos moradores, os impostos, as multas, e outras normas da vida urbana, entre outros aspetos sociais, económicos e até culturais. Devido à sua grande importância para a história da cidade medieval iremos abordar neste trabalho a forma como tratámos este tema nas nossas aulas.

Uma carta de foral ou forais, não é necessariamente um conjunto de documentos que tivessem originado uma povoação tal como lemos no manual escolar adotado pela Escola Secundária Camilo Castelo Branco, quando define carta de foral: “documento atribuído pelo rei ou pelos senhores (laicos ou eclesiásticos) cuja outorga dava origem à formação de um concelho (...)”⁴³ Muitas das vezes, tal como a professora Manuela Santos Silva refere é que “(...) a outorga de forais de características diferenciadas às povoações do recentemente formado reino de Portugal se destinava ao cumprimento, em cada uma delas de determinados objetivos: povoamento de uma região, defesa de uma fronteira e captação de efectivos militarizados, para a “causa” portuguesa, incentivo ao desenvolvimento comercial e artesanal de uma determinada povoação, incentivo ao estabelecimento em determinados pontos de povoadores úteis – cavaleiros, cruzados, eclesiásticos, etc. Deste modo, várias “famílias” de forais com características internas comuns podem constituir-se a partir do conjunto dos forais.”⁴⁴

⁴¹SILVA, Manuela Santos, “As cidades (séculos XII-XV)” in *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, (Dir. João Medina), Volume III, Lisboa, Ediclube, 2001, p.251

⁴²Idem, *ibidem*, p.260

⁴³FORTES, Alexandra, *op.cit.*, p.61

⁴⁴SILVA, Manuela Santos, *op.cit.*, pp.257-258

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Um aspeto fundamental ao estabelecimento de núcleos urbanos na História de Portugal que a autora referiu é a questão da defesa de fronteiras ou manutenção de fronteiras devido à “causa portuguesa”, mais conhecida como Reconquista, termo que adiante iremos abordar com mais atenção. Contudo, sobre este assunto e a correlação entre cidade e reconquista a autora refere que “*à medida que o movimento reconquistador ia avançando no terreno, os monarcas portugueses preocupavam-se em criar, nas regiões que recuperavam (...) infra-estruturas organizativas e defensivas que incluíam o seu povoamento e a sua integração na estrutura administrativa do reino.*”⁴⁵ Mostrando um carácter diferente do estímulo urbanístico português.

Concluindo, no ponto referente às cidades medievais é importante referimos diversos fatores e argumentos que utilizámos com os nossos alunos, devido à herança medieval que Portugal ainda hoje usufrui a tantos níveis, como cidades umas mais completas que outras, as cartas de foral existentes que podem ser analisadas nos dias de hoje, as tradições que afincadamente se prolongaram ao longo dos tempos até aos nossos dias, mas acima de tudo, é relevante compreender que a cidade medieval é a base para o desenvolvimento económico e para todo o dinamismo europeu que se deu sobretudo nos séculos XII e XIII tendo sido interrompido pelas grandes pestes do século XIV.

2.5 A Reconquista

Como o próprio título indica a temática que abordaremos em seguida é o fenómeno da Reconquista, conteúdo fundamental para todos os alunos de História de Portugal. Contudo, alertamos que inéditamente esta matéria não é obrigatória para os 10º anos de escolaridade nas escolas portuguesas, encontrando-se nos manuais escolares em secções intituladas de “Recuperação de Conhecimentos”.

No entanto, devido à importância histórica da génese do reino de Portugal e para enaltecermos essa época imperativa que teve contornos exclusivos, um deles a

⁴⁵Idem, *ibidem*, p.261

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

capacidade de atualmente nos caracterizarmos como uma nação de Portugueses, achamos necessário abordar este tema com os nossos alunos. Para tal, enveredámos numa leitura sobre algumas obras específicas. Contudo, sabemos que as Histórias Gerais sobre História de Portugal foram deveras importantes para a nossa base científica, mas existe um sem número de outros autores que apresentam títulos exclusivos sobre a mesma temática, como é exemplo, as obras *História da Reconquista* de Philippe Conrad e as *Guerras no Tempo da Reconquista 1128-1249* de Maria Cristina Pimenta.

Antes de iniciarmos um enquadramento científico, queríamos insistir sobre o conceito-chave de «Reconquista». Como referem muitos autores, é um conceito que tem as suas exclusividades, pois tem de se reger de uma certa durabilidade, ter um sentido ideológico e por fim terá consequências ao nível territorial. Basicamente, o termo «Reconquista», tem um significado que supõe a recuperação de determinado território que foi usurpado.

No entanto, em Portugal a ideia de «Reconquista», presumivelmente, só é bem empregue com D. Afonso III, dado alguns monarcas anteriores, não terem o objetivo primordial de conquista de território, mas sim uma vontade de pilhar, determinada região, apenas, para saquear as suas riquezas e excedentes e rapidamente ausentar-se⁴⁶ – o *fossado*. Sendo este último um tipo de ação que não se baseou em luta armada, simplesmente foi feito pelos guerreiros para depauperar o inimigo, logo, diretamente não pode ser associado à conquista territorial⁴⁷, sendo esta teoria discutível porque o desgaste do inimigo faz parte de uma estratégia de conquista ou de defesa.

Muitas vezes se associa o fenómeno de «Reconquista» com o de «Repovoamento» e este último, surge como estratégia de ocupação de espaços desabitados pelos vencidos, para se iniciar uma rigorosa proteção da fronteira. Por conseguinte, concluímos, que foi no século XI, que teve início verdadeiramente o fenómeno da Reconquista contra os mouros no nosso território⁴⁸.

Podemos verificar que existem muitas teorias sobre o próprio sentido de reconquista. No entanto, para Philippe Conrad, “o termo *Reconquista* [designa] a

⁴⁶MATTOSO, José, *História de Portugal*, Vol.I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p.476

⁴⁷Idem, *ibidem*, p.487

⁴⁸Idem, *ibid.*, pp.476-477

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

luta que, do início do século VIII até ao fim do século XV, permitiu aos reinos cristãos do Norte da Península Ibérica substituírem-se aos poderes muçulmanos que nela se tinham estabelecido sucessivamente.”⁴⁹ Nesta obra, num estilo mais denso e pormenorizado, é retratada a Reconquista Peninsular. No entanto, é mais voltada para a visão espanhola, fazendo alusão a alguns episódios portugueses. Philippe Conrad tem como base diversos historiadores e pensadores para trabalhar o assunto da reconquista. Exemplo disso, é quando expõe as opiniões de “(...) Ignacio Olagüe, «os Árabes nunca invadiram a Espanha.(...)[Muitos] historiadores refutaram completamente esta hipótese e dispõem de numerosos elementos que confirmam bem a realidade da conquista muçulmana. (...) [E como] Pierre Guichard mostrou que é sem dúvida mais correcto imaginar a chegada de grupos tribais inteiros, de clãs constituídos, que vão manter durante muito tempo, pelo menos até ao século IX, a sua identidade própria no seu novo ambiente ibérico (...).”⁵⁰

Chegada de tribos? Conquista muçulmana? Inicialmente sabemos que no nosso território viveram muitas tribos e muitos povos, um deles os Visigodos que devido a fraquezas económicas e sociais e a constantes rivalidades levou a que “a conquista muçulmana [chegasse] às margens marroquinas do Atlântico”⁵¹. Um dos episódios que retrata a conquista muçulmana da Península é chama de Batalha de Guadalete em que a “localização exacta do confronto permanece um tema de discussão. [Foi quando] Rodrigo correu vindo do Norte, onde combatia Bascos e Cantábricos, e a Batalha decisiva deu-se durante o mês de Julho de 711 nas margens do rio Guadalete (...) O resultado do combate é bem conhecido. Traído pelos contingentes que se tinham mantido fiéis aos partidários dos descendentes de Vitiza, o rei visigodo, completamente derrotado, morre durante a luta. O seu vencedor tenta então submeter a totalidade da Península.”⁵²

Dando-se mais tarde o derradeiro momento em que se inicia a reconquista cristã, quando “Pelágio, um nobre visigótico descendente do rei Chindasvinto, fugiu de Toledo para agrupar numa zona de refúgio alguns partidários de infeliz rei Rodrigo de modo a continuar a luta contra os invasores (...) Pelágio infligiu uma primeira derrota aos muçulmanos em Covadonga, em 722, e o acontecimento seria o ponto de

⁴⁹CONRAD, Philippe, *História da Reconquista*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d., p.11

⁵⁰Idem, *ibidem*, pp.16-19

⁵¹Idem, *ibidem*, p.7

⁵²Idem, *ibidem*, p.13

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

*partida de uma reconstituição do reino visigótico (...) [Sendo que] a ideia de «Reconquista» terá aparecido quando, sob a influência dos clérigos moçárabes refugiados nos retiros montanhosos do Norte, a monarquia asturiana justificou dessa forma a sua vontade de expansão.”*⁵³ Sendo que a partir deste momento foi uma luta permanente, de avanços e recuos na mão de Visigodos, mais tarde de Leoneses, Castelhanos e de Portugueses.

Para melhor relatar a situação da reconquista nas mãos dos Portugueses, sendo anacrónico falar inicialmente de Portugueses, encontramos a obra inserida na coleção Guerras e Campanhas Militares da História de Portugal, da autora Maria Cristina Pimenta, que num estilo mais denso mas com uma leitura mais fluida a autora trata igualmente na história de Portugal ao contrário de Phillipe Conrad, com base nas fontes de época, nas crónicas, argumentando com dados de historiadores como Alexandre Herculano, recorrendo igualmente a grandes poetas como Luís de Camões para tornar a leitura mais rica, como podemos verificar:

“Com tal milagre os ânimos da gente

Portuguesa inflamados, levantavam

(...)

Dizendo em alta voz: “Real, real,

*Por Afonso, alto Rei de Portugal!”*⁵⁴

A obra vai sendo escrita com base nos episódios históricos que mais são relevantes para a génese e consolidação do reino de Portugal, como podemos verificar, logo no início da outorga de uma porção de território por D. Afonso VI a D. Henrique, *“que contrairia matrimónio com Teresa, filha bastarda do mesmo monarca (...) [e que D. Afonso VI] decide-se [pela outorga] de uma segunda zona mais a Sul (até Coimbra)”*⁵⁵, em seguida ao longo de toda a obra, a autora aborda episódios como a batalha de São Mamede, a Batalha de Ourique, a tomada de importantes baluartes para a constituição do reino português, como foi o caso de Santarém e Lisboa e a posterior perda também é retratada pela autora, os feitos de D.

⁵³Idem, *ibidem*, pp.34-35

⁵⁴Luís de Camões, “Os Lusíadas” Canto III in PIMENTA, Maria Cristina, *Guerras no Tempo da Reconquista 1128-1249*, Lisboa, Quidnovi, 2008, pp.30-31

⁵⁵PIMENTA, Maria Cristina, *op.cit.*, p.19

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Sancho I, ou os não feitos por assim dizer, os acontecimentos de D. Sancho II e D. Afonso III e a total conquista do Algarve.

Sabemos que a conquista portuguesa foi um processo de avanços e recuos até à sua oficial consolidação, além de se estender territorialmente contra inimigos, foi essencial aos olhos do Papado uma região que elevasse a importância de uma boa relação com a cristandade, mas o mais importante para nós é estabelecermos a ideia com os nossos alunos de que é um assunto imperativo de ser abordado, seja de que forma for, seja pela abordagem aos episódios históricos, seja pela abordagem da ação dos reis, por datas, é a nossa base como cidadãos portugueses que está em causa e tal como a autora refere “*todos estes monarcas são personagens conhecidos do público, os quais, na individualidade do seu carácter e da sua acção, representam, para cada um de nós, um encontro com as diferentes realidades desse Portugal longínquo, tantas vezes preterido em prol de épocas mais recentes, mas onde nos revemos com o mesmo orgulho e admiração.*”⁵⁶ Sendo que essa admiração e orgulho cabem a nós professores estimular.

3. Enquadramento Curricular

Em termos curriculares o Programa de História do Ensino Secundário⁵⁷ contém nove módulos, cada um deles aludindo a uma temática histórica distribuída pelos 10º, 11º e 12º anos de escolaridade. No 10º ano de escolaridade são lecionadas três grandes temáticas: As Raízes Mediterrânicas na Civilização Europeia- cidade, cidadania e Império na Antiguidade Clássica; O Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII e XIV – Espaços, Poderes e Vivências e A Abertura Europeia ao Mundo – Mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI.

⁵⁶Idem, *ibidem*, p.8

⁵⁷Vide MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Programa de História A / 10.º, 11.º e 12.º Anos /Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas / Formação Específica / Homologação / 16/03/2001 (10.º Ano) / 01/04/2002 (11.º e 12.º Anos) Autoras / Clarisse Mendes (Coordenadora) / Cristina Silveira / Margarida Brum. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 2002, disponível em CD-ROM

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Reunindo com a professora cooperante, ficou acordado que iríamos trabalhar com a turma, respeitando a continuidade dos conteúdos e o interesse de cada mestrando nas matérias onde se sentiam mais à vontade, a lecionação das temáticas do programa que se encontra em anexo: 1.2, 2, 2.1 e 2.2. Sendo que o ponto 1.2 intitula-se “O quadro económico e demográfico – expansão e limites do crescimento”. Encarámos positivamente esta distribuição de trabalho, pois, a Idade Média é um tempo histórico que nos interessa bastante e achamos que é um período que facilmente estimula os nossos alunos ao conhecimento histórico.

Esse ponto apresenta-se como um subtema do Módulo intitulado “A identidade civilizacional da Europa ocidental”, e o ponto 1.2. é muito específico, onde são trabalhadas as questões económicas, demográficas e sociais, dos séculos XII a XIV, e onde é necessário compreender que existiu uma série de progressos técnicos que levaram a um nível de subsistência maior, contribuindo para uma expansão demográfica e uma dinamização do comércio em grande escala pela primeira vez na Europa sendo este fator o cerne da questão, pois este comércio avivado e muito desenvolvido marcará todo o rumo da história económica, sendo imperativo que se tenha em conta que as raízes do comércio internacional se iniciaram na Idade Média.

Contudo, este subtema também retrata o carácter cíclico da história, demonstrando o desequilíbrio demográfico que se deu a partir do século XII, com os maus anos agrícolas, provocando fomes, e debilitando os corpos, tendo contribuído muito para a proliferação de doenças, com destaque para a mais importante dos tempos medievais, a *Peste Negra*, e as sucessivas guerras e conflitos sociais que se deram na Europa do tempo.

Os subtemas 2 e 2.1 dizem respeito à História do Reino de Portugal, sendo que o ponto 2 se intitula “O Espaço Português – a consolidação de um reino cristão ibérico” em que o principal objetivo é compreender e refletir a especificidade do caso português, num período de afirmação de identidade do Reino, e de uma política e sociedade autónomas, que é imperativo exaltar na disciplina de História, pois é fundamental reforçarmos a identidade nacional que foi sempre um objetivo dos programas da disciplina e *“é notória a forma como a história nacional surge integrada na história europeia e universal (...) [sendo importante] desenvolver uma*

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

consciência crítica dos problemas e valores nacionais”⁵⁸ pelo que o principal tema deste conteúdo é a Reconquista, com todos os seus conhecidos avanços e recuos que levaram ao território que hoje em dia conhecemos como Portugal e toda a estrutura de povoamento que foi utilizada.

Temáticas, como a Reconquista e a fixação de território, muito longas em termos de conteúdo - e provavelmente será esse o argumento para não constarem pelo menos a primeira -, de conteúdo obrigatório no 10º ano de escolaridade, pois, “*à luz desta concepção científica da história, o ensino tinha de seleccionar e reduzir os factos ao mínimo necessário*”⁵⁹, já que todos os nomes e datas históricas poderiam criar um problema no que respeita à memorização por parte dos alunos. Contudo, sabemos que o período histórico por nós abordado é vasto e pormenorizado e seria fastidioso, sobretudo para os alunos. No entanto, é necessário abordar a temática com uma base sólida para que os estudantes sejam futuros cidadãos cultos e conhecedores da sua própria história e, como o programa de História A do secundário indica é necessária a “*construção do conhecimento histórico e das virtualidades formativas da disciplina.*”⁶⁰

Como a História e o conhecimento histórico “*(...) decorre de uma construção rigorosa, resultante da confrontação de hipóteses com os dados obtidos na pesquisa e na crítica exaustiva de fontes diversificadas, circunscritas num tempo e num espaço identificadas (...) e tal como acontece em outros domínios científicos, também a História tem vindo a mudar: formulam-se novas hipóteses, identificam-se novos objectos, diversificam-se metodologias, estabelecem-se relações mais amplas com outros saberes, constroem-se novas interpretações. Este alargamento do campo historiográfico tem vindo porém, a evidenciar a inevitável revisibilidade do conhecimento ou mesmo a dificuldade em elaborar sínteses de grande dimensão outrora julgadas possíveis (...)*”⁶¹, sendo cada vez mais um problema para o ensino da História, a dificuldade de elaborar sínteses que muitos julgam possíveis, mas nós professores questionamo-nos como fazê-lo na disciplina de História na qual corremos o risco de diminuir os objetos de estudo e tornar a História redutora.

⁵⁸SANTOS, Luís Filipe, *op.cit.*, p.94

⁵⁹Idem, *ibidem*, p.97

⁶⁰Ministério da Educação, *op.cit.*, p.4

⁶¹Idem, *ibidem*, p.4

4. Teorias da Aprendizagem

Sabemos que a prática docente não se faz apenas com uma boa base científica, também é sustentada por um conhecimento pedagógico que se baseia na teoria e na aplicação prática das *teorias educativas*, tão importantes à vida de um docente, e aprendidas sobretudo na formação de professores.

As teorias educativas apresentam-se em largo número, vão desde as mais espiritualistas até às mais académicas. Contudo, a contenção legal de páginas não nos permite apresentarmos todas. O que acontece normalmente é a demonstração dos autores que nos influenciaram mais, pelo que será na narrativa das aulas e dos seus respetivos comentários, que demonstraremos como foram assimiladas as teorias escolhidas.

Fundamentámos as nossas leituras em diversas obras de que nos servimos para os trabalhos académicos, nomeadamente a obra de Yves Bertrand, intitulada *Teorias Contemporâneas da Educação*, que nos forneceu uma síntese sobre as teorias e os modelos educacionais. Para o efeito servimo-nos dos exemplos contidos em diversos relatórios finais que consultámos nomeadamente o do Mestre em Ensino António Tereno, muito completo, e com muito bons quadros que foram de grande utilidade para nós, como se demonstra na seguinte citação: “[as teorias] que julgamos serem as mais objetivas e eficazes para escorarmos as fundações e alicerces do “edifício” didáctico que pretendemos propor (...).”⁶²

Para melhor analisarmos as teorias de educação, apresentaremos de seguida um quadro com as principais propostas:

⁶²TERENO, António Vitorino Simões, *O dinamismo civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII-XIV: espaços, poderes e vivências: uma proposta didáctica*, Lisboa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2013, pp.12-13

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Teoria	Behaviorismo	Humanismo	Cognitivismo	SocioCognitivismo	Construtivismo
Teóricos	Guthrie, Hull, Pavlov, Skinner, Thor	Maslow, Rogers	Ausubel, Bruner, Gagne, Koffka, Kohler, Lewin, Piaget	Bandura, Rutter	Candy, Dewey, Lave, Piaget, Rogoff, Von Glaserfeld, Vygotsky
Visão do processo de aprendizagem	Mudança no comportamento	Um ato pessoal para realizar o seu potencial	Processamento de informação (incluindo percepção, memória e metacognição)	Interação e observação dos outros num contexto social	Construção do conhecimento através da experiência
Incidência da aprendizagem	Estímulos do Ambiente Externo	Necessidades cognitivas e afetivas	Estrutura cognitiva interna	Interação da pessoa, comportamento e ambiente	Construção individual e social do conhecimento
Propósito da educação	Produzir uma Mudança comportamental na direção desejada	Tornar-se “auto-atualizado”, adulto e autónomo	Desenvolver capacidades e habilidades para aprender melhor	Aprender novos papéis e comportamentos	Construir conhecimento

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Papel do professor	Organizar o ambiente de modo a provocar a resposta desejada	Facilitador do desenvolvimento pessoal como um todo	Estruturar os conteúdos da atividade de aprendizagem	Modelar novos papéis e comportamentos	Facilitar e negociar a construção de significados com o aprendente
Manifestação na aprendizagem adulta	<ul style="list-style-type: none"> - Objetivos <i>behavioristas</i> - Prestação de resultados - Desenvolvimento e treino de habilidades e de recursos humanos 	<ul style="list-style-type: none"> - Andragogia -Aprendizagem Autodirecionada -Desenvolvimento cognitivo -Aprendizagem transformacional 	<ul style="list-style-type: none"> - Aprender a Aprender - Aquisição do papel social - Inteligência, aprendizagem e memória 	<ul style="list-style-type: none"> - Socialização -Aprendizagem Autodirigida - Controlo - Tutoria 	<ul style="list-style-type: none"> - Aprendizagem experiencial - Prática reflexiva - Prática grupal - Aprendizagem localizada

⁶³ **Quadro 1 – Teorias de Ensino Aprendizagem**

⁶³**Quadro 1 - Teorias de Ensino-Aprendizagem** Fonte: PEPE, Rui Miguel Valente Inácio, *Da Revolução Bolchevique à ditadura estalinista: opções de ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia apresentada ao Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Publicado eletronicamente em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15930/1/ulfpie046973_tm_tese.pdf no formato pdf. pp.18-19

Das teorias apresentadas e adaptadas de Yves Bertrand cingimo-nos a quatro.⁶⁴

- **Teoria Personalista:** Apresenta-se como uma teoria que se apoia basicamente no sujeito, tal como a noção de autonomia e liberdade do mesmo. É uma teoria libertária e não diretiva, ou seja, a pessoa apodera-se do controlo da sua aprendizagem, logo, o professor apresenta-se como um facilitador neste modelo de aprendizagem, e por isso é uma proposta educacional modelo muito livre e aberta.

- **Teoria Psicocognitiva:** Apresenta-se como uma teoria apoiada no modelo piagetiano, na psicologia cognitiva e na epistemologia construtivista. É uma Teoria que assenta nos processos de aprendizagem e nos conhecimentos preliminares do aluno, ou seja aqueles, que são avaliados na escola através da mais conhecida Avaliação de Diagnóstico, nas representações espontâneas, nos conflitos cognitivos, na cultura pré-científica dos alunos e na sua aptidão para a construção do seu conhecimento respetivo.

- **Teoria Sociocognitiva:** Apresenta-se como uma teoria que se apoia em agentes estruturantes como a cultura, o meio ambiental e o ambiente social, as condicionantes sociais do conhecimento e as interações sociais dos alunos, valendo-se muitas vezes esta teoria das ciências sociológicas, antropológicas, e na psicossociologia.

- **Teoria Académica:** Apresenta-se como uma teoria apoiada na transmissão de conhecimentos, mostrando-se a teoria mais tradicional e clássica, porque mais centrada na figura do professor. Esta teoria tem duas vertentes de apoio, os tradicionalistas e os generalistas, com as suas diferenças, mas no seu âmago defendem a exposição de conhecimentos, a excelência, o esforço e o empenho individuais, a disciplina e a tradição como valores a seguir e acima de tudo, o sentido cívico ao longo das aprendizagens.

Das várias teorias de Ensino-Aprendizagem decidimos analisar aquelas que nos serviram de guia na nossa prática letiva, e dessas teorias, iremos caracterizar os seus principais pensadores, como é exemplo, Jean Piaget, Jerome Bruner e Carl Rogers.

⁶⁴BERTRAND, Yves, *Teorias Contemporâneas da Educação*, Lisboa, Instituto Piaget, 2001, pp. 18-19

4.1 Jean Piaget (1896-1980)

Jean Piaget um nome incontornável em questões relacionadas com a Psicologia e Educação, desenvolveu o seu pensamento em torno de duas questões essenciais: a primeira, focaliza-se no processo de Desenvolvimento Cognitivo, isto é, no modo como se desenvolve a forma como adquirimos o conhecimento, ou seja, cada pessoa quando nasce possui aquilo a que se chama “herança” genética e todas as ações vão sendo assimiladas até produzirem um proto-conhecimento, um conhecimento inicial, digamos assim. Esse conhecimento, à medida que a criança cresce e vai acumulando mais experiências e informações resulta num **processo de assimilação**, ou seja, os seus conhecimentos anteriores remodelam-se para integrarem os novos conhecimentos, mas se tal não acontecer e os conhecimentos não coincidirem totalmente, existe como Piaget referiu um **processo de adaptação** até aos novos conhecimentos terem significado para a criança, chamando-se este último o **processo de equilíbrio**.

Este último processo muito importante, pois, é com ele que Piaget constrói a sua Teoria dos estágios de desenvolvimento cognitivo que se baseiam da seguinte forma:

- O sensório-motor (até aos 18 meses);
- O pré-operacional (dos 18 meses até aos 7-8 anos);
- O das operações concretas (dos 7 aos 12 anos);
- O das operações formais (depois dos 12 anos).

Como já referimos, a teoria psicocognitiva tem duas vertentes, e por isso Jean Piaget é igualmente um construtivista, devido à sua linha de pensamento e todos os argumentos que utiliza, na sua teoria baseada essencialmente na ação em que “*o sujeito constrói o seu conhecimento e se desenvolve num processo mais global de auto-regulação e de adaptação ao seu meio e segundo, os estádios do desenvolvimento da criança.*”⁶⁵

⁶⁵Idem, *ibidem*, p.66

4.2 Jerome Bruner (1915-2016)

Jerome Bruner, outro nome marcante no panorama educacional, também foi um pensador que se ligou muito à teoria cognitivista, acreditando que os adolescentes passavam por várias fases durante o seu desenvolvimento cognitivo, e que esse mesmo desenvolvimento vai-se postulando: “(...) *passo a passo, mercê das suas aprendizagens anteriores.*”⁶⁶

Bruner argumentava que o processo de aprendizagem tem várias etapas e que se deve ter em conta o seguinte:

1. O papel da **estrutura na aprendizagem** que consiste em outorgar ao aluno toda a informação sobre o conhecimento que irá apreender, e quais as suas implicações a curto prazo e o que pretende a longo prazo, pois, como o próprio pedagogo indicou, “*o primeiro objetivo de um ato de aprendizagem, para lá do prazer que possa proporcionar, é ter utilidade no futuro. Aprender não deve apenas conduzir-nos a um determinado sitio, mas deve permitir-nos continuar mais tarde esse caminho com maior facilidade*”⁶⁷.
2. A **disposição para a aprendizagem**, ou seja, o autor acreditava plenamente que “*qualquer tema se poderia ensinar a uma criança em qualquer idade e de uma forma que seja honesta.*”⁶⁸
3. A **aprendizagem pela Descoberta** - Bruner propôs que o aluno fosse um construtor do seu conhecimento, participando ativamente no processo de aprendizagem através da descoberta, não descurando os reforços positivos no processo de ensino-aprendizagem.
4. A **aprendizagem em espiral** - neste ponto o autor defendeu que todo o conhecimento, por mais simples que fosse, e que a criança tenha

⁶⁶BRUNER, Jerome, *O Processo da Educação*, Lisboa, Edições 70, 2014,p.51

⁶⁷Idem, *ibidem*, p.41

⁶⁸Idem, *ibidem*, p.13

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

apreendido iria ser sempre uma base para a construção de um conhecimento mais complexo e, como o próprio referiu, “*se a aprendizagem anterior tem entre os seus fins facilitar uma aprendizagem posterior, deve fazê-lo fornecendo um quadro geral nos termos da qual as relações entre as coisas anterior e posteriormente conhecidas se tornem o mais claras possível.*”⁶⁹

Jerome Bruner demonstrou assim as suas chaves de desenvolvimento para a Educação das crianças e dos jovens e acima de tudo teve a preocupação pela sua obra principal: *O Processo da Educação* de chamar à atenção às instituições escolares, pois, “*as escolas têm de contribuir para o desenvolvimento social e emocional da criança (...) se no que se segue a ênfase incide mais no lado intelectual da educação, não quer dizer que os outros objetivos desta sejam menos importantes. (...). Cultivar a excelência será talvez o objetivo mais geral da educação, mas deve esclarecer-se o sentido em que a expressão é usada. Refere-se não só a treinar os melhores alunos, mas também a ajudar todos os outros a atingir o seu máximo desenvolvimento intelectual.*”⁷⁰

4.3 Carl Rogers (1902-1987)

Carl Rogers, considerado um conceituado e importante psicólogo clínico e psicoterapeuta que exerceu nestas áreas a sua atividade profissional como também nas áreas da docência e de aconselhamento⁷¹. Inserido na teoria humanista, o seu ponto de vista é bastante centrado na pessoa e na personalidade, ao contrário das ideias mais tradicionais.

Verificamos que existem diferenças entre a teoria rogeriana e a teoria tradicional no modo como são vistos os próprios conceitos, **ensinar e aprender**, uma vez que na teoria rogeriana ensinar não é apenas transmitir um conhecimento e aprender não é

⁶⁹Idem, *ibid.*, p.37

⁷⁰Idem, *ibid.*, p.35

⁷¹FONSECA, Maria de Jesus Martins, *Carl Rogers: uma concepção holística do Homem, da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno*, Viseu, s.d., p.1, [em linha]. [consultado a 16 de Novembro de 2016]. Disponível em WWW:«ULR: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium36/4.pdf>

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

só conseguir memorizar esse conhecimento⁷², pois nada disso tem qualquer influência no comportamento, como Rogers defendeu. Assim o ensino deverá ter, e essencialmente ser um ensino em que a aprendizagem se baseie **na autodescoberta**, pois só assim haverá uma **assimilação pessoal da nossa experiência** tendo por ventura, um impacto maior no nosso comportamento, pois como o próprio indicou, “*a experiência [que] para mim é a suprema autoridade*”⁷³, alcançando-se aquilo que Carl Rogers designou de **aprendizagem significativa**⁷⁴.

Tal como Dewey, outro grande pedagogo, defendeu que só se aprende aquilo que foi experienciado, só o que por nós foi captado e que tem valor. Deste modo, Rogers argumentou que nada se pode ensinar, e que só o aluno sabe a direção que deve seguir pelo que considerou ser fundamental a criação de condições no meio escolar, para que a aprendizagem significativa pudesse progredir, passando o **professor a ser visto como um facilitador da aprendizagem** e também como um aluno e participante, um membro do grupo, pois, o professor também faz parte do processo dessa aprendizagem⁷⁵.

Uma questão distinta em relação a Carl Rogers foi a avaliação. Para este autor, os resultados da aprendizagem não têm tanta importância como a que lhe foi conferida pelo ensino tradicional, e por último, mas não menos importante, é essencial que se aprenda sobre si, individualmente ou em grupo e se admita que se tem dúvidas, para melhor se compreender a própria experiência, sendo que a avaliação ou os resultados pouco ou nada conseguem refletir o quanto positiva foi ou é a experiência de cada um.

Carl Rogers foi influenciado muitas vezes pela psicoterapia, uma vez que acreditava que a mesma influenciava a educação. A psicoterapia foi defendida pelo autor, defendendo ser importante a educação ter uma **aprendizagem significativa** que provoca uma mudança no comportamento do indivíduo não se limitando a conhecer acontecimentos, à qual o aluno começa a ver-se de modo diferente, aceita-se a si mesmo, torna-se flexível, adota objetivos reais e aceita os outros, apresentando-se todas estas características como particularidades da teoria da educação personalista, onde os professores devem ser os mais interessados em que os

⁷²Idem, *ibidem*, p.17

⁷³ROGERS, Carl, *Tornar-se Pessoa*, Lisboa, Padrões Culturais, 2009, p.47

⁷⁴FONSECA, Maria de Jesus Martins, *op.cit.*, p.17

⁷⁵Idem, *ibidem*, pp.17-18

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

seus alunos com as suas aprendizagens modifiquem pensamentos, e se conheçam a si mesmos adotando uma **educação relacional**, que é a base dos ideais de Carl Rogers e não adquiram conhecimentos que por ventura poderão esquecer⁷⁶.

Neste sentido é importante conhecer as principais características defendidas por Carl Rogers que influenciaram a **teoria personalista** da educação:

Primeiro, o principal tópico a realçar é a **congruência**, ou seja, o professor deve ser congruente na relação com os alunos, e não apenas um ator. O professor é livre e deve esforçar-se por levar o aluno a ter uma maior confiança e a ser livre e autónomo, tendo afirmado que *“o caminho para a liberdade e para a autonomia, para a independência, é o caminho para a congruência.”*⁷⁷

Aspetos como a **preocupação e compreensão por empatia** também são importantes na teoria de Carl Rogers, pois, o professor terá de mostrar uma verdadeira preocupação com o aluno, tentando compreender as motivações, os seus sentimentos e angústias como se fossem seus, mas que não o poderão afetar como profissional, e fazer o educando encontrar-se a si próprio, levando ao que Rogers definiu de **consideração positiva incondicional**, que pretende levar o estudante a possuir uma aprendizagem significativa.

Por último, o **método relacional**, que assenta na relação Professor/Aluno – Aluno/Professor, Aluno/Aluno. Com este método, o importante é que estas características sejam seguidas pelo professor, mas também pelos alunos, sendo essencial que os alunos aprendam, e não seja apenas algo que lhes tenha sido transmitido.

Concluindo, Carl Rogers foi um pensador que alertou ainda para a questão da liberdade, pois esta tem que ser fundamental na educação, bem como na auto aprendizagem, que leva pedagogicamente, a um total aproveitamento das potencialidades dos alunos.

⁷⁶ROGERS, Carl, *op. cit.*, p.325

⁷⁷Idem, *ibidem*, p.149

SEGUNDA PARTE

CONTEXTO ESCOLAR DA PRÁTICA LETIVA

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

*«A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a
vida, é a própria vida.»*

John Dewey

1. Enquadramento Histórico e Geográfico

A Escola Secundária de Camilo Castelo Branco situa-se numa área arborizada de 3,9 hectares na união de freguesias de Carnaxide-Queijas, Concelho de Oeiras, considerado um dos concelhos com o maior índice de escolarização e de rendimento *per capita* do país⁷⁸.

A origem de Carnaxide é um processo um pouco difícil de estabelecer. No entanto, devido a algumas pesquisas arqueológicas efetuadas pela FCUP na década de 50 e 60 do século passado, concluiu-se que existiram populações “*dos tempos da pedra lascada e da pedra polida.*”⁷⁹

Relativamente ao topónimo de Carnaxide é atribuída a origem Celta, Árabe ou Moura, “«carna-axide» (monte de terra vermelha) ou do celta «carn-achad» (terra de pedras soltas), aparece referida em documentação oficial apenas no século XIV, mas remonta ao século XII”.⁸⁰ Sendo que os Mouros deixaram neste povoado os seus processos de trabalho, hábitos, costumes e até vestígios da sua linguagem⁸¹.

Historicamente em 1759 por vontade de El-Rei D. José I, nasce o Concelho de Oeiras, com as Freguesias de Oeiras, S. Julião da Barra e parte de Carnaxide sendo esta última elevada a Vila em 1991. No entanto, são óbvias as alterações ao longo de muitas décadas na Freguesia de Carnaxide que inicialmente fazia parte do Reguengo de Alges que se estendia da Ribeira de Alcântara ao Reguengo de Oeiras.

Foi a primeira freguesia dos subúrbios da capital a ser criada e a terceira a nível nacional. Local de passeio de nobres e poetas, de entre os quais se destacam o rei D. Pedro V (visita frequente), Almeida Garrett, Tomás Ribeiro, Camilo Castelo Branco entre outros, era descrita à época como “*aprazível e de bons ares e muito abundante de excelentes águas.*”⁸² É de realçar o fato da Freguesia existir já em tempos

⁷⁸Vide Ministério da Educação, *Relatório de Avaliação externa*, Inspeção-geral da Educação, 2008, p.3

⁷⁹GOMES, Levy Nunes, *Carnaxide de Ontem e de Hoje*, Câmara Municipal de Oeiras, Gabinete de Comunicação, Oeiras, 2004, p.17

⁸⁰Vide União de Freguesias Carnaxide e Queijas [em linha]. [consultado 10 de Junho de 2017]. Disponível em WWW:«URL: <http://www.uf-carnaxide-queijas.pt/freguesia/breve-resenha-hist%C3%B3rica-das-freguesias.html>

⁸¹GOMES, Levy Nunes, *op.cit.*, p.17

⁸²Vide União de freguesias Carnaxide e Queijas [em linha]. [consultado 10 de Junho de 2017]. Disponível em WWW:«URL: <http://www.uf-carnaxide-queijas.pt/freguesia/breve-resenha-hist%C3%B3rica-das-freguesias.html>

primordiais com outras características e continuar a desenvolver-se sem se diminuir ou estagnar,⁸³ sendo sempre uma freguesia em alterações. Exemplo disso é a União de freguesias de Carnaxide-Queijas contribuindo para um maior desenvolvimento e engrandecimento da localidade, sendo que atualmente a sua população residente contabiliza-se em 25.911 habitantes, informação dada pelos Censos de 2011.

A união de freguesias de Carnaxide-Queijas pertence ao concelho de Oeiras que se destaca pelos elevados indicadores de crescimento demográfico, cultural e económico. Relativamente à freguesia de Carnaxide constata-se que é a freguesia mais jovem e com um maior número de famílias numerosas, sendo que a população residente trabalha, sobretudo, nos setores dos serviços e do comércio, e a Indústria e o Ensino são os maiores setores representados na freguesia. Em termos de infraestruturas Carnaxide tem se desenvolvido imenso nesse aspeto, detendo um grande número de núcleos industriais e empresariais.

Quanto às áreas de estudos mais expressivas dos habitantes da freguesia, destacam-se as Ciências Sociais, o Comércio, o Direito, as Humanidades e as Engenharias⁸⁴.

2. Breve História e Contextualização da Escola Secundária Camilo Castelo Branco de Carnaxide⁸⁵

Sede de Agrupamento, a Escola Secundária com 3º ciclo do ensino básico Camilo Castelo Branco, situa-se mais propriamente na morada Rua Luz Veloso contando atualmente com mil cento e trinta e cinco alunos.

A instituição escolar Escola Secundária de Carnaxide iniciou funções no ano de 1985 com uma população muito jovem, tanto alunos como pessoal docente e não docente, para responder às necessidades de uma freguesia em que dominava um núcleo de classe média muito forte. Iniciou nesse ano letivo com trinta e duas turmas

⁸³GOMES, Levy Nunes, *op.cit.*, p.23

⁸⁴Vide *Projeto Educativo* –Escola Secundária Camilo Castelo Branco 2008/2011, p.8

⁸⁵Vide Agrupamento de Escolas de Carnaxide. [em linha]. [consultado 19 janeiro 2016]. Disponível em WWW:«URL:<http://www.ecarnaxide.pt/entidade/es-camilo-castelo-branco>

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

de 7º ano funcionando em turno duplo, distribuindo os seus setecentos e oitenta alunos por pavilhões sem estarem completamente construídos, um laboratório e um polivalente⁸⁶.

Nos anos 90, deu-se o alargamento da escolaridade obrigatória como sabemos, tendo a escola sentindo a pressão exercida pela população, principalmente dos pais, devido à implantação de vários bairros sociais que circundavam a freguesia, querendo uma instituição escolar adequada que respondesse aos novos desafios, dado a ser uma zona considerada de risco, desejava-se uma escola com novos objetivos onde a oferta curricular fosse mais diversificada que combatesse tanto o abandono/insucesso escolar como o ambiente difícil que existia, situação essa que melhorou ao longo dos anos, sendo Carnaxide atualmente uma zona mais desenvolvida, à qual nos anos de 2007/08 a escola quis iniciar cursos de educação e formação de adultos, com o Centro Novas Oportunidades, que já não tem funções.

Em 1992 a escola adotou como oficial patrono o escritor Camilo Castelo Branco dado às conhecidas estadias do escritor na área ao longo de certos períodos de sua vida, não esquecendo que é um nome essencial e muito importante da cultura literária e artística nacional.

⁸⁶Vide *Projeto Educativo* – Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco 2008/2011, p.5

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem



Imagem 1 – Estátua de Camilo Castelo Branco em frente à Entrada da ESCCB

Fonte: <http://centronovasoportunidadesescsb.blogspot.pt/2012/09/novas-instalacoes-cno-agrupamento-de.html>

Em termos de infraestruturas a ESCCB estende-se numa área imensa e com infraestruturas de alta qualidade devido às remodelações exercidas recentemente no âmbito do programa nacional ParqueEscolar. Em termos de recursos físicos a escola possui laboratórios e oficinas, ginásio, serviços administrativos e secretaria, reprografia, papelaria, biblioteca em conjunto com sala de computadores, sala de vídeo, sala de diretores de turma, salas de departamento, sala de atendimento a Encarregados de Educação, sala de computadores para professores, bar, refeitório, sala de alunos, associação de estudantes, um variado leque de projetos e clubes estudantis e um magnânimo anfiteatro, onde se realizam as cerimónias de entrega de diplomas e prémios, conferências e cursos, sendo importante referindo que todos os mestrandos presentes na ESCCB assistiram a conferências diversas nesse local, como é exemplo, a conferência dada pelo atual Cardeal-Patriarca de Lisboa D. Manuel Clemente, pelo aniversário da instituição, entre outras.

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**



Imagem 2 – Entrada do Edifício principal da ESCCB

Fonte: <http://centronovasoportunidadesescsb.blogspot.pt/2012/09/novas-instalacoes-cno-agrupamento-de.html>



Imagem 3 – Planta 3D da ESCCB

Fonte: <http://www.jqpvt.pt/portfolio/parque-escolar-carnaxide>

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Em virtude de alterações de políticas educativas e escolares, a escola é sede do atual Agrupamento de Escolas de Carnaxide que assegura o percurso educativo do pré-escolar ao 12ºano, nas suas variantes de ensino regular e ensino profissional, composto pela Escola Básica de 1ºciclo com Jardim de Infância Antero Basalisa, pela Escola Básica do 1ºciclo Sylvia Philips, pela Escola Básica Vieira da Silva e pela Escola Secundária de Camilo Castelo Branco, da União de freguesias Carnaxide-Queijas e a Escola Básica do 1ºciclo com Jardim de Infância de S.Bento que pertence à Freguesia de Barcarena, tendo atualmente, uma população escolar de dois mil trezentos e trinta e dois alunos⁸⁷.

Caraterizando a população discente constata-se a predominância de alunos do género masculino, e são poucos os alunos que não têm nacionalidade portuguesa, vivendo a maioria na freguesia de Carnaxide⁸⁸. A oferta da escola assume também como prioridades a orientação para as necessidades formativas da sua população estudantil heterogénea, a responsabilidade pela qualidade do trabalho e a eficácia dos seus recursos humanos e materiais⁸⁹ e também as necessidades educativas especiais e pela preocupação na ação social, como pode comprovar o Quadro seguinte, em que podemos notar que referente ao ano letivo 2015/2016 registava-se 672 alunos que foram abrangidos pela Ação Social Escolar e 194 alunos com apoio de Educação Especial, representando 28,8% e 8,3% respetivamente, da atual população escolar.

⁸⁷Vide *Projeto Educativo* – Agrupamento de Escolas de Carnaxide, 2015/2017, p.6, disponível em CD-ROM

⁸⁸Vide *Projeto Educativo* – Escola Secundária Camilo Castelo Branco, 2008/2011, p.10

⁸⁹Vide Idem, *ibidem*, p.5

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

N.º de ALUNOS	AÇÃO SOCIAL ESCOLAR				ED. ESPECIAL		TOTAL
	Escalão A		Escalão B		Alunos c/ NEE		
Educação Pré-Escolar							
	18		22		1		150
1.ºciclo							
	1.ºano	28		22		6	167
	2.ºano	25		19		7	149
	3.ºano	26		27		17	172
	4.ºano	41		15		20	179
2.ºciclo							
	5.ºano	27		19		16	181
	6.ºano	33		19		20	199
3.ºciclo							
	7.ºano	48		23		29	223
	8.ºano	34		25		22	189
	9.ºano	35		32		20	202
Secundário							
	10.ºano	35		25		17	210
	11.ºano	18		24		10	166
	12.ºano	18		14		9	145
Total	386		286		194		2332

Quadro 2 – Evolução do nº de alunos abrangidos por medidas da Ação Social Escolar e nº de alunos com apoio de Educação Especial – Agrupamento de Escolas de Carnaxide

Fonte: Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Carnaxide 2015/2017, p.10

3. A Professora Cooperante

É de extrema importância fazermos uma breve apresentação professora cooperante, a muito estimada, exímia e profissional, Maria José Ferreira, que passo então a apresentar.

A docente Maria José Ferreira licenciou-se em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, terminando o curso em 1982 com 15 valores. Membro da Associação dos Professores de História. Atualmente é Professora Efetiva e do Quadro de Nomeação Definitiva na Escola Secundária Camilo Castelo Branco desde 1985-2016, na mesma instituição também foi Formadora do Centro Novas Oportunidades, na área de Cidadania e Profissionalidade entre 2008-2011. Também cumpriu funções Professora do 2º Ciclo, em acumulação, no Colégio Padre António Vieira (Linda-a-Velha), onde lecionou a disciplina de História e Geografia de Portugal e a área de Estudo Acompanhado entre 2000 e 2011.

Com ações de formação realizadas a vários âmbitos, como por exemplo, o Seminário “Qualificação nos Centros Novas Oportunidades, caminhos trilhados e percursos futuros” Auditório da Escola Secundária Dr. Azevedo Neves, Amadora, em Novembro de 2011, o Congresso da APH, “Imagens de República: Quotidiano e Cultura” Porto, Outubro de 2010, o Curso de Formação “Como mudar para um estilo de vida saudável em contexto escolar, familiar envolvente?” Faculdade de Motricidade Humana, Setembro de 2010 e a Ação de Formação para as equipas dos Centros Novas Oportunidades, Escola Superior de Educação, Universidade do Algarve, Faro em Novembro de 2008. Por fim a Ação de Formação para professores classificadores: Itens e Critérios: definição, construção e aplicação, em Maio de 2013.

Orientadora de estágios do ramo educacional em colaboração com o Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1991-1996, sendo a mais antiga orientadora de estágio. Identicamente prestou serviços de Delegada à profissionalização no modelo de profissionalização em exercício na Escola Secundária de Linda-a-Velha desde 1982 a 1983.

Tendo regressado à formação depois da aposentação da professora Isabel Pedro, é atualmente Professora cooperante no Mestrado em Ensino da História desde 2013.

4. Caracterização geral da turma 10º E

Antes de mais, cremos ser importante mencionar que, para a elaboração do perfil geral da turma na qual exercemos a nossa prática letiva supervisionada, contribuíram duas fontes: os dados importantes e burocráticos que a professora cooperante gentilmente nos fez chegar, tal como informação (em primeira mão) da sua observação diária da turma.

Assim sendo, no início do ano letivo 2016/2017 a turma era constituída por trinta alunos, no entanto, em Outubro uma aluna foi transferida de escola, ficando a turma com vinte e nove alunos. Já em início de Novembro a turma era constituída por trinta e três alunos devido à entrada de três jovens que mudaram de área de estudos e um devido à mudança de país.

Importante informação que devemos ter em conta neste presente relatório é a situação dos alunos em turma *versus* alunos em pauta. Na disciplina de História A no 10º ano turma E, tivemos presentes em aula apenas trinta alunos, contudo alunos em pauta apresentam-se trinta e três jovens, sendo que três jovens com Necessidades Educativas Especiais em certas disciplinas, inclusive História A tinham aulas especializadas, e por essa razão nunca integraram as nossas cinco aulas lecionadas na turma. Essa situação nunca nos foi 100% explicada, no entanto, pessoalmente como jovens professores temos os ideais de criar cada vez mais uma escola dita para todos, uma escola inclusiva, consagrada através da Declaração de Salamanca de 1994, subscrita por Portugal, que invoca a necessidade dos Estados criarem condições para que todos os alunos, independentemente da funcionalidade que apresentem, possam aprender juntos, partilhando os mesmos contextos educativos, pois, “*as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades.*”⁹⁰

⁹⁰Vide *Declaração de Salamanca e Enquadramento da acção na área das Necessidades Educativas Especiais*, Espanha, Unesco, 1994, p.VIII

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Mas para que os jovens professores prossigam os seus objetivos é imperativo que governos e escolas procedam a melhores medidas para existir uma escola inclusiva de qualidade, e para tal é necessário *“conceder a maior prioridade, através das medidas de politica e através das medidas orçamentais, ao desenvolvimento dos respectivos sistemas educativos, de modo a que possam incluir todas as crianças independentemente das diferenças ou dificuldades individuais.”*⁹¹

Superando esse detalhe, verificámos que a turma era composta em aula por nove rapazes e vinte e uma raparigas, sendo apenas quatro alunos de nacionalidade estrangeira, três Cabo-verdianos e um Brasileiro. Em termos de residência apenas dois alunos habitavam no Concelho de Sintra, os restantes vinte e oito no Concelho de Oeiras.



Gráfico 1 – Idade dos alunos da turma

Fonte: Questionário realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

Em relação a gráfico 1 podemos destacar que a turma tem 26 alunos entre os 15 e os 16 anos de idade, faixa etária usual para frequentar o 10º ano de escolaridade, sendo uma turma de jovens adolescentes acarreta alguns problemas devido à imaturidade existente, pois, a turma, foi nos apresentada como sendo disfuncional, muito turbulenta, pouco pacífica para com os docentes tendo tido atitudes verbalmente agressivas em sala de aula desde o início do ano letivo, principalmente

⁹¹Idem, *ibidem*, p.IX

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

nas aulas às quintas-feiras à tarde, contudo, havia um pequeno grupo de alunos muito interessados em aprender e mais tranquilos. Em observação direta por nós realizada, apercebemo-nos efetivamente que a turma era muito agitada, existindo alguns elementos-chave para o distúrbio em sala de aula e algumas atitudes da própria professora cooperante que incitavam a esse comportamento. Mas, positivamente era uma turma que tinha geralmente interesse em aprender apesar do mau comportamento.

Com a outorga pela professora cooperante dos documentos oficiais da turma, podemos contemplar certos pontos importantes como por exemplo os alunos com Apoio Social Escolar determinado no gráfico 3 e as habilitações literárias dos pais dos alunos como podemos contemplar no gráfico 2, contudo dos dados que obtivemos, quinze mães e treze pais declararam formação desconhecida, o que podemos refletir com os dados que até nós chegaram é que em relação à formação académica 15 dos pais têm estudos entre o 1º ano e o 9º ano de escolaridade e 12 pais têm a chamada escolaridade obrigatória por lei concluída, tendo o 12º ano de escolaridade e apenas 5 pais têm formação ao nível superior com uma licenciatura. Assim sendo, trata-se de uma turma cujos alguns pais têm um nível académico médio e outros pais um nível académico um pouco mais baixo podendo levar a discrepâncias no reforço ao estudo em casa.

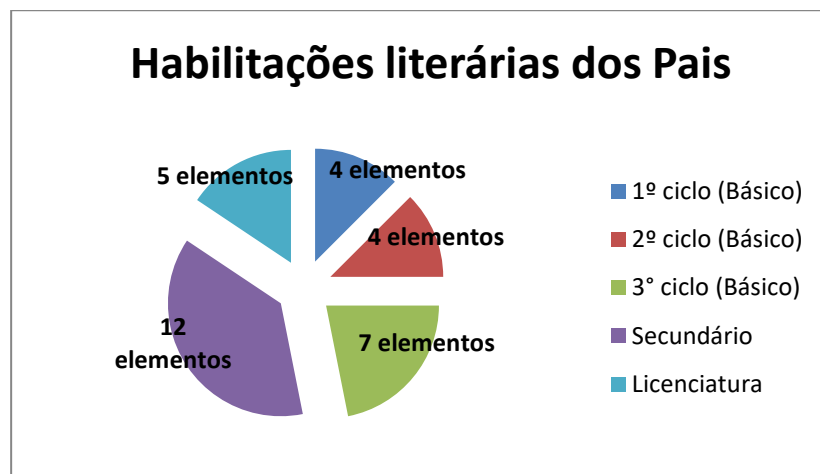


Gráfico 2 – Habilitações literárias dos pais

Fonte: Questionário realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

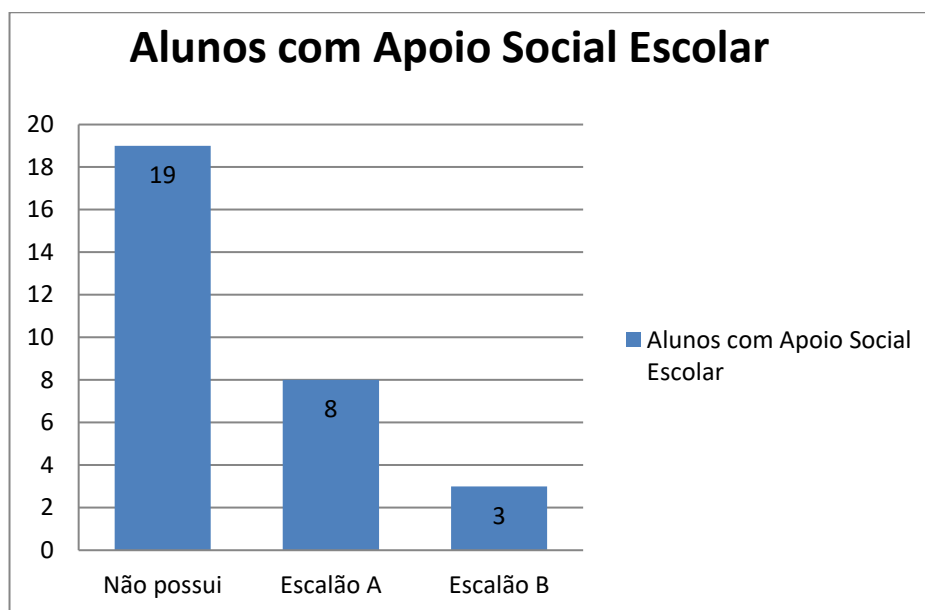


Gráfico 3 – Número de alunos com Apoio Social Escolar

Fonte: Questionário Realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

No final das cinco aulas lecionadas, procedemos à realização de um questionário anónimo à turma, que serviu de base a esta nossa caracterização, onde quisemos aprofundar certos aspetos que nos documentos oficiais eram pouco claros, como podemos verificar nos gráficos seguintes.

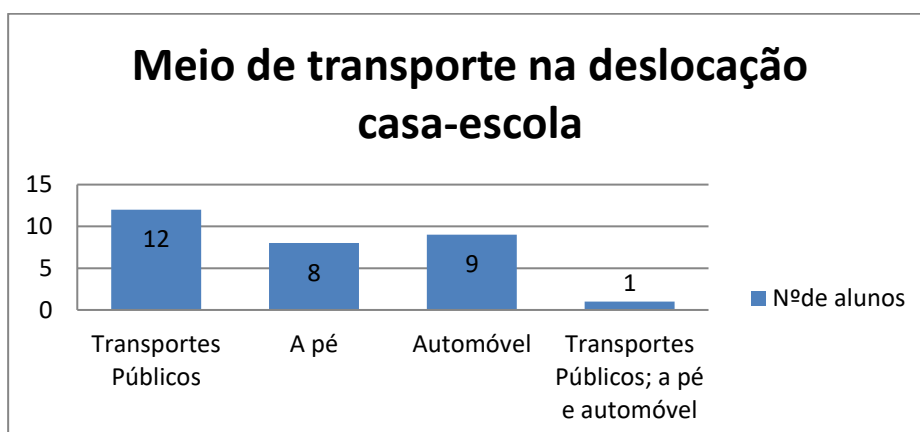


Gráfico 4 – Meio de transporte utilizado na deslocação casa-escola

Fonte: Questionário Realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

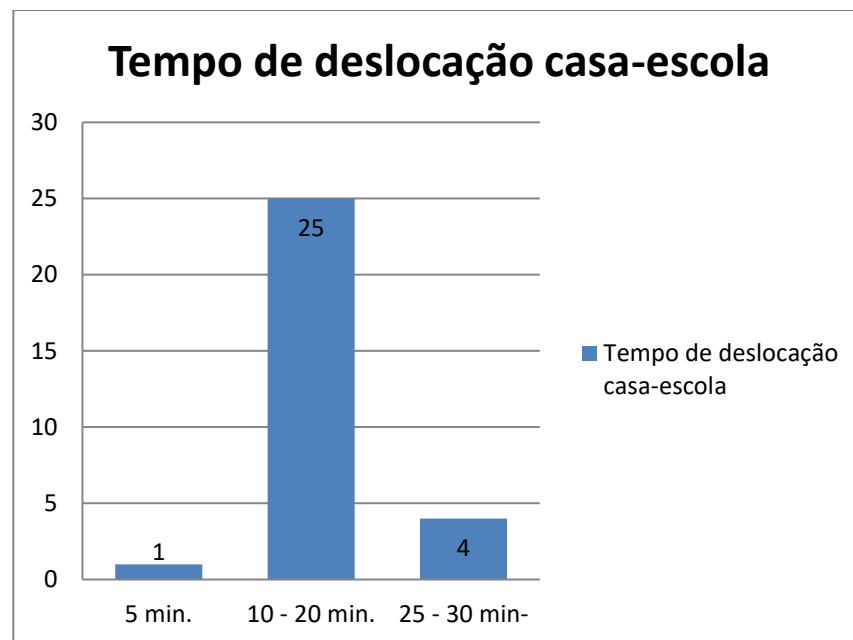


Gráfico 5 – Tempo de deslocação casa-escola

Fonte: Questionário Realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

Nos gráficos anteriores vêm analisados assuntos como o meio de locomoção para o trajeto casa-escola e o tempo despendido nesse mesmo trajeto. Em relação ao gráfico 4 podemos perceber que existem mais alunos a utilizar os transportes públicos para se deslocarem para a escola e em seguida vem o automóvel como o segundo meio mais utilizado pelos alunos os restantes dizem realmente que dado à proximidade da escola às suas residências movem-se a pé, apenas um elemento da turma referiu que utilizava os três meios para se deslocar, esta situação foi analisada por mim como provavelmente sendo alguém em que o local de residência poderia ser alterado diariamente ou semanalmente por diversas razões, sendo que umas vezes era fácil chegar à escola a pé, e outros mais fácil de automóvel ou transportes públicos.

Em relação ao tempo de deslocação, o tempo que mais alunos determinaram de chegada à escola foi entre 10 minutos a 20 minutos, situação que nas aulas das 8:15 da manhã, se revelou por vezes impertinente com uma média entre sete e oito alunos que chegavam muito tempo depois da hora oficial.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

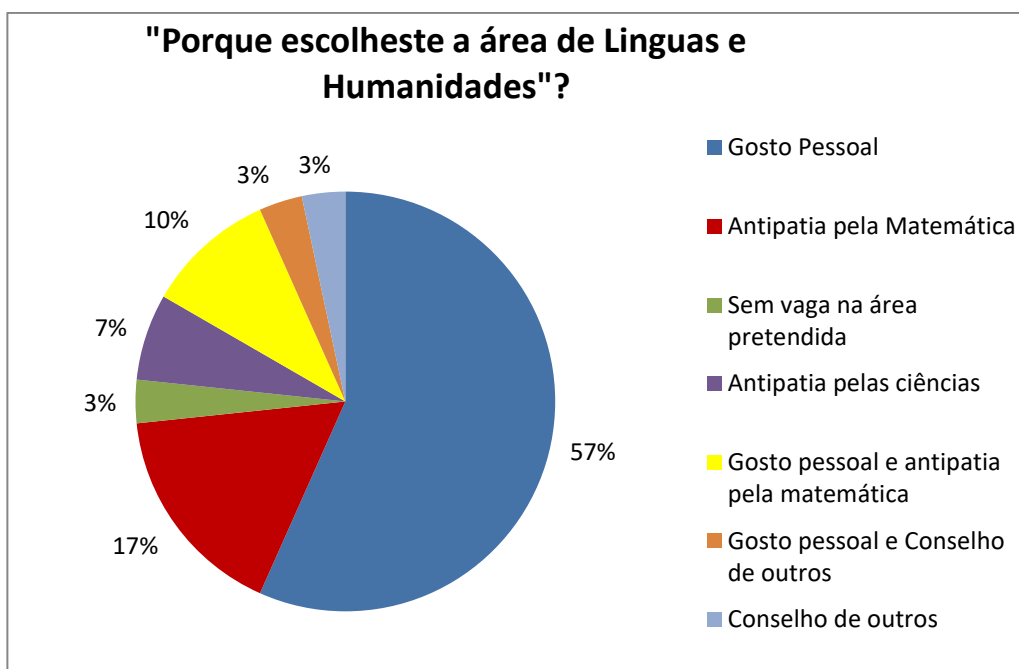


Gráfico 6 – Razões de escolha da área de Línguas e Humanidades

Fonte: Questionário Realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

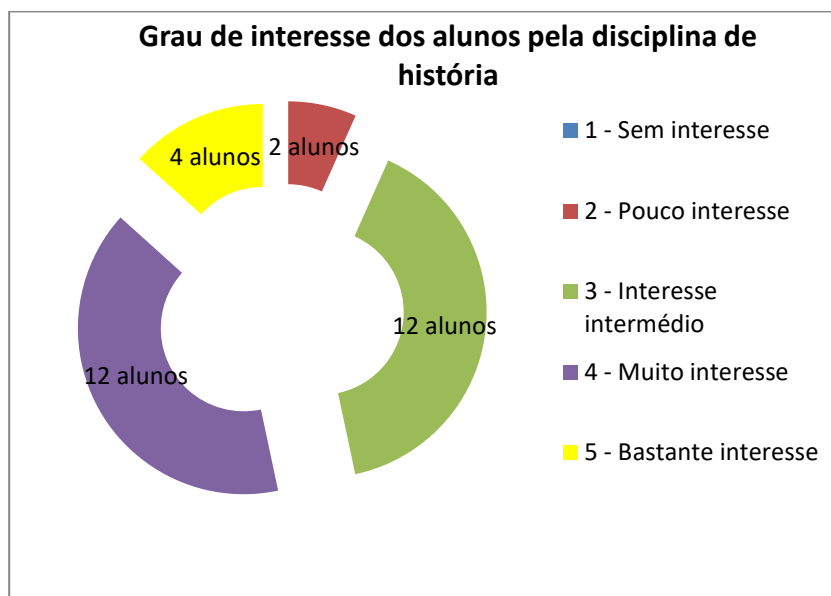


Gráfico 7 – Determinação do grau interesse dos alunos pela disciplina de História

Fonte: Questionário Realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Determinando o interesse da turma em relação à disciplina de história houve a necessidade de perguntar qual o grau de interesse da mesma pela disciplina e o porquê de ter escolhido a área de Línguas e Humanidades, onde predomina o ensino da História e sendo que os dois gráficos apresentam assuntos correspondentes, analisaremos os dois em conjunto.

Relativamente ao gráfico 6, podemos verificar que a maioria dos alunos escolheu esta área por gosto pessoal, como podemos ver é a razão com 57% de escolha correspondendo a 17 alunos, mais de metade da turma, em seguida aparece-nos a antipatia pela matemática como a segunda razão mais escolhida pelos alunos, com 17 % correspondendo a 5 alunos da turma, em terceiro lugar com 10% da turma correspondendo a 3 alunos que escolheram duas razões: o gosto pessoal e a antipatia pela matemática. Seguidamente aparece a razão da antipatia pelas ciências escolhida por dois alunos correspondendo a 7% das escolhas da turma. Por último com apenas 1 aluno cada uma, correspondendo a 3% aparecem as razões: conselho de outrem, inexistência de vaga na área pretendida e o conjunto entre o gosto pessoal e o conselho de outrem. Concluindo que os argumentos chave para a escolha desta área é o gosto pessoal dos alunos e a sua antipatia pela matemática.

Perguntando nós o seguinte: esse gosto pessoal denota-se no grau de interesse dos alunos pela disciplina de História? Para responder a esta questão, analisamos assim o gráfico 7, onde vem disposto o grau de interesse determinado pelos alunos da turma. Podemos já referir que 24 alunos determinaram o seu interesse entre os níveis 3 e 4 que correspondem a um interesse intermédio e um muito interesse, e apenas cinco alunos determinaram o seu interesse com grau cinco correspondendo a um Bastante interesse. Logo o que podemos referir que dos 30 alunos, 28 são interessados na disciplina de história, pelo menos os 18 alunos (não esquecendo da aluna que escolheu duas razões em conjunto no gráfico 6), sabemos que é pelo extremo gosto pessoal, sendo que os outros 10 terão as suas opiniões e razões que foram especificadas nos questionários quando justificaram o grau de satisfação onde lemos razões como “gosto pelo passado”, “saber como era antigamente” ou “ganhar cultura geral”.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Sentimo-nos muito contentes por termos à nossa frente uma turma tão interessada na História. No entanto, dois elementos da turma referiram que demonstravam um pouco interesse, e para esses níveis baixos era pedido também justificação, da qual nos chegou opiniões como “matérias aborrecidas” e “difícil compreensão” da disciplina de História

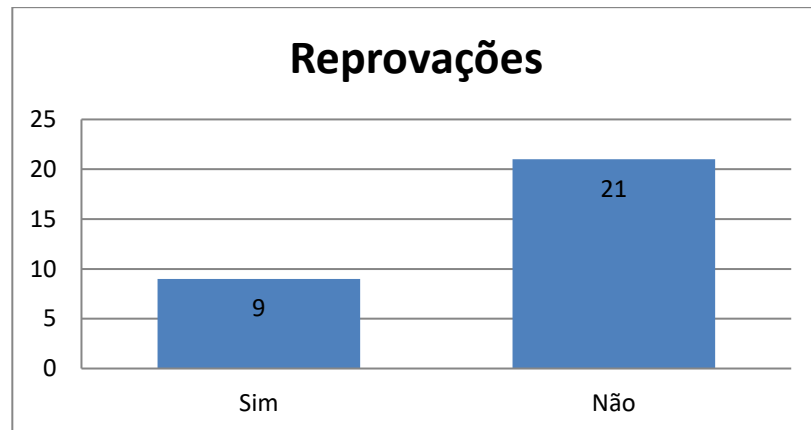


Gráfico 8 – Número de Reprovações pelos alunos da Turma 10ºE

Fonte: Questionário Realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

Relativamente, às reprovações na turma, quisemos conhecer o *background* ou o historial dos nossos alunos, e para tal questionámos se alguma vez tinham reprovado, se sim, em que anos escolares e quantas vezes. Como verificamos no gráfico 8, podemos ver que 9 alunos de um total de 30 reprovaram, sendo que desses 9, 8 reprovaram uma vez e 1 reprovou duas. Os anos escolares com maior reprovação pelos alunos foram o 10º ano de escolaridade, que muitas vezes se explica por ser um ano de transição de um ciclo para o outro, onde muitas vezes os alunos sentem-se perdidos em relação ao que escolher em termos de área e muitas vezes a exigência do 9º ano para o 10º ano é abrupta deixando muitos alunos pelo caminho.

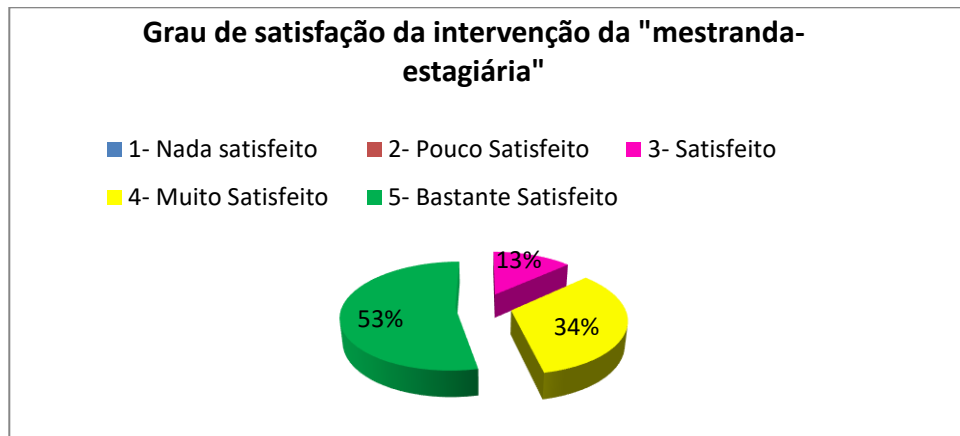


Gráfico 9 – Grau de satisfação da intervenção da “mestranda-estagiária”

Fonte: Questionário Realizado pela Mestranda à turma no decorrer da prática letiva 2016/2017

Relativamente ao último gráfico, referimos que este questionário foi realizado já no término das cinco aulas lecionadas na turma 10ºE, e queríamos ter o conhecimento se a turma tinha ficado satisfeita com a nossa prestação, se tinham achado interessante e produtivo e qual seria então o grau de satisfação dos alunos.

Concluindo assim, com o gráfico podemos perceber que 87% da turma correspondendo a 16 alunos no nível 5 Bastante satisfeito e 10 alunos no nível 4 Muito satisfeitos, sendo que os restantes 4 alunos seleccionaram o nível 3 satisfeito correspondendo apenas a 13%. Deixando-nos muitíssimo agradados com a certeza de dever cumprido, acima de tudo que estamos no caminho certo e na vocação certa.

TERCEIRA PARTE

A PRÁTICA LETIVA: AULAS LECIONADAS

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

*«É preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a
necessidade de sair de nós próprios para aceder à escola das coisas, se as queremos
conhecer e compreender.»*

Émile Durkheim

1. Reuniões e escolha de temáticas

Temos conhecimento do Despacho nº8322/2011, em Diário da República, 2º série – Nº115 de dia 16 de Junho de 2011, onde está expressamente referido que é importante e é visto com “(...) *especial valor [a] área de iniciação à prática profissional consagrando à prática de ensino supervisionada, como o momento privilegiado e insubstituível, de aplicação dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes ao contexto real das situações concretas da sala de aula (...)*”⁹², e como verificámos ao longo da nossa caminhada no Mestrado, realmente essa prática é fundamental para efetivarmos vocações e estabelecermos contacto com toda a realidade escolar da perspectiva do docente.

Essa prática de ensino supervisionada é valorizada devido à ajuda e apoio dos professores cooperantes com quem mantivemos uma proximidade assídua através de inúmeras reuniões desde o início do ano letivo, para resolver determinados assuntos ou aspetos relativos à prática letiva.

Inicialmente, essas reuniões serviram para dar a conhecer a escola, as turmas, alguma documentação importante, e acima de tudo resolver dúvidas dos mestrandos, especificar datas de atuação dos mesmos nas turmas e decidir temáticas a lecionar sendo que posteriormente existiria sempre sessões para debater conteúdos científicos, recursos e estratégias a utilizar. Devemos salientar a inestimável colaboração da nossa professora cooperante, sempre disponível para nos atender, bem como os seus conselhos, para ela toda a nossa gratidão.

Na segunda reunião que teve lugar no dia 4 de Outubro de 2016 foi-nos facultada a planificação a longo prazo estabelecida pelo Departamento de Ciências Sociais e Humanas para a disciplina de História A⁹³, para procedermos à escolha e divisão de conteúdos a lecionar por todos os mestrandos e onde se concluiu que os três mestrandos estagiários do segundo ano poderiam lecionar todos os conteúdos, excetuando alguns pontos considerados estratégicos mas com total abertura da

⁹²Vide Despacho nº8322/2011, Ministério da Educação, in Diário da República, 2º série – Nº115 – 16 de Junho de 2011, p.256041

⁹³Vide Anexo nº3, pp.124-128

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

docente cooperante para escolher a matéria que mais nos agradava. Assim sendo, decidimos que o tema da Idade Medieval era o que mais se ajustava ao nosso gosto, adquirido durante a licenciatura, pelo que incluímos os aspetos económicos e sociais e a realidade portuguesa, bem como a sua génese e engrandecimento.

A nossa prática de ensino supervisionada respeitou todas as etapas criteriosamente, sendo que antes das nossas aulas, procedemos à observação de cinco sessões da professora cooperante no 1º período do ano letivo 2016/2017, tendo como objetivo, uma melhor compreensão da dinâmica e comportamento da turma e estratégias utilizadas pela professora para também ser mais fácil a nossa chegada e atuação na mesma. Estes dados foram incluídos no nosso relatório de IPP II entregue ao professor coordenador da FLUL.

2. A Planificação de aulas

Quando nos referimos ao aspeto da planificação de aulas referimo-nos à ação de delinear estratégias para melhor chegar a um objetivo, salientando a importância de se planificar no processo de ensino-aprendizagem, pois, *“a planificação e a tomada de decisão sobre a instrução incluem-se nos aspetos mais importantes do ensino, porque determinam em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas.”*⁹⁴

Sobre Planificação esta, *“quer quando adquire uma forma escrita, quer quando corresponde a um processo mental, planificar consiste num contínuo esforço para conseguir uma aprendizagem mais eficaz; é um recurso para organizar, um processo que coordena fins e meios, um guia da acção”*⁹⁵ e assim sendo conhecemos na área da Educação pelo menos quatro planos essenciais e importantes: as primordiais Metas Curriculares, a Planificação a Longo Prazo ou Anual, o Plano a Médio Prazo e a Planificação a Curto prazo mais conhecida como Plano ou Planificação de Aula. Gostaríamos de salientar uma vez mais que quem determina o caminho a ser seguido

⁹⁴ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, Lisboa, McGraw-Hill, 1995, p.67

⁹⁵BRAGA, Fátima, *Formação de Professores e Identidade Profissional*, Coimbra, Quarteto, 2001, p.34

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

é a docente cooperante a quem as turmas pertencem. A nossa ação fica assim condicionada aos objetivos do Departamento de História.

Em relação às primeiras, as metas curriculares elaboradas pelo Ministério da Educação, apresentam-se como sendo objetivos de aprendizagem que cada aluno do respetivo grau de ensino terá de conseguir para demonstrar competências. Nas Metas vêm muitas vezes estratégias e informações importantes para que os professores possam mais facilmente fazer chegar os seus alunos a esses objetivos.

Em relação à disciplina de História A, as Metas Curriculares têm um fio condutor cronológico como é usual e vai integrando conteúdos mais recentes e cada vez mais abrangentes que alargam: “ (...) *muito os temas a estudar pelo que os programas escolares se ressentem pela diversidade, quantidade e complexidade dos conteúdos a abordar, o que torna a tarefa do professor muitíssimo difícil senão mesmo impossível de concretizar (...) Como conciliar os novos desafios ao nível da conceptualização e os novos métodos activos?*”⁹⁶ Como anteriormente já referimos, como fazer para ensinar aos nossos alunos todos os conteúdos obrigatórios? Com sínteses? Com estratégias que ocupem mais tempo fora do horário escolar? Questões que poderiam ser melhor analisadas se tivéssemos mais espaço permitido no Relatório de Prática de Ensino Supervisionada.

Contudo, para melhor proceder ao ensino desses objetivos impostos pelo Ministério da Educação, os departamentos com os respetivos professores procedem à elaboração das planificações a longo e médio prazo, e para um melhor cumprimento de objetivos é necessária a elaboração de planificações de aula por todos os professores.

Especificamente, o plano a médio⁹⁷ e a curto prazo (os ditos planos de aula) foram aqueles em que nós mestrando nos dedicámos com mais afinco, pelo que os apresentamos para uma melhor apreciação antes da descrição e comentário das aulas lecionadas.

A elaboração de um plano de aula tem vários aspetos a ter em conta, como os conteúdos a tratar, os objetivos, as aprendizagens, as estratégias, os recursos, a gestão de tempo tal como é referido pelo professor Miguel Monteiro, “*Planificar será*

⁹⁶MONTEIRO, Miguel, *Uma Escola em Transformação*, Lisboa, Plátano Editora, 2003, pp.16-17

⁹⁷Vide Anexo nº 4, pp.130-131

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

organizar no tempo e no espaço, em doses de rentabilidade, as determinantes dos programas, consideradas, em função das ambiências concretas e especificidades inerentes, as linhas mais adequadas”⁹⁸, pois, a falta de tempo é um flagelo na atual sociedade e “*tendo em conta que o tempo é limitado e que há diversas actividades que os sujeitos pretendem realizar, é necessário organizar o tempo dedicado a cada uma das actividades*”⁹⁹ e por último, mas não menos importante, as características da turma, pois, muitas vezes a mesma planificação com os mesmos conteúdos e objetivos terá de ser repensada e alterada em virtude do comportamento da turma.

Geralmente, a planificação é encarada como uma ferramenta para auxiliar o professor no decorrer da aula, ou seja, é como se fosse um roteiro mental do decorrer da aula. Sendo que o principal objetivo da planificação é conseguir estabelecer uma sucessão de momentos em que as aprendizagens pré-estabelecidas sejam concretizadas e principalmente garantir o sucesso dos alunos, pois, “*não haverá sucesso em qualquer tipo de estratégia se o professor não partir de uma planificação bem-feita. A planificação é um processo de definição dos objectivos que irão ser utilizados, é seleccionar os conhecimentos que os alunos irão adquirir, e o conjunto de estratégias (com actividades e recursos) a seguir.*”¹⁰⁰

Sabemos que a elaboração de planificações é importante, para garantir ao professor uma certa segurança na sua atuação. No entanto, essas planificações não demonstram ou não são seguidas na totalidade devido a inúmeros fatores comportamentais, condicionantes físicas e materiais das próprias salas e também há o caso dessas propostas caírem em desuso com a experiência docente, tornando-se mais um esquema mental criado pelo professor, e é por isso, que se refere que a planificação não é vista como “*um requisito de cumprimento obrigatório, mas um mapa de estrada.*”¹⁰¹ A planificação é uma proposta de intenções com características dinâmicas, isto é que podem ser modificadas conforme o andamento da aula.

Concluindo, é uma etapa importante na vida docente do jovem professor, pois dá o garante de segurança, dá uma previsão de tempo de aula e suas etapas e também circunstâncias que podem ocorrer numa sala de aula sendo estas as razões mais que

⁹⁸MONTEIRO, Miguel Corrêa. *Didáctica da História: Teorização e Prática Algumas Reflexões*, Coleção Plátano Universitária, Lisboa 2001. p.32

⁹⁹JESUS, Saul Neves de, *Psicologia da Educação*, Coimbra, Quarteto, 2004, p.85

¹⁰⁰MONTEIRO, Miguel Corrêa, *op.cit.*, 2003, p.67

¹⁰¹BRAGA, Fátima, *op.cit.*, p.34

plausíveis para que o processo de planificação de aulas seja tão marcante na vida dos mestrandos em estágio, para se integrarem na vida docente organizadamente mas também aprenderem a libertar-se de certas tensões e medos que advêm ao projetar a próxima aula.

3. O Tempo e o Espaço no Ensino da História

O Tempo e o Espaço são duas pedras basilares para a História e para o “*ensino da história [que] implica sempre a situação dos acontecimentos no tempo [e no espaço] e, como já vimos, a sucessão cronológica tem sido o principal fio aglutinador dos programas [da disciplina de História].*”¹⁰² Contudo, essa situação de acontecimentos tem sido uma das principais dificuldades que os professores de História têm encarado, pois não é fácil a aquisição das noções de Tempo e Espaço pelos alunos.

Sabe-se que a faixa etária da criança é crucial para o entendimento dessas noções, de tal forma que científica e pedagogicamente diz-se que por volta dos onze anos de idade espera-se que qualquer aluno consiga compreender implicações ou consequências de certas datas históricas, “*(...) sendo nesta idade que se pode situar o ponto de viragem entre a noção de passado e de tempo histórico.*”¹⁰³ Contudo, apenas aos dezasseis anos de idade é que se espera que o jovem aluno tenha “*(...) maturidade na compreensão do conceito de tempo histórico.*”¹⁰⁴ Maria Cândida Proença, refere em relação ao desenvolvimento dessa compreensão que, “*estudos feitos no sentido de verificar se é possível desenvolver e antecipar a compreensão do tempo histórico pelos alunos, vieram demonstrar que este é muito mais função da maturidade intelectual em geral, do que em qualquer ensino específico.*”¹⁰⁵

Sendo que na História o Tempo e o Espaço são imperiais e todos os professores daquela disciplina lidam com essas conceções todos os dias, tal como os alunos, é óbvio que seja considerado pelo “*ensino da história os aspetos espaços-temporais*

¹⁰²PROENÇA, Maria Cândida, *Didática da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1992, p.99

¹⁰³Idem, *ibidem*, p.99

¹⁰⁴Idem, *ibidem*, p.100

¹⁰⁵Idem, *ibidem*, p.100. Veja-se também de Isabel Barca, *O Pensamento Histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica*. Universidade do Minho, Braga, 2000

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

como elementos de construção da compreensão do mundo (...) visto que é através dele que o aluno constrói uma visão global de uma sociedade complexa, em permanente mudança no tempo, numa dimensão mais abrangente e plural do mundo.”¹⁰⁶

Contudo, os alunos continuam a demonstrar dificuldade em compreender as noções espaço temporais tão necessárias para a compreensão de toda a História do Homem, tendo os professores de encontrar estratégias, recursos e atividades que tornem mais simples a compreensão dos mesmos a esse nível o que é encarado por Maria Cândida Proença, como fundamental a capacidade de “*familiarizar os alunos com a consulta de cronologias, [linhas do tempo] procurando sempre que o aluno situe nelas os acontecimentos mais marcantes, à medida que vão sendo estudados (...) e é imprescindível que (...) se procure explicar o processo de transformação social na multiplicidade dos seus aspectos e tendo em atenção os seus ritmos, as situações de ruptura , e as continuidades (...).*”¹⁰⁷

Dito isto, é necessário que se explique o processo de transformações sociais e, acima de tudo, mostrar os diferentes ritmos de tempo que o processo histórico conhece com as suas semelhanças e diferenças em determinados locais, sendo fundamental fazer com que os nossos alunos consigam gradualmente entender o tempo histórico, as sucessões de tempo na história, a mudança, a permanência e as especificidades, por exemplo, em relação à Idade Média e à sua cronologia é frequentemente dito que se iniciou com a queda do Império romano do Ocidente em 476 e tem o seu término em 1453 com a Tomada de Constantinopla pelos Turcos Otomanos. Será fácil colocar uma linha do tempo estabelecida desta forma para facilitar a compreensão dos alunos. No entanto, devia existir um diálogo no ensino da História em que houvesse a oportunidade de refletir o tempo histórico identificado de Idade Média, pois, poderia dizer-se em termos mais científicos que é um tempo cronológico que compreende dentro si épocas distintas e que não existe um rompimento total em 1453 começando uma nova época, com novas culturas, novos pensamentos e novos acontecimentos. É por isso mesmo uma convenção.

¹⁰⁶FERREIRA, Carlos Augusto Lima, “Espaço e Tempo: Implicações no Ensino de História” in ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005, pp.4-5 [em linha]. [consultado 10 de Junho de 2017]. Disponível em WWW:«URL:<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0177.pdf>

¹⁰⁷PROENÇA, Maria Cândida, *op.cit.*, pp.100-101

Como a explicação histórica necessita de identificar um meio, um lugar ou uma localização, mesmo tendo-se em conta os níveis de tempo diferentes todas as civilizações e culturas necessitam do espaço na História e no ensino da mesma, existe um recurso/estratégia que é fundamental para a História – o Mapa.

Nada melhor que um Mapa para identificar um facto histórico no lugar, ou caracterizar o espaço, e esse recurso tem de fazer parte das aulas de história obrigatoriamente, assim como a barra cronológica que conjugada com os mapas dá aos alunos a perspetiva correta do tempo e do espaço. Sabemos que muitos alunos têm dificuldade em trabalhar com mapas e *“é por isso que se mantém a dúvida se o mapa, com a leitura representada do espaço, ajudará efetivamente os alunos a construírem a noção espacial, ou se, pelo contrário, não poderá proporcionar uma assimilação deformante da realidade.”*¹⁰⁸ Um mapa tem de ser bem utilizado pelo professor, deve ser autêntico à época e legível para demonstrar aos alunos que é importante terem consciência do *“carácter histórico do espaço e da localização, assim como a influência do espaço e da localização na História.”*¹⁰⁹

Concluindo, é necessário que o professor no processo de ensino-aprendizagem tenha a preocupação e apesar das dificuldades, não abandone o recurso dos mapas e cronologias e faça com que os conceitos de tempo e espaço principalmente na disciplina de História, estejam sempre presentes no diálogo com os alunos e que sejam criadas melhores estratégias que incentivem a sua compreensão.

4. Conceitos: que papel na Didática da História?

A História, sem margem de dúvidas, não é uma ciência menor, muito pelo contrário, como sabemos é uma disciplina científica em que *“toda a análise exige, em primeiro lugar, como utensílio, uma linguagem apropriada (...) capaz de desenhar com precisão os contornos dos factos (...) sem flutuações nem equívocos”*¹¹⁰, sendo que essa linguagem apropriada, segundo Marc Bloch, que não

¹⁰⁸Idem, *ibidem*, p.104

¹⁰⁹Idem, *ibidem*, p.105

¹¹⁰BLOCH, Marc, *op.cit.*, p.136

deve trazer equívocos, é por nós identificada como a aquilo a que chamamos - Conceitos.

Que papel têm os conceitos na didática da História? Têm nada mais nada menos que um papel fundamental, pois o trabalho com conceitos históricos é visto como substancial e primordial para o ensino da História, pois, os conceitos “*são regras para a organização da nossa experiência e, simultaneamente, capacidades de reconhecimento, facilitadas pela linguagem.*”¹¹¹

A utilização de conceitos históricos pelos professores nas aulas de História têm como objetivo facilitar os alunos a construírem ou adquirirem o seu próprio conhecimento histórico, sendo os conceitos um “*conjunto de ferramentas que possam ajudar os alunos a fazerem uma análise mais profunda da realidade social*”¹¹² e é importante referir que o conceito é um elemento chave no ensino-aprendizagem da História, merecendo ser visto como importante pois, “*o conceito histórico não se origina diretamente da observação mas sim da construção mental*”¹¹³ e esse trabalho de construção mental deve fazer parte frequentemente do processo de ensino aprendizagem da disciplina de História.

Contudo, é de salientar o perigo que existe em utilizar os conceitos em sala de aula de uma forma abusiva ou impor “*definições abstratas e memorizações formais de palavras e do seu significado*”¹¹⁴, pois, estudar conceitos não é sinónimo de acumular e memorizar definições de tempos históricos, mas sim produzir um conhecimento que ajude o aluno a interpretar e conseguir elucidar aspetos de um tempo longínquo que deixaram marcas na História do Homem.

Fundamentalmente, é pedido ao docente da disciplina de História que hierarquize “*os conteúdos a ensinar, mediante, por exemplo, a decomposição de conceitos, exemplificando-os ou decompondo-os em conceitos subordinados*”¹¹⁵, fazendo com que as aulas de História sejam mais interessantes e obrigatoriamente mais atrativas,

¹¹¹Vide Andrew Brennan, in Margarida LouroFelgueiras, *op.cit.*, p.119

¹¹²SCHMIDT, Maria Auxiliadora, “Construindo conceitos no ensino de História: A “Captura Lógica” da realidade social” in *Revista História do Ensino*, Vol.5, Londrina, 1999, p.149, [em linha]. [consultado 29 de Junho de 2017]. Disponível em

WWW:«ULR:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12443/10933>

¹¹³Idem, *ibidem*, p.149

¹¹⁴Idem, *ibidem*, p.149

¹¹⁵JANES, José Cristiano Mendes, *Temas de História Contemporânea: A utilização didática do documento no ensino-aprendizagem da História*, Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017, pp.10-11

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

dando aos alunos a possibilidade de melhorarem a capacidade de interpretação dos conteúdos históricos e os seus conceitos, sendo que estes últimos, devem ser sistematizados também pelos alunos, pois, estes se tiverem a consciência de tornar mais fácil a compreensão de um conceito através da sua simplificação sem descurar o seu significado, principalmente o significado na época em que foi produzido, pois, o contexto que produziu um conceito na História é muito importante e deve ser levado em conta, facilitará em muito o ensino-aprendizagem da disciplina.

De facto, há que ter a preocupação por parte do docente, na questão da simplificação dos significados ou compreensões de conceitos por parte dos alunos, para se evitar a todo o custo anacronismos e ambiguidades, não queremos alunos com conhecimentos não sujeitos a uma apreciação objetiva. Para tal, existem ações que podem ser seguidas pelos professores como exemplos, para tal infortúnio não acontecer, como nos mostram os quadros seguintes:

RECURSOS DIDÁTICOS PARA EXERCITAR A COMUNICAÇÃO DOS CONCEITOS HISTÓRICOS
<ul style="list-style-type: none">- Narração oral de situações vivenciadas por pessoas do passado, contado por familiares- Desenho de representações de cenas sobre acontecimentos passados, ouvidos em narrativas históricas- Elaboração de diagramas- Reconstrução de acontecimentos do passado mediante a dança ou representações teatrais- Reexplicação oral de narrativas ouvidas ou lidas em livros- Uso de linhas de tempo para localizar sucessões de acontecimentos- Produção de títulos para determinadas narrativas- Redação de frases curtas, mostrando certa habilidade para selecionar um ou dois pontos chaves de uma narrativa histórica escutada previamente- Descrição oral de aspectos concretos do passado, por exemplo, aspectos de uma rua, conhecida a partir de uma fotografia antiga.

Quadro 3 - Estratégias para exercitar a comunicação dos conceitos Históricos

Fonte: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, “Construindo conceitos no ensino de História:

“A Captura Lógica” da realidade social” in Revista História do Ensino, Vol.5,

Londrina, 1999, Disponível em

WWW:«ULR:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12443/10933>

RECURSOS DIDÁTICOS PARA EXERCITAR A COMUNICAÇÃO DOS CONCEITOS HISTÓRICOS
<ul style="list-style-type: none">- Comunicação oral de aspectos concretos do passado da vida local- Comunicação oral de informações obtidas a partir de livros- Redação de frases usando conceitos históricos- Elaboração de listas de aspectos retirados a partir da observação em mais de uma fonte, como fontes materiais, imagéticas, escritas, etc.- Elaboração de respostas sistematizadas a partir de perguntas do tipo: onde? Como? O que? Quando? Quem?- Elaboração de desenhos e murais

Quadro 4 - Estratégias para exercitar a comunicação dos conceitos históricos

Fonte: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, “Construindo conceitos no ensino de História:

“A Captura Lógica” da realidade social” in Revista História do Ensino, Vol.5,

Londrina, 1999, Disponível em WWW:«ULR:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12443/10933>

RECURSOS DIDÁTICOS PARA EXERCITAR A COMUNICAÇÃO DE CONCEITOS HISTÓRICOS
<ul style="list-style-type: none">- Agrupamento material de diversas fontes sob um mesmo título- Redação de textos breves de caráter imaginativo sobre o passado- Redação de textos descritivos- Redação sobre aspectos do passado obtidos de fontes orais- Registro de informações elaboradas a partir de um trabalho de campo- Elaboração de pequenos resumos ou sínteses- Comentários orais ou escritos sobre textos- Realização de mapas ou diagramas

Quadro 5 – Estratégias para exercitar a comunicação dos conceitos históricos

Fonte: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, “Construindo conceitos no ensino de História:

“A Captura Lógica” da realidade social” in Revista História do Ensino, Vol.5,

Londrina, 1999, Disponível em WWW:«ULR:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12443/10933>

Concluindo, é óbvio que o papel da construção de conceitos em História é basilar e inabalável, pois, não se faz História com os nossos jovens sem se ter em mente que os conceitos-chave têm de fazer parte do vocabulário e conhecimento dos nossos alunos, como falar de Medieval e não ocupar-se do tratamento de conceitos sociais, económicos ou políticos, como referir Afolhamento trienal, que se torna mais fácil o seu tratamento através de um gráfico circular ou uma imagem alusiva ao termo, Burguesia, Reconquista, Carta de Foral, Concelho, entre outros que foram tratados ao longo da nossa Prática Letiva.

5. A Pedagogia Semi-Diretiva: um caminho?

Inicialmente neste relatório, explicitámos os conteúdos científicos que iriam ser trabalhados ao longo das nossas cinco aulas, e encaramos este exato momento como oportuno para procedermos à explicação de como o fizemos, através das nossas opções didáticas e metodológicas.

Desenvolvendo, de várias obras consultadas de cariz didático sabemos que existem três grandes modelos pedagógicos: a Pedagogia Diretiva; a Pedagogia Não-diretiva e o Método Relacional. Sendo a nossa experiência como professores diminuta, mas grande como antigos alunos, decidimos na nossa prática letiva como mestrandos estagiários abandonar em grande parte o ensino meramente expositivo e diretivo, por parte do professor. Esta nossa atitude deve e irá ser argumentada em seguida, através das definições das diferentes pedagogias.

Primeiro, o modelo diretivo, dito o mais tradicional apresenta-se como um modelo onde o professor ensina e o aluno aprende, sendo este um objetivo primordial da Educação. Contudo, existem formas mais desenvolvidas e modernas para que cheguemos a esse objetivo, pois, neste modelo o professor continua a ser aquele que dita matéria colocando os alunos como seres passivos em sala de aula. O professor Miguel Monteiro relativamente a este panorama caracteriza-o de *escola armazém*,

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

onde o autoritarismo impera, sendo uma sala de aula “*castradora do aluno (...) [onde] a formação não tem em conta as atitudes, a motivação do aluno.*”¹¹⁶

O docente movido por esta ideologia crê na ideia de que “*o conhecimento pode ser transmitido para o aluno e só ele pode produzir algum novo conhecimento no aluno (...) [e] tudo o que o aluno tem de fazer é submeter-se à fala do professor: ficar em silêncio, prestar atenção, ficar quieto e repetir tantas vezes quantas forem necessárias, escrevendo, lendo, até aderir em sua mente, o que o professor deu.*”¹¹⁷

Como sabemos este género de pedagogia só traz a morte da crítica e da curiosidade dos alunos, algo que atualmente é impensável de se manter nas salas de aula portuguesas e é algo que nós, jovens professores tentamos combater.

Para tal, concebemos as nossas aulas através de formas e estratégias que promovessem a “semi-diretividade” tal como designava o Professor Miguel Monteiro nas suas aulas do Mestrado em Ensino, ou seja, continuando o professor a ter um importante papel em sala de aula, tem com esta semi-diretividade uma função de facilitador de aprendizagens dos alunos, sendo os alunos os principais condutores do seu próprio conhecimento, ou seja, a semi-diretividade baseia-se na Pedagogia não diretiva e no método relacional, existindo um método expositivo-dialogado, não descurando o papel do professor que tem de se garantir cada vez mais, de uma forma menos autoritária, numa escola sempre em desenvolvimento com realidades diferentes, com alunos muitas vezes desinteressados onde a tecnologia todos os dias se atualiza e entra nas escolas transformando o papel do professor num cargo de pura invisibilidade, contribuindo para que a esta profissão nobre e importante que forma todos os dias, com mais ou menos facilidade, futuros cidadãos, seja questionada no seio da nossa sociedade.

O método não-diretivo reflete uma pedagogia onde o professor se apresenta como um colaborador no processo de conhecimento do aluno. O professor que segue este

¹¹⁶MONTEIRO, Miguel Corrêa, *Da escola armazém, à escola humanizada*, documento fornecido durante a frequência da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional I, 2012, p.5

¹¹⁷BECKER, Fernando, “Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos”, in *Paixão de Aprender*, Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, s.d., pp.1-4, [em linha]. [consultado a 20 de Julho de 2017]. Disponível em WWW:«ULR:<http://www.marcelo.sabbatini.com/wp-content/uploads/downloads/becker-epistemologias.pdf>

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

modelo “*acredita que o aluno aprende por si mesmo. Ele pode, no máximo, auxiliar a aprendizagem do aluno.*”¹¹⁸

Esta Pedagogia tem sobretudo o cuidado em promover um ensino centrado no aluno tal que um dos principais pensadores desta pedagogia era Carl Rogers que propunha que se estimulasse uma “*teoria pedagógica do aproveitamento das potencialidades que todos os seres humanos têm dentro de si e que só esperam para ser desenvolvidas. Competia [e compete] ao professor a responsabilidade de ser um facilitador desse desenvolvimento. Tudo serviria [e serve] à aprendizagem desde que não fosse imposto pelo professor (...) Segundo Carl Rogers o professor que pratique a não-diretividade fica ele próprio com um espírito mais aberto, mais tolerante, mais flexível e disponível ao outro (...) mais capaz de aprender (...) [Para tal acontecer há que] implementar um tipo de ensino mais motivante no qual o aluno é responsabilizado pela construção do saber.*”¹¹⁹

O modelo relacional reflete a ideia em que o professor acredita que os seus alunos só conseguem aprender, isto é, podem “*construir algum conhecimento novo, se agirem e problematizarem a sua acção*”¹²⁰, sendo que essa ação de construir conhecimento só se torna favorável se esse mesmo conhecimento for significativo para o próprio aluno.

A pedagogia não-diretiva e o modelo relacional são métodos que podem ajudar no combate à desmotivação dos alunos, que é conhecido como o maior flagelo da escola do século XXI. Contudo, a falta de motivação não é só um problema dos professores e alunos nas escolas, “*é um fenómeno complexo, exigindo, uma intervenção global e concertada da parte de políticos, professores, encarregados de educação e de toda a sociedade, pois os problemas educativos só poderão ser resolvidos se todos assumirem a sua cota parte de responsabilidade (...) [sendo que] uma intervenção relacional integrada, centrada não apenas nos alunos mas também nos professores e encarregados de educação, pode contribuir para (...) a promoção do sucesso escolar dos alunos.*”¹²¹

¹¹⁸Idem, *ibid.*, pp.4-6

¹¹⁹MONTEIRO, Miguel, *op.cit.*, 2003, pp.52-65

¹²⁰BECKER, Fernando, *op.cit.*, p.6

¹²¹JESUS, Saul Neves de, *op.cit.*, p.80

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Assim sendo, há que inserir várias estratégias que promovam esse sucesso no ensino-aprendizagem e que abatem a desmotivação nas nossas aulas, mas infelizmente, sabemos que não existem prescrições milagrosas para a resolução do grande problema, sendo que por vezes a mesma estratégia não é conseguida em turmas diferentes, entre outros problemas, tendo de existir um misto de paciência e perseverança no corpo docente.

É importante referir que a semi-diretividade não descarta o objetivo básico da educação – o aluno (efetivamente) aprender e evoluir – pelo contrário, o aluno aprende, mas a partir de estratégias diversas em que seja o próprio a fabricar o seu conhecimento promovendo a sua auto-evolução.

Neste âmbito, das estratégias utilizadas por nós que iremos descrever em momento oportuno, realizámos um trabalho em grupo, onde tivemos a principal preocupação de deixar a cargo dos alunos a sua aprendizagem e quisemos primordialmente “*desenvolver a autonomia dos alunos, as suas capacidades de inter-relacionamento e mesmo a auto-crítica*”¹²², estabelecendo nas nossas aulas um método pouco diretivo.

Nesta estratégia o professor pouco controlo direto tem, pois, “*não deve dirigir o trabalho, mas apenas intervir, quando solicitado, e sempre no sentido de ajudar o grupo a encontrar o seu caminho na realização do trabalho (...) o papel do professor deve ser o de acompanhar os trabalhos, observando a forma como os grupos vão desempenhando as tarefas e sugerir pistas quando verificar que o grupo segue por um caminho errado (...) a partir da altura em que o grupo começa a trabalhar com a sua dinâmica, [o professor deve] remeter-se a um papel de observador, auxiliando com os seus conhecimentos e experiência.*”¹²³

Apresentando-se assim, o trabalho de grupo como uma das várias estratégias não diretivas que podemos implementar nas nossas aulas, pois, implementar alguns recursos e estratégias é possível, o que não é possível ou melhor é difícil de acontecer é a chamada *não-diretividade absoluta*, tal como é referido por Maria Cândida Proença, “*é impossível de concretizar num sistema de ensino como o português*”¹²⁴, mas sabemos que existem estudos e “*factos [que] parecem mostrar,*

¹²²PROENÇA, Maria Cândida, *op.cit.*, p.133

¹²³Idem, *ibidem.*, p.133

¹²⁴Idem, *ibid.*, p.52

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

*portanto que a não-directividade é a melhor via do progresso, simultaneamente na aquisição e na aplicação do conhecimento.”*¹²⁵

Completando, é importante que se estabeleça a ideia que não queremos tirar mérito ao trabalho do professor, ou criar um clima pouco regado ou pouco metódico, muito pelo contrário, queremos sim dar ênfase ao trabalho do professor a partir de perspectivas diferentes, desejamos que os objetivos constituídos pelo professor de História sejam todos concretizados, com formas mais elucidativas e atuais que promova uma relação pedagógica mais benéfica para o professor e o aluno, sendo este o principal ator da educação, pois, quando implementamos outros métodos na escola, *“não se trata de instalar um regime sem regras ou o laissez-faire, nem de eliminar conteúdo. Trata-se antes, de criticar, radicalmente, a disciplina autoritária e construir uma disciplina intelectual e regras de convivência, o que permite criar um ambiente fecundo de aprendizagem.”*¹²⁶

Concluindo, a nossa prática letiva teve como base um ensino semi-diretivo, que se apresenta como um caminho a percorrer, com uma carga expositiva-dialogada entre professor e alunos, onde estratégias e recursos foram pensados para facilitar aprendizagens, promovendo a evolução cognitiva e social dos alunos incitando o diálogo, o entendimento, o respeito, a inclusão e o *feedback* positivo, caminhando com os alunos até às metas estabelecidas, para chegar ao sucesso escolar de todos, respondendo às expectativas do próprio agrupamento, que tem como visão *“evidenciar elevados padrões educativos, promotores de formação cívica e de resultados académicos de excelência. Quer distinguir-se como uma instituição pautada por valores de inclusão, partilha, responsabilidade e trabalho. Deseja que os seus serviços sejam reconhecidos pela qualidade e inovação, com base numa filosofia educacional ajustada ao seu público e às exigências da sociedade moderna (...) em profissionais motivados e em elevado sentido ético de serviço público.”*¹²⁷

Esse nosso caminho poderá ser analisado nas detalhadas descrições de aula que a seguir nos propomos a compor.

¹²⁵SNYDERS, Georges, *Para onde vão as pedagogias não-directivas?*, Moraes Editores, Lisboa, 1974, p.39

¹²⁶BECKER, Fernando, *op.cit.*, pp.9-10

¹²⁷Vide *Projeto educativo* - Agrupamento de Escolas de Carnaxide, 2015-2017, p.4

6. Descrição e reflexão crítica das aulas

Neste ponto da terceira e última parte, é chegado o mais importante momento: aquele em que nos debruçamos na descrição das aulas que lecionámos.

Inicialmente, advertimos para a situação das aulas alternarem entre as salas de aula do bloco H, 0.46, 0.47 e 0.48 conforme o estabelecido no horário escolar desde o início do ano letivo. Sendo uma escola-tipo do programa ParqueEscolar, todas as salas são uniformes, dispostas igualmente e com todos os recursos disponíveis a uma sala de aula de qualidade, como vos mostra a imagem seguinte, de uma das salas de aula onde a nossa prática letiva supervisionada teve lugar.



Imagem 4 – Fotografia do interior da sala de aula nº H 0.47 na ESCCB

Fonte: Fotografia da Mestranda



Imagem 5 – Fotografia do interior da sala de aula nº H 0.47 na ESCCB

Fonte: Fotografia da Mestranda

No entanto, temos de referir que nas aulas de quinta-feira à tarde a disposição da sala, com as suas largas janelas tendo os estores elétricos avariados, permitia a entrada de muita luminosidade o que desfavorecia a visualização do *PowerPoint* realizado por nós para a turma acompanhar os conteúdos ao longo da aula. Muitos alunos se queixaram que não conseguiam observar as imagens nitidamente (infelizmente). Contudo, fazendo face a esse problema, desde o início da leção das nossas cinco aulas alertei que iria enviar todos os *PowerPoint's* apresentados em aula para o endereço eletrónico da delegada de turma, para esta proceder em seguida ao envio dos mesmos para todos os colegas. Tendo se mostrado depois uma benéfica decisão, devido ao problema da má projeção nas aulas de quinta-feira.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Por fim, com o apoio dos planos de cada aula para melhor situar o leitor em relação ao conteúdo estabelecido, iremos proceder às descrições detalhadas e suas respectivas observações críticas.

6.1 Aula nº1 – 12 de janeiro de 2017¹²⁸

A primeira aula do bloco de cinco aulas de noventa minutos que nos propusemos a lecionar realizou-se no dia 12 de janeiro na sala H 0.48, na presença da professora cooperante Maria José Ferreira.

Os conteúdos e o sumário que foram acordados para a aula, apresentam-se em seguida no plano de aula, para análise do leitor.

Ano Letivo: 2016/2017

Planificação a curto prazo - 1ª aula

Turma: 10º E Data: 10/01/17	
Tema/sub-unidade temática: Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII a XIV – Quadro Económico e Demográfico – Expansão e Limites do Crescimento	Sumário: -O dinamismo do mundo rural nos séculos XII e XIII; - O Quadro Económico e Demográfico – Expansão e Limites do Crescimento: Expansão Agrária - A Dinamização das trocas regionais e afirmação das grandes rotas do comércio externo

¹²⁸Vide o PowerPoint referente a esta aula encontra-se disponível em CD-ROM

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Aprendizagens específicas:	
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os melhoramentos que levaram ao progressivo desenvolvimento do mundo rural; • Relatar o processo da expansão agrária tendo em conta a transformação da paisagem rural, a ocupação de novas terras e a exploração intensiva; • Demonstrar a existência de excedentes agrícolas interligando com a mudança de economia agrária para uma economia de comércio; • Explicar o ciclo de desenvolvimento entre a expansão demográfica e o desenvolvimento de cidades; • Referir a importância do desenvolvimento do comércio para a consolidação da Burguesia; identificar as atividades económicas que advieram com o desenvolvimento económico; • Determinar a importância da expansão agrícola e do desenvolvimento económico das cidades para o início do comércio inter-regional na Europa 	
<p align="center">Questões Orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais os melhoramentos que levaram ao progressivo desenvolvimento do mundo rural? - Como se sucedeu o processo da expansão agrária? Tendo em conta as mudanças existentes na paisagem rural, a ocupação de novas terras e a exploração intensiva? - Como foi possível a existência de excedentes agrícolas? E como esses levaram a uma mudança de economia agrária para economia de comércio? - Como foi encarada a expansão demográfica pelas cidades? - Qual a importância da Burguesia no comércio? - Quais as atividades económicas que chegaram com o desenvolvimento económico? - Qual o papel da expansão agrária e do desenvolvimento económico das cidades para o comércio inter-regional da Europa? 	<p align="center">Conceitos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Afolhamento trienal; - Burguesia
Situações/estratégias de aprendizagem:	
<p align="center">Entrada, Sumário (10 minutos)</p> <p>Visualização de um pequeno vídeo intitulado “A Alta Idade Média: A economia ruralizada” para iniciar o tema da presente aula (3 minutos)</p> <p>Abordar o vídeo com os alunos incitando às principais ideias e temáticas para iniciar o tema da ruralização da economia (3 minutos)</p> <p>Aula expositiva-dialogada sobre a temática do dinamismo dos séculos XII E XIII (20 minutos)</p> <p>Leitura dos documentos 2 e 3 da página 39 do manual e realização da questão proposta (15 minutos)</p> <p>Correção da questão com auxílio à proposta de resolução exposta no quadro (10 minutos)</p> <p>Continuação de aula expositiva-dialogada sobre a temática do desenvolvimento urbano e</p>	

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

comercial dos séculos XI e XIII (15 minutos) Análise de um mapa sobre as rotas e escalas de comércio do século XIII abordando o conteúdo das rotas e cidades comerciais medievais (10 minutos) Conclusão feita pela professora com auxílio dos alunos sobre a matéria dada na presente aula (3 minutos)	
Recursos: Manual, Computador (<i>PowerPoint</i>), Quadro Branco, <i>Data show</i>	Avaliação: Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à questão proposta pelo manual Atitudes/Comportamentos

Não procedemos a apresentações oficiais e formais, como habitualmente acontece, pois já tinham sido feitas no 1º período quando lecionámos à turma três aulas de 90 minutos sobre os conteúdos intitulados de Romanização da Península Ibérica. Como os alunos já nos conheciam, iniciámos a aula.

Relativamente à sala de aula, sendo muito ampla e vasta dificultava a proximidade com os alunos e disciplinarmente é uma sala pouco benéfica para uma turma de 30 alunos.

Desenvolvendo: o sumário da presente aula dizia respeito às questões económicas e demográficas, ao grande dinamismo civilizacional e à grande dinamização das trocas comerciais no continente europeu. E como abordar, ou que estratégias utilizar para trabalhar estes temas com os alunos? Respondendo a esta questão, apenas alertámos que esta aula foi um exemplo de várias opções de ensino-aprendizagem possíveis para tratar esta temática.

Detalhadamente, a aula começou às 14:30h com a entrada de alguns alunos na sala, acontecendo a normal agitação à entrada da aula. Alertámos os alunos, quando estes já estavam mais calmos e sentados que o sumário estava exposto no slide projetado, que o deviam passar para os cadernos diários. Aproveitámos a quietude e procedemos à explicação dos pontos fulcrais do sumário e como se ia proceder a aula. Entretanto entravam alunos atrasados na sala, contando já com 25 alunos.

Este atraso, neste caso, é explicado porque no horário da manhã a turma tinha estado em Lisboa, no âmbito de uma visita de estudo realizada pela disciplina de Língua Portuguesa intitulada Lisboa Medieval. Infelizmente não comparecemos

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

devido a questões pessoais, mas aproveitámos a ocasião para integrar o que tinham visto na presente aula.

Questionámos em seguida a turma sobre o seu gosto pessoal pela Idade Média, e os alunos responderam que não tinham grande gosto por essa época histórica, argumentando que “ser uma seca” e/ou “não tem graça”. No fundo corresponde ao que já sabíamos, os adultos reaprendem a gostar de História, mas os adolescentes não gostam muito, quanto a nós porque exige uma grande memorização de informação.

Tomando nós consciência da situação geral que não se mostrava ser muito positiva, tivemos de ser mais motivadoras e refletimos com os alunos referindo que a Idade Média tinha sido uma época muito distinta da nossa em muitos níveis e por isso era interessante conhecer as suas particularidades. Além disso foi das épocas mais retratadas nos jogos de computador, nas séries televisivas, nos filmes que mostram muitas vezes o mundo medieval e a sua cultura e nas atuais feiras medievais que no nosso país estão na moda e de Norte a Sul se vão realizando, umas com mais veracidade e realismo que outras, mas são fatores que muitas vezes elevam a curiosidade e gosto das populações de todas as idades. No fundo não somos contra a todas as iniciativas que sejam motivadoras para fomentar o gosto pela História.

E para acelerar o processo da aula questionámos a turma sobre a visita de estudo e o que tinham visto, tendo obtido de um modo geral uma resposta positiva, pois, os alunos normalmente gostam de visitas de estudo, porque são propícias a uma aprendizagem diferente, fora de quatro paredes e para além desse facto, relataram-nos que tinham realizado uma espécie de *paddy paper*, onde teriam de passar por pontos estratégicos ao longo da Lisboa Medieval.

Entretanto, entraram os últimos dois alunos na sala, às 14:58, pelo que alertámos que a situação já passava das marcas e aconselhámos que não voltasse a acontecer.

Iniciando a explicação dos conteúdos, em termos estratégicos utilizámos o *PowerPoint* para que mais facilmente os alunos ficassem motivados e atentos, o que por vezes não acontece. Colocámos a imagem inicial de um vídeo que se encontra na plataforma Escola Virtual (plataforma de apoio para professores) intitulado *Alta Idade Média: A economia ruralizada* com duração de 2 minutos e 16 segundos onde era demonstrado os primórdios da Idade Média, onde podemos ver retratado as invasões bárbaras, a fuga das populações, a terra a tornar-se a principal fonte de

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

riqueza e podemos observar no vídeo a decadência que se deu nas cidades, e a aflição das populações que procuravam segurança colocando-se sob a alçada dos grandes senhores. Também tratámos o conceito de economia de subsistência e o seu grande impacto. O documentário-vídeo foi muito elucidativo e interessante e em pouco tempo abordou questões bastante pertinentes que serviram de contextualização à nossa aula.

Seguidamente, dando-se o final do documentário solicitámos a toda a turma que nos esclarecesse sobre os pontos fulcrais que viram retratados no filme, respondendo a maioria da turma de um modo bastante favorável mostrando que estavam atentos, e pelo que pudemos “desmontar” as temáticas do mesmo. A partir deste momento, passámos para a pergunta-chave que é um dos recursos mais utilizados nas nossas aulas, pois, acreditamos que as perguntas certas captam o interesse dos alunos e posteriormente conseguem “arrumar” melhor o conhecimento.

Neste caso a pergunta-chave utilizada foi a seguinte: *O Desenvolvimento económico europeu teve início no mundo rural. Porquê?* Como se pode contemplar no diapositivo 3. Este método chamado de *Interrogação* por alguns autores, é utilizado como “auxiliar do ensino para ajudar à compreensão de uma noção nova, visa colocar na via da verdade; ela sugere, ela convida ao esforço e à iniciativa, corresponde à necessidade da actividade se a matéria da lição retém a atenção do aluno; tem por efeito despertar o desejo de saber e de compreender enquanto que a interrogação de controle procura medir a extensão e a qualidade das aquisições.”¹²⁹

A turma demorou a responder, mas alguns elementos refletiram e tentaram dar algumas ideias que infelizmente não eram as mais adequadas, fugindo um pouco do que era pretendido pelo que tivemos que auxiliar alguns alunos a refletir dando-lhes algumas pistas, às quais responderam relativamente bem. Ainda no diapositivo 3 colocámos em vista o rol de razões ou respostas adequadas.

Nesta aula usámos o método expositivo-dialogado, pelo que o papel do professor mereceu algum destaque, embora a prioridade dos alunos fosse respeitada, no que respeita ao uso da palavra. O ambiente da turma em termos comportamentais, não se diria calmo, pois alguns grupos estavam bastante agitados, pelo que não foi possível

¹²⁹DOTTRENS, Robert, *Educar e Instruir*, Vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 1974, p.79

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

ouvir alguns dos colegas, tendo nós de manter silêncio, para chamar a atenção dos que conversavam muitíssimo alto, ou que estavam em plena brincadeira.

Continuando a abordagem dos conteúdos, chegámos ao domínio dos progressos técnicos e crescimento populacional refletidos no *PowerPoint* desde o diapositivo 4 ao diapositivo 11. Estrategicamente quisemos utilizar recursos mais visuais nas nossas aulas, tal que neste ponto do programa servimo-nos de imagens, iluminuras de época e gráficos que foram analisados em aula individualmente, pois, sabemos que *“o professor deve então procurar equilibrar a exposição e o diálogo com a utilização de outros recursos, nomeadamente os meios audiovisuais porque uma aula não é uma conferência, uma simples narrativa de conteúdos, sendo importante motivar os alunos, mas sem perder a vista a importância do rigor científico.”*¹³⁰

Muitos alunos ficaram bastante espantados com o desenvolvimento que foi originado na Idade Média. Contudo, deu-se uma paragem a meio da aula quando duas alunas pediram para sair, devido a não estarem a sentir-se bem. Respondemos que podiam sair, mas que fossem rápidas e que não incomodassem mais a aula.

Questionando a turma, perguntámos se existia alguma dúvida das matérias até ali lecionadas, tendo uma aluna manifestado dúvidas sobre os arroteamentos, pelo que voltámos prontamente a explicar de uma forma mais clara e compreensível. Pedimos então à turma, apesar dos alunos irem no futuro ter acesso ao *PowerPoint*, fizemos questão que aqueles escrevessem o significado de arroteamentos nos seus respetivos cadernos diários.

Não existindo mais dúvidas, passámos a outro momento de aula onde pedimos a leitura de dois documentos da página 39 do manual escolar, o documento 2 intitulado “Desenvolvimento Agrícola” de Guy Fourquin e o documento 3 intitulado “A criação de gado” de Valentin Vasquez de Prada. Expondo já a nossa opinião que o manual escolar é essencial na vida dos estudantes, pois é uma obra de referência e deve ser mais utilizado. É com ele que estudam e não nos podemos esquecer que o mesmo é pago pelas próprias famílias de um modo geral, pelo que os professores devem ter consciência que utilizar este recurso é uma forma de interação com a turma e da casa para a escola. Terminando a leitura propusemos a realização

¹³⁰MONTEIRO, Miguel Corrêa, *op.cit.*, 2003, p.65

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

individual da questão-chave proposta no manual¹³¹, dando uns 10 a 15 minutos para a sua realização.

A turma tornou-se visivelmente mais calma, apesar de continuar a existir algum murmúrio, mas pouco consistente. Alguns alunos pediram auxílio para interpretar certas ideias dos textos. Passados os 15 minutos acordados, alguns estudantes aprontaram-se a dar as respostas que encarámos como bastante positivas. Resolvemos então colocar as propostas de resolução à questão também no *PowerPoint*, pelo que os alunos solicitaram autorização para poderem passar a informação para os seus cadernos tendo nós respondido afirmativamente.

Continuando a operacionalização abordámos a temática das cidades, tendo então surgido uma nova questão que colocámos à turma: “O que é que achavam se encontrassem as cidades depois das invasões bárbaras?” Depois de terem visto o vídeo inicial da aula as respostas foram mais facilitadas, mas deu-se uma confusão em sala de aula com muito barulho, pelo que nos limitámos a silenciar e a sentar, uma vez que, no nosso entender, de nada nos valia levantar a voz porque os estudantes não estavam em condições de nos ouvir e como a velha máxima conhecida é a de que um comportamento gerar outro comportamento, o baixar a voz fez com que os alunos acalmassem para podermos continuar a explicação dos conteúdos.

Utilizámos sobretudo o método expositivo-dialogado que no nosso entender mostrou ser uma metodologia a seguir em sala de aula, uma vez que temos consciência que o método expositivo não resulta de um modo geral com alunos adolescentes. Recorremos igualmente a tabelas facilitadoras da aprendizagem e da compreensão de conteúdos como se pode verificar no slide 16.

A acalmia durou pouco, pelo que por volta das 15:45 (com outro ponto por tratar), o barulho retornou em forma de conversas altíssimas, gritos e risadas de uma forma pouco usual para a primeira aula pelo que tivemos que tomar a decisão de enviar um aluno mais turbulento para fora da sala de aula para se acalmar, pois, a mestrandia já tinha avisado a turma em relação aos risos altíssimos. O aluno não alterou o comportamento, pelo que achamos a decisão de o enviar para fora da sala como acertada, ainda mais porque foi realizada pela presença da docente cooperante.

¹³¹Vide anexo nº 9, pp.146-147

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Sabemos que compete aos professores a criatividade para pensarem momentos de ensino-aprendizagem, tendo em conta a noção dinâmica do plano, isto é, existem situações em sala de aula que o docente poderá não ter previsto, mas que deve demonstrar capacidade para resolver, e aqui demonstra a influência das teorias educacionais. De fato esta ocasião surgiu com o aparecimento de um mapa onde estavam assinaladas as principais rotas e escalas de comércio no século XIII. A partir deste recurso refletimos um pouco sobre as regiões mais populares, bem como as mais importantes feiras e núcleos mercantis e os produtos que aí chegavam oriundos de muitos lugares por ação dos mercadores. Por fim apontámos o aparecimento das novas técnicas pré-capitalistas como o aparecimento das letras de câmbio e a criação das primitivas “companhias” de seguros e as sociedades comerciais.

Concluímos a aula, faltando três minutos para o toque de saída, tendo ainda tempo para iniciar uma síntese final das ideias principais tratadas na presente aula, através de uma folha que continha as questões orientadoras respondidas¹³², trabalho que ficou por concluir pois os alunos mal se aproxima o final da aula “desligam” e passam imediatamente para uma situação de recreio. Contando com todos os atrasos chegámos ao fim com 27 alunos.

Refletindo, criticamente, pareceu-nos que a abordagem dos conteúdos através da utilização de imagens de gravuras, iluminuras, gráficos, tabelas e mapas são úteis e resultam na estratégia de motivação em sala de aula, sendo quase obrigatórias com os adolescentes atuais que não apreciam aulas expositivas. Contudo, se a aula fosse hoje admitimos que não utilizaríamos tantas imagens, pois, uma imagem não serve de decoração, tem de ser analisada e trabalhada para reforçar a importância da época tratada e, numa aula de 90 minutos, com um ambiente oscilando entre o calmo e o barulhento, nem sempre se consegue realizar uma boa utilização desses recursos.

¹³²Vide Anexo nº 10, pp.149-150

6.2 Aula nº2 – 16 de janeiro de 2017¹³³

A segunda aula de noventa minutos que lecionámos, realizou-se no dia 16 de janeiro de 2017 na sala H 0.47, na presença da professora cooperante Maria José Ferreira.

Partimos dos conteúdos e do sumário acordados para a aula, pelo que apresentamos seguidamente:

Ano Letivo: 2016/2017

Planificação a curto prazo - 2ª aula

Turma: 10º E Data: 16/01/17	
Tema/sub-unidade temática: Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII a XIV – Quadro Económico e Demográfico – Expansão e Limites do Crescimento	Sumário: -As Feiras Medievais -A Fragilidade do equilíbrio demográfico: A fome, A peste e a guerra
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">• Demonstrar as atividades económicas de importância nas feiras medievais e qual o seu papel para a Europa do tempo;• Analisar a fragilidade do equilíbrio demográfico, tendo em conta as fomes periódicas, as pestes e as guerras;	
Questões Orientadoras: <ul style="list-style-type: none">- Que atividades económicas de relevo eram exercidas nas feiras medievais?- Qual o papel das feiras medievais para a Europa do tempo?- Como se deu a fragilidade do equilíbrio demográfico? Tendo em conta as fomes, as pestes e as guerras	Conceitos: (Foram trabalhados os conceitos estruturantes referidos no manual)

¹³³Vide o *PowerPoint* referente a esta aula encontra-se disponível em CD-ROM

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

Situações/estratégias de aprendizagem: Entrada, Sumário (10 minutos) Aula expositiva-dialogada com os alunos sobre a temática do presente sumário com suporte PowerPoint (30 minutos) Conclusão feita pela professora com auxílio dos alunos sobre a matéria dada na presente aula (5 minutos) Realização de uma ficha de trabalho para a avaliação, elaborada pela professora, abordando temáticas da aula anterior e da presente aula (45 minutos)	
Recursos: Manual, Computador (<i>PowerPoint</i>), Quadro Branco, <i>Data show</i> , Ficha de Trabalho	Avaliação: Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos à ficha de trabalho Atitudes/Comportamentos

A presente aula, iniciou-se às 08:15 da manhã, com conteúdo referente às feiras medievais, ou seja, todo o desenvolvimento de cariz económico e social ocorrido na época, e a fragilidade desse desenvolvimento, com as fomes, as pestes e os conflitos sociais bem conhecidos na Idade Média.

Sendo a aula muito cedo, decidimos esperar a entrada dos alunos, começando então a aula às 8 horas e 25 minutos com 26 alunos, num ambiente bem mais calmo comparado com a primeira aula. Talvez por ser muito cedo, alguns ainda não tivessem completamente “acordados”.

Iniciámos o desenvolvimento com uma síntese das questões principais abordadas na aula anterior. Esta abordagem que pediu para sair da aula. Contudo, sendo tão cedo, perguntámos-lhe o porquê de tal pedido, ao qual a aluna respondeu que não se estava a sentir muito bem. Tomámos a decisão de deixar a aluna sair, tendo logo a seguir duas colegas pretendido fazer o mesmo. E um terceiro aluno levantou-se e saiu, apanhando-nos de surpresa. Parámos para manifestar o nosso desagrado com esta situação ocorrida na presença da nossa docente cooperante, chamando à atenção que às 08:30h da manhã não iríamos tolerar outros pedidos de saída.

Ultrapassado este episódio, concluímos a síntese das matérias dadas na aula anterior, passando à explicação do sumário da aula, bem como as orientações que iriam ser seguidas numa clara demonstração que utilizámos o modelo semi-diretivo.

Relativamente ao desenvolvimento económico decidimos colocar no diapositivo 2 do *PowerPoint*, a distinção entre feiras e mercados, tendo solicitado a dois alunos a leitura de ambos os conceitos. Seguidamente os alunos ouviram ler um excerto de uma Carta de criação da feira da Covilhã, que consta da Chancelaria de D. Afonso III. Depois do texto questionámos os alunos sobre o pequeno texto que tinham acabado de analisar: A primeira pergunta foi: “Agora que já leste o texto, consegues explicar o que era uma carta de feira?” e a segunda, “Que regalias eram concedidas aos feirantes?”, tendo sido ambas as respostas satisfatórias.

Em seguida, decidimos ter um momento mais visual, já que não íamos conhecer uma feira medieval na realidade. Realizámos um conjunto de representações através do *PowerPoint*, desde o diapositivo 4 ao diapositivo 7, para exemplificar a vida numa feira medieval, pois, sabemos que *“a dimensão visual fornece um contributo valioso ao ensino da História, que deverá ser tomada como campo de investigação e exploração por parte dos alunos.”*¹³⁴

Foi um momento interessante e com uma dimensão lúdica que serviu com a projeção de imagens importantes, para os alunos perceberem melhor o mundo maravilhoso da Idade Média e do seu quotidiano para desmistificar a ideia das trevas medievais.

Tratámos igualmente um esquema conceptual, sobre a matéria dada na aula anterior e na presente (diapositivo 9). Os esquemas conceptuais são muito importantes nas aulas de História, sobretudo porque ajudam na organização do trabalho e facilitam a compreensão dos alunos. Terminámos deste modo o primeiro ponto do sumário passando para o seguinte onde abordámos o declínio do equilíbrio demográfico na época.

Iniciando esta matéria questionámos a turma sobre o que achava da súbita evolução demográfica? Como diversos autores referem, é *“vantajoso, na maior parte das vezes, fazer as perguntas a toda a classe para obrigar toda a gente a reflectir antes que seja designado aquele que é chamado a responder.”*¹³⁵ Alguns alunos responderam negativamente às causas da referida evolução demográfica e nós

¹³⁴FELGUEIRAS, Margarida Louro, *op.cit.*, p.79

¹³⁵DOTTRENS, Robert, *op.cit.*, p.80

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

respondemos que tinham razão, pois a história tem esses períodos de elevado desenvolvimento e progresso a que se sucedem períodos de decadência.

Adiantando o conteúdo sobre o declínio, explicámos que as causas foram provocadas, primeiro pelos maus anos agrícolas que provocaram a fome e depois pela peste negra que atingiu populações debilitadas fisicamente. Neste ponto utilizámos mais algumas imagens, algumas já conhecidas dos alunos e público em geral. Em seguida, com intuito de gerar agitação, curiosidade nos estudantes e a consequente motivação, colocámos no diapositivo 13 a seguinte questão: *Há Peste Negra nos nossos dias?*

Maioritariamente, a resposta à pergunta foi não, sendo que quando clicámos para aparecer a notícia de 2015 onde vem relatado que até esse ano a Peste Negra tinha ceifado vidas humanas, ficaram totalmente surpreendidos. Com esta estratégia quisemos implementar nas nossas aulas o método de ensino indutivo.

O ensino indutivo ocorre quando o docente gera situações “*para que os alunos construam saber novo (...) [através da criação] de hábitos de questionamento do porquê das coisas, processar dados, reflectir sobre eles, procurar respostas às questões que se colocam (...) competindo ao professor guiar o processo de descoberta, trazer dados, animar a reflexão e orientar a busca, através da apresentação de propostas de actividades e tarefas.*”¹³⁶

Finalmente, passámos à última temática da matéria, os conflitos sociais e as guerras que aconteceram na época, explorando esse tema com apoio no manual e no *PowerPoint*, mais diretamente nos diapositivos 14 e 15. Como é habitual procedemos a uma síntese oral das matérias tratadas na aula.

O último momento de aula deu-se com a entrega de uma ficha de trabalho¹³⁷ por nós realizada, para trabalho individual, tendo por objetivo uma posterior avaliação formativa. A ficha de trabalho tinha como base as temáticas tratadas nas duas aulas dadas. Os alunos estavam informados que tinham até ao final da sessão, mais ou menos os trinta minutos restantes para realizarem a ficha.

¹³⁶BRAGA, Fátima, *op.cit.*, p.41

¹³⁷Vide Anexo nº7, pp.137-140

Aconselhámos os alunos a trocarem ideias com os colegas de mesa, pois, somos da opinião que é necessário encorajar a entreaajuda e a troca de ideias, mas alertámos que a ficha tinha de ser entregue numa folha individualmente.

A aula teve uma dimensão teórico-prática, e nós tentámos dar ênfase à construção do saber pelos próprios alunos, lembrando as teorias construtivistas e além disso, as aulas foram pensadas para “*proporcionar uma maior participação por parte dos formandos e fomentar uma dinâmica interactiva que permita uma aproximação cognitiva dos formandos a situações escolares, bem como uma revisão e uma reclarificação dos tópicos analisados durante as aulas teóricas.*”¹³⁸

A realização da ficha deu-se num ambiente mais descontraído, com alguma conversa paralela, mas em que se notou o interesse dos estudantes na concretização do exercício, pois a atenção é diferente quando sabem que vão ser avaliados.

Entretanto, tivemos o cuidado de avisar que a aula seguinte iria ser na biblioteca, mais propriamente na área de computadores, pois a sessão ia ser um pouco diferente. Prosseguindo com a ficha, alguns alunos pediram ajuda pois tinham algumas dúvidas, à qual nos certificámos que as dúvidas eram totalmente ultrapassadas.

Deu-se o final da aula, com grande alvoroço, tendo os alunos entregue a ficha a correr. Nesta aula estiveram presentes 28 alunos.

Refletindo, sobre esta aula, concluímos que tínhamos mantido o mesmo método e as mesmas estratégias. Contudo, reconhecemos que poderíamos ter pensado mais no tempo que teríamos para cada momento de aula, pois, os alunos ficaram com menos tempo para a realização da ficha de trabalho. Se fosse hoje procederíamos de outro modo, mas ficou a lição. Como principiantes temos consciência com a pouca experiência que ainda alcançámos que poderemos fazer melhor e futuramente iremos certamente conseguir distribuir melhor o tempo de aula.

¹³⁸JESUS, Saul Neves de, *op.cit.*, p.183

6.3 Aula nº3 – 17 de janeiro de 2017¹³⁹

Esta terceira aula de noventa minutos realizou-se no dia 17 de janeiro na biblioteca, mais propriamente na sala de computadores, na presença da professora cooperante Maria José Ferreira.

Os conteúdos e o sumário acordados para a aula, são desenvolvidos a seguir:

Ano Letivo: 2016/2017

Planificação a curto prazo - 3ª aula

Turma: 10º E Data: 17/01/17	
Tema/sub-unidade temática: O Espaço Português: A consolidação de um reino cristão ibérico	Sumário: -Trabalho em grupo sobre as temáticas da Origem e a criação do reino de Portugal (Batalha de Covadonga, Batalha de São Mamede, Tratado de Zamora, <i>Bula Manifestis Probatum</i> , Acordo de Badajoz de 1267, tratado de Alcanises, e “Batalha” de Ourique)
Aprendizagens Específicas: <ul style="list-style-type: none">• Identificar importantes episódios da origem e na criação do Reino de Portugal• Explicar esses episódios, tendo em conta, certos aspetos importantes, como por exemplo: que personagens históricas estão envolvidas nesses episódios, quando foram esses episódios e em que consistiram esses episódios;• Demonstrar quais foram as principais consequências desses episódios e determinar a importância de cada episódio para o desenrolar da história de Portugal	
Questões Orientadoras: <ul style="list-style-type: none">- Data do episódio histórico- Localização do episódio- Intervenientes do episódio- Descrição do episódio- Consequências para a génese do reino de Portugal	Conceitos: (Foram trabalhados os conceitos estruturantes referidos no manual)

¹³⁹ Vide oPowerPoint referente a esta aula encontra-se disponível em CD-ROM

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

Situações/estratégias de aprendizagem: <ul style="list-style-type: none">-Entrada, Sumário (10 minutos)-Contextualização dos conteúdos pela professora para iniciar a matéria da presente aula (10 minutos)-Divisão dos alunos por grupo (5 minutos)-Entrega pela professora de um guião para o trabalho de grupo dos alunos, onde constam as questões-chave a serem respondidas (2 minutos)-Pesquisa pelos alunos com base no guião (30 minutos)-Apresentação oral de cada grupo das questões-chave do guião (25 minutos)-Conclusão feita pela professora com auxílio dos alunos sobre a matéria dada na presente aula (3 minutos)	
Recursos: Manual, Computador (<i>PowerPoint</i>), Quadro Branco, <i>Datashow</i>	Avaliação: Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos às questões do guião Atitudes/Comportamentos

A presente aula iniciou-se às 8 horas e 30 minutos da manhã, bastante fora da hora pois a maioria dos alunos chegaram deveras atrasados. Muito desinquietos para uma aula de manhã cedo, faziam muitas questões sobre o que ia acontecer na aula, da qual lhes foi pedido mais calma para procedermos à explicação da aula. Sentaram-se e em seguida elucidamos os alunos para o que iria ocorrer.

Contextualizou-se a temática da presente aula, ficando a ideia principal que ao longo do desenvolvimento da Europa que já tínhamos retratado, havia um processo importante que estava a acontecer no território da península ibérica. Voltámos às aulas dadas sobre a conquista romana do território, em seguida falámos nas invasões bárbaras e das tribos que se instalaram no nosso território, e questionámos a turma sobre o que tinha vindo a seguir? Muitos responderam com respostas desencontradas e algo aleatórias, pelo que tivemos de explicar no decorrer da aula que era necessário formar oito grupos de uma forma livre. Cinco com quatro elementos e outros três grupos com três elementos. Ficou assim estabelecido, pois estava a faltar uma aluna já há três aulas seguidas.

Seguidamente, distribuámos roteiros/guiões diferentes¹⁴⁰, onde estavam determinados os episódios, como a batalha de Covadonga, batalha de são Mamede, tratado de Zamora, Bula *manifestis probatum*, acordo de Badajoz de 1267, tratado de Alcanises, “batalha” de Ourique, batalha de Guadalete. Essencialmente nesses roteiros vinham estabelecidas as questões que eles teriam de responder. A sua pesquisa poderia ser feita com base na internet, mas também, alargando horizontes, poderiam procurar informações nos livros disponíveis na biblioteca.

Assim que foram distribuídos os roteiros e foi dada a explicação dos objetivos da atividade, iniciou-se um clima de pura brincadeira na sala de computadores, o que não foi de nosso agrado, nem da professora cooperante, muito menos do professor responsável pela biblioteca nem da funcionária encarregue do espaço. Solicitámos vivamente que se acalmassem e fizessem o trabalho conversando mais baixo, pois estávamos numa biblioteca.

Esta estratégia de trabalho em grupo foi escolhida, pois, temos sempre que diversificar os métodos nas nossas aulas, para motivarmos os nossos alunos e fazê-los caminhar para o sucesso, mas não só. Diferente argumento, é o de sermos apologistas de praticar algumas experiências não-diretivas nas nossas salas de aula, “*que permitam uma maior autonomia do aluno e contribuam de forma positiva para a sua socialização.*”¹⁴¹

O papel do professor nesta estratégia deve ser o menos diretivo possível, pois o docente tem o dever de auxiliar os seus alunos, “*o papel do professor deve ser o de acompanhar os trabalhos, observando a forma como os grupos vão desempenhando as tarefas e sugerir pistas quando verificar que o grupo segue por um caminho errado (...) a partir da altura em que o grupo começa a trabalhar com a sua própria dinâmica, [deve] remeter-se a um papel de observador, auxiliando com os seus conhecimentos e experiência.*”¹⁴²

Como tal aconteceu, limitámo-nos a agir quando era pedida a nossa ação, retirando algumas dúvidas, colaborando, quando era pedido, na pesquisa. Fomos ao

¹⁴⁰Vide Anexo nº5, p.131

¹⁴¹PROENÇA, Maria Cândida, *op.cit.*, p.133

¹⁴²Idem, *ibidem*, p.133

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

longo da aula alertando para a prontidão da pesquisa, pois os grupos teriam de apresentar as respostas e falar sobre o episódio histórico aos colegas.

Os alunos questionaram o que queríamos que eles produzissem com a pesquisa, se queríamos uma folha, um *PowerPoint* ou até um vídeo. A nossa resposta foi: façam o que acharem melhor. Não quisemos estabelecer uma estratégia de apresentação, deixámos por conta e risco dos alunos, pois, sabemos que estes têm de ser autónomos, têm de ser criativos e têm de ser responsáveis pelo seu trabalho e conhecimento.

Observámos, que assim que um grupo decidiu elaborar um *PowerPoint*, todos os outros aderiram a esse recurso didático¹⁴³. Chegando o momento das apresentações, decidimos que seria por ordem cronológica, pois em termos de compreensão entendemos ser o mais adequado. Os grupos manifestaram algum interesse, mas o clima de conversa continuava. Os estudantes foram respondendo às questões do roteiro para fazerem a apresentação do episódio aos colegas. Contudo, íamos fazendo algumas questões no decorrer da apresentação a todos os alunos, sobre o que tinham pesquisado mais sobre a temática, também para conseguirmos contextualizar todo o processo histórico dos episódios e fazendo uma ligação ao episódio seguinte, tentando sempre, não diríamos simplificar, mas clarificar ou facilitar a compreensão de episódio tão distantes do nosso tempo e distantes entre episódios, que estavam a analisar, que tiveram bastante importância e consequência para o reino de Portugal.

Foi muitíssimo importante abordar estes episódios com os nossos alunos para fazê-los entender a importância daqueles episódios que lhes pertenciam por serem portugueses e acima de tudo que tinham e têm interesse e valor.

Todos apresentaram o seu trabalho, e no final fizemos questão que nos enviassem todos os *PowerPoint's* que tinham elaborado, pois todo o trabalho realizado em sala de aula deve ser valorizado.

Este tipo de estratégia com trabalhos de grupo, “*no plano do comportamento, [o trabalho em grupo] é, de facto, a moral em acção que valoriza, pela experiência,*

¹⁴³Vide os *PowerPoint's* realizados pelos alunos nesta atividade encontram-se disponíveis em CD-ROM

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

o exercício da colaboração, a aceitação da disciplina pessoal, no interior da disciplina do grupo; ela é a educação para a solidariedade.”¹⁴⁴

A aula terminou num extremo alvoroço assim que deu o toque de saída. Contámos com 29 alunos presentes em aula.

Refletindo sobre esta sessão concluímos que de um modo geral faríamos tudo da mesma forma. Primeiro, porque no nosso entender, conseguimos passar completamente o “testemunho” aos alunos para estes trabalharem e aumentarem o seu conhecimento. A figura de aluno foi o principal personagem da sua aprendizagem nesta aula. Esta assumiu uma dimensão não-diretiva, onde o professor teve um papel de facilitador de aprendizagens, onde os próprios grupos foram estabelecidos pelos alunos, onde os objetivos foram todos cumpridos e essencialmente conseguimos ver que a turma, mesmo tendo um roteiro onde não era estabelecido o produto final da atividade, os estudantes quiseram realizar por sua vontade um produto final, que correu no nosso entender muitíssimo bem. Ficámos muito satisfeitas com estratégia que optámos para esta sessão.

6.4 Aula nº4 – 19 de janeiro de 2017¹⁴⁵

Esta quarta aula de noventa minutos que nos propusemos lecionar realizou-se no de 19 de janeiro na sala H 0.48, na presença da professora cooperante Maria José Ferreira e do nosso colega mestrando António Colaço, bem como do professor coordenador dos Mestrados em Ensino, Professor Doutor Miguel Monteiro, que veio à nossa escola nessa condição, nomeadamente para realizar ações de formação e observação de aulas no III semestre. O seu papel é iminentemente formativo porque é ele que tem a visão de todos os mestrandos em sala de aula.

Sabemos que uma aula observada é sempre uma aula atípica, porque o professor não está sozinho com os seus alunos, está a ser observado por dois formadores. É natural pois que o formando se sinta inibido acusando o peso da responsabilidade.

¹⁴⁴DOTTRENS, Robert, *op.cit.*, p.84

¹⁴⁵Vide o *PowerPoint* referente a esta aula encontra-se disponível em CD-ROM

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

Os conteúdos e o sumário foram acordados para a aula, sendo apresentados em seguida:

Ano Letivo: 2016/2017

Planificação a curto prazo - 4ª aula

Turma: 10º E Data: 19/01/17	
Tema/sub-unidade temática: O espaço português – A consolidação de um reino cristão	Sumário: - A Reconquista; - As origens e criação do Reino de Portugal; - A definição de fronteiras.
Aprendizagens específicas: <ul style="list-style-type: none">- Denominar Reconquista Cristã;- Relatar o processo da Reconquista Cristã na Península Ibérica a partir de 718 até ao reinado de D. Afonso III, enaltecendo os feitos mais importantes e cruciais para a reconquista;- Identificar as prioridades políticas de D. Afonso Henriques no condado portugalense estabelecer a importância fulcral de D. Afonso Henriques no decorrer da Reconquista;- Explicar a situação de avanços e recuos no território português nomeando os reinados em que se deu um recuo;- Determinar a importância da Reconquista e do estabelecimento de fronteiras para a construção da cidadania.	
Questões Orientadoras: <ul style="list-style-type: none">- O que se entende por Reconquista Cristã?- Como foi o processo da Reconquista Cristã desde os seus primórdios até ao reinado de D. Afonso III?- Quais foram as prioridades políticas de D. Afonso Henriques? Qual a sua importância para o decorrer desse processo?- Como foi esse processo? E porquê?- Porque foi importante a Reconquista e o estabelecimento de fronteiras para a construção da cidadania.	Conceitos: Reconquista

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

<p>Situações/estratégias de aprendizagem:</p> <p>Entrada, Sumário (10 minutos) Entrega aos alunos de uma folha informativa com aspetos importantes sobre o conteúdo da atual aula (tabelas cronológicas e mapas) (3 minutos)</p> <p>Aula expositiva-dialogada com os alunos sobre a temática da reconquista cristã e da construção do condado portugalense com recurso ao PowerPoint (20 minutos)</p> <p>Realização de duas atividades com respostas orais dos alunos a partir do PowerPoint (10 minutos)</p> <p>Continuação da aula expositiva-dialogada com os alunos sobre a temática da política de D. Afonso Henriques e o estabelecimento de fronteiras (10 minutos)</p> <p>Visualização de um vídeo sobre a temática do Tratado de Zamora e identificação pelos alunos de ideias principais a retirar (10 minutos)</p> <p>Continuação da aula expositiva-dialogada sobre a temática da Bula <i>Manifestis Probatum</i>, conquistas relevantes no tempo de D. Afonso Henriques e os avanços e recuos no estabelecimento de fronteiras (15 minutos)</p> <p>Estabelecer com os alunos a importância da Reconquista e estabelecimento de fronteiras para o processo de cidadania (5 minutos)</p> <p>Conclusão feita pela professora com auxílio dos alunos sobre a matéria dada na presente aula (5 minutos)</p>	
<p align="center">Recursos:</p> <p>Manual, Computador (<i>PowerPoint</i>), Quadro Branco, <i>Data show</i>, Folha informativa do conteúdo (com tabelas cronológicas, mapas)</p>	<p align="center">Avaliação:</p> <p>Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos às atividades</p> <p>Atitudes/Comportamentos</p>

Iniciou-se a aula às 14 horas e 30 minutos com entrada de alguns alunos, que, como habitualmente chegam atrasados. Quando tivemos a sala mais composta procedemos à apresentação oficial do professor Miguel Monteiro e explicámos o porquê da sua presença na sala, solicitando que o decorrer da mesma fosse calmo e proveitoso.

Continuámos a aula com a explicação dos pontos do sumário, e como esta se iria desenvolver. Seguidamente, com recurso ao *PowerPoint*, apresentámos a primeira temática do sumário, mais propriamente no diapositivo 2, com a seguinte questão: “*o que entendem por reconquista?*”, tendo havido a intervenção de alguns alunos com ideias bastante interessantes, relembrando conteúdos tratados noutras aulas, o que nos deixou satisfeitas. É importante referir que este método de interrogação, “*sem excesso e sem pedantismo, o intercâmbio entre professor e alunos por meio de perguntas e respostas deve ser, ao mesmo tempo que um modo de*

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

aquisição e de compreensão, um exercício de linguagem aumentado a qualidade da expressão oral.”¹⁴⁶

Construímos e contextualizámos então o conceito de reconquista a partir das respostas dos nossos alunos e também de um mapa refletido no diapositivo 3, que demonstrava a ocupação bárbara no território, tendo em conta matéria já dada por nós no 1º período e que serviu para “refrescar” as ideias à turma.

Entretanto, colocámos a circular um conjunto de folhas¹⁴⁷ que deveria ficar para cada aluno individualmente e onde estavam dispostas cronologias e mapas importantes para a compreensão da matéria ao longo da aula. Contudo, apercebemo-nos apenas no final que os mapas nas fotocópias estavam a preto e branco, o que era prejudicial à compreensão da questão dos avanços e recuos da reconquista.

Posteriormente, no diapositivo 4, colocámos a questão: *e a seguir?* iniciando então uma aula bastante semi-diretiva, com exposição-dialogada onde os alunos tiveram voz, pois, os trabalhos de pesquisa que tinham feito na aula anterior. Apesar de já terem sido apresentados, os alunos tiveram que demonstrar novamente o conhecimento sobre todos os episódios que iriam aparecendo ao longo da aula.

Os primeiros grupos a que solicitámos a explicação oral dos episódios históricos novamente à frente da turma foram os grupos da batalha de Guadalete e a da batalha de Covadonga. Os alunos ficaram muito surpreendidos, pois não estavam à espera de tal acontecimento. Mas somos da opinião que todo o conhecimento trabalhado pelos estudantes em aula deve ser esmiuçado para que não se pense que aquilo que se aprende, é esquecido logo a seguir.

Depois da exposição das ideias principais dos alunos sobre os respetivos temas, continuámos a nossa aula expositiva dialogada sobre a Reconquista, a permanência árabe no nosso território, a história do condado portugalense e os problemas internos e externos no condado bem como a morte do conde de D. Henrique, tal como destacamos nos slides 5 a 8. Os conteúdos foram abordados com recurso a tabelas, esquemas e mapas auxiliares na compreensão das temáticas.

Chegado o momento, em que foi solicitado ao grupo que trabalhou a batalha de S. Mamede para que explicasse os pontos fulcrais do episódio pesquisado tal

¹⁴⁶DOTTRENS, Robert, *op.cit.*, p.80

¹⁴⁷Vide Anexo nº 6, pp.133-135

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

como vem disposto no diapositivo 9. Terminado o comentário oral do grupo, procedemos à continuação da abordagem dos mesmos.

Diferente momento surgiu quando realizámos duas atividades orais para que toda a turma pudesse responder e todos interagissem, quebrando então a monotonia da aula expositiva-dialogada. A primeira atividade exposta no diapositivo 11, era mais simples pois bastava completar as frases. A turma completou bastante bem e muito facilmente, existindo alunos que exclamaram que realmente era fácil, pois tinham ouvido estes conteúdos na primária pois lembraram-se que na primária já tinham ouvido falar do assunto. A segunda atividade dizia respeito à identificação das frases como verdadeiras ou falsas, sendo que foi um pouco mais dificultada, principalmente a última frase que dividiu muitos alunos. Terminadas as atividades, voltámos um pouco à matéria fazendo uma pequena síntese das ideias principais.

Prosseguimos a aula sempre com recurso ao *PowerPoint*, contextualizando e revelando continuamente os conteúdos. No diapositivo 14, colocámos a obra de Domingos Sequeira intitulada O Milagre de Ourique de 1793, onde demos voz ao grupo que trabalhou essa “batalha” para voltarem a explicar aos colegas os aspetos fundamentais que retiveram da pesquisa realizada. Assim que terminaram a sua participação, continuámos a desenvolver os conteúdos selecionados.

Sabendo, nós de antemão que as aulas à quinta-feira à tarde tornam-se complicadas, pois os estudantes já se encontram na escola desde as 8 da manhã e chegam a este último bloco cansadíssimos, não podemos esquecer que os mesmos são humanos e não máquinas. Assim existe a necessidade de intercalarmos vários momentos de aula mais descontraídos, para que estas se tornem mais leves, tendo para isso utilizado um pequeno vídeo, que se pode visualizar no diapositivo 15, sobre o Tratado de Zamora, com um estilo mais desprendido, mas também interessante e essencialmente curto, pois se for demasiado longo os alunos perdem-se, acabando o interesse.

Efetuámos igualmente um apanhado de ideias do documentário, tendo prosseguido a aula. Chegado o momento, como podemos verificar no diapositivo 16, de abordar a questão da Bula *Manifestis Probatum*, autorizámos o grupo correspondente a intervir. Foi aqui, neste preciso momento, que a turma referiu que não se via com nitidez os slides projetados no quadro, devido à extrema claridade

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

que chegava a partir das janelas, sem os estores elétricos porque estavam avariados, com a agravante da sala ter 6 janelas enormes. Referimos que este problema que não iria ser resolvido naquela aula e por conseguinte não era necessário tanta indignação, pois os *PowerPoint's* iriam circular pela turma através do apoio da delegada.

Prosseguimos a explicação dos conteúdos referidos no sumário, chegando ao diapositivo 18, onde colocámos imagens que apresentavam os monarcas da época a tratar, e tentámos caracterizar a sua estratégia de ação no território, bem como o decorrer dos seus reinados. É preciso não esquecer que trabalhámos com alunos do 10º ano de escolaridade, brincalhões e algo superficiais, não com alunos universitários.

Finalmente, projetámos um novo slide com um mapa que se encontrava igualmente nas folhas distribuídas, o que remediou a situação de o mesmo não ser perceptível em papel.

Concluímos a aula, com uma síntese das conclusões principais, tentando desenvolver nos alunos os valores formativos da História e o sentido de cidadania, questionando os alunos, sobre o porquê de serem portugueses, e sobre a compreensão da origem histórica da nacionalidade.

Preparando-se para sair instalou-se a desordem na turma, como infelizmente foi hábito. Pelo que consentimos que os alunos saíssem da sala.

Nesta aula estiveram presentes 27 estudantes. Em termos comportamentais, a turma esteve muito agitada, mas controlámos dentro do possível alguns focos de instabilidade. Apesar de tudo também houve alunos muitíssimo interessados e participativos.

Como comentário final consideramos que de um modo geral as estratégias que escolhemos bem como os recursos foram os adequados pelo que se fosse hoje continuaríamos a proceder do mesmo modo. No entanto, no futuro teremos que ter muito mais atenção à questão das fotocópias, e muito possivelmente optávamos por fotocópias a cores, que se por um lado são mais caras, ajudam na compreensão dos mapas e por isso a auxiliam os alunos a uma melhor compreensão da dimensão espacial e temporal.

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

6.5 Aula nº5 – 23 de janeiro de 2017¹⁴⁸

Esta quinta e última aula de noventa minutos realizou-se no dia 23 de janeiro, na sala H 0.47, na presença da professora cooperante Maria José Ferreira.

Os conteúdos e o sumário que foram acordados para a aula, são expostos seguidamente:

Ano Letivo: 2016/2017

Planificação a curto prazo - 5ª aula

Turma: 10º E Data: 23/01/17	
Tema/sub-unidade temática: O espaço português – A consolidação de um reino cristão	Sumário:- Conclusão da temática da fixação do território: Acordo de Badajoz de 1267 e Tratado de Alcanises. - O país urbano e concelhio: os seus símbolos, os seus poderes e sua estrutura social
Aprendizagens Específicas: <ul style="list-style-type: none">●Relatar a conquista definitiva do Algarve por D. Afonso III e os problemas que dificultaram a sua ação;●Enquadrar historicamente o acordo de Badajoz de 1267 e identificar a sua principal consequência para o reino de Portugal;●Enquadrar historicamente o Tratado de Alcanises e determinar a sua importância para o estabelecimento definitivo das fronteiras portuguesas;●Referir duas ações relevantes que contribuíram para o desenvolvimento interno do reino;●Definir os conceitos Concelho e Carta de Foral e estabelecer a sua ligação;●Enunciar direitos e deveres que vêm descritos numa Carta de Foral;●Identificar os símbolos de poder do Concelho;●Explicar o exercício de poder interno e externo (real) no Concelho, distinguindo alguns cargos importantes;●Justificar o poder externo (real) nos Concelhos;●Esquematizar a estrutura social no Concelho;●Defender o ideal da proliferação de Concelhos e outorga de cartas de foral no âmbito da efetivação do poder real.	

¹⁴⁸Vide no CD-ROM o *PowerPoint* referente a esta aula

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

<p>Questões Orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como foi a Conquista definitiva do Algarve? Quais os problemas que dificultaram a sua ação? - Como aparece em cena o Acordo de Badajoz de 1267? E que consequência trouxe para o Reino? - Como aparece o Tratado de Alcanises? Qual a sua importância para o estabelecimento definitivo das fronteiras portuguesas? - Que ações contribuíram para o desenvolvimento interno do reino? - Define Concelho e Carta de Foral. Que ligação existe entre estes termos? - Quais os direitos e deveres vêm dispostos numa Carta de Foral? - Quais são os símbolos de poder do Concelho? - Como se efetua o exercício de poder nos concelhos? Que cargos existem? Distingue-os. - Porque existe intervenção real na ação de poder dos Concelhos? - Como é a estrutura social do Concelho? Esquematiza - Porque se proliferou a outorga de cartas de foral e o estabelecimento de Concelhos pelo poder real? 	<p>Conceitos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Carta de Foral - Concelho
<p>Situações/estratégias de aprendizagem:</p> <p>Entrada, Sumário (10 minutos)</p> <p>Aula expositiva-dialogada sobre a temática da conquista definitiva de Algarve e a consolidação das fronteiras com recurso a PowerPoint (15 minutos)</p> <p>Leitura do documento 2 da página 60 do manual e realização por parte dos alunos das questões 1 e 3 propostas pelo documento (15 minutos)</p> <p>Correção da questão com auxílio à proposta de resolução exposta no quadro (10 minutos)</p> <p>Continuação de aula expositiva-dialogada sobre a temática do desenvolvimento urbano e concelhio (20 minutos)</p> <p>Leitura dos conceitos estruturantes pelos alunos (5 minutos)</p> <p>Realização por parte dos alunos da questão 2 da página 66 do manual (10 minutos)</p> <p>Correção da questão com auxílio à proposta de resolução exposta no quadro (3 minutos)</p> <p>Conclusão da aula feita pela professora com auxílio dos alunos (2 minutos)</p>	
<p align="center">Recursos:</p> <p align="center">Manual, Computador (<i>PowerPoint</i>), Quadro Branco, <i>Data show</i></p>	<p align="center">Avaliação:</p> <p align="center">Avaliação Quantitativa e Qualitativa das respostas dos alunos às questões dos documentos propostos pelo manual</p> <p align="center">Atitudes/Comportamentos</p>

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

A presente aula iniciou-se às 08:30 da manhã, com a entrada da maior parte dos alunos na sala, chegando alguns atrasados. A turma estava visivelmente mais sossegada como acontece habitualmente na primeira aula da manhã.

Em termos de conteúdo continuámos com a temática relacionada com o estabelecimento do reino de Portugal, mais propriamente com a fixação territorial definitiva com as campanhas de D. Afonso III para a conquista decisiva do Algarve. Numa aula expositiva-dialogada sempre com recurso ao *PowerPoint* abordámos também as questões administrativas do reino, numa tentativa de coesão territorial e social.

Tal como a aula anterior, chegara o momento, como podemos ver no diapositivo 5, de falar sobre o Acordo de Badajoz, tendo solicitado ao grupo que trabalhou este tema para apresentar as suas conclusões relativas às pesquisas que tinham feito. Tendo uma boa intervenção, continuámos a contextualizar a matéria em seguida. Foi então chegado o momento de dar voz ao grupo que trabalhou o Tratado de Alcanises. O grupo estava muito disperso da aula e pedimos a sua atenção avisando que seria a última vez, pois aquele grupo já tinha sido muito efusivo durante as aulas anteriores. Um elemento do mesmo prestou uma explicação favorável em relação às finalidades.

Seguidamente, fizemos uma síntese geral das ideias trabalhadas até aquele momento de aula e questionámos se por ventura existiam dúvidas sobre os temas dados. A turma respondeu negativamente, procedendo nós ao momento seguinte de aula.

Perguntámos quem se voluntariava para a leitura do documento 2 intitulado Tratado de Alcanises, da página 60, do manual tendo-se oferecido duas alunas para a leitura. No final da mesma fizemos um resumo para tornar compreensíveis certas questões do texto.

Propusemos também a realização das questões 1 e 3 (anexo 9) que se encontravam pré-estabelecidas no manual, na atividade a seguir ao documento. As questões levantaram dúvidas a alguns alunos, pelo que nos prontificámos a responder envolvendo toda a turma, pois podia tratar-se de uma dúvida de todos. Os estudantes

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

foram realizando a atividade calmamente, pois quando a finalizassem iríamos proceder à respetiva correção.

Terminada então a atividade pelos alunos, ouvimos algumas respostas às questões, e para que a turma contemplasse as respostas mais acertadas, ou aquilo que era pedido, colocámos no *PowerPoint*, mais propriamente no diapositivo 8 as propostas de resolução estabelecidas no livro do professor.

Continuando a nossa exposição dialogada, numa tendência mais descontraída, pois não nos podemos esquecer que a nossa presença e atitude se vai refletir como exemplo para os nossos alunos. Do diapositivo 9 ao diapositivo 16 sempre com recurso a mapas, gráficos, tabelas, imagens que se referem a cartas de foral, muralhas, selos de cidades e pelourinhos, no intuito de mostrar as questões que estamos a trabalhar sobre toda a dinâmica organizacional, ordenadora, administrativa do Reino, tendo em conta a coesão nacional.

A turma mostrando algum interesse por estes assuntos, pois como inicialmente referimos na primeira aula, é sobretudo nestas matérias, que os alunos demonstram mais atenção e interesse uma vez que as matérias despertam a sua curiosidade.

Já na temática do desenvolvimento interno do reino, pronunciámo-nos e analisámos os conceitos de concelho e de carta de foral, e nesse momento pedimos a dois alunos, para lerem as definições propostas pelo manual escolar. Debruçámo-nos nesses conceitos para contextualizar toda a matéria com eles relacionada.

Finalizando, realizámos conjuntamente um resumo oral da aula passada e da presente aula, para estabelecermos um fio condutor dos conteúdos abordados, tendo pedido em seguida a toda a turma para que na página 66 do manual procurassem responder à questão 2 (anexo 9). Num clima mais barulhento, pois o final da aula aproximava-se. Como se tratava de uma atividade mais simples, esta foi realizada rapidamente, pelo que conseguimos proceder mais uma vez à sua correção com apoio ao *PowerPoint* mais propriamente no diapositivo 17, onde vem estabelecida a proposta de resolução.

Faltando cinco minutos para terminar a aula pedimos calma aos alunos, e explicámos que tinha sido a nossa última aula e que não se preocupassem que os *PowerPoint's* iam chegar à turma como acordado e que a ficha de trabalho avaliada

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

seria entregue dentro de uma ou duas semanas num momento de aula cedido pela professora cooperante Maria José Ferreira. Agradecemos toda a atenção e contenção possível feita até aquele momento e desejámos toda a sorte e sucesso para todos os alunos presentes.

Concluída a aula, os alunos arrumaram os seus pertences e acabaram por sair num clima de total descontração e animação normal para adolescentes. Na aula estiveram presentes 30 alunos, tendo sido a única onde estiveram todos presentes.

Realizando uma reflexão crítica sobre esta aula, podemos referir que achámos muito pouco o tempo para esmiuçar certos aspetos desta matéria que deviam ser melhor estudados, mas o tempo não espera, e temos de cumprir o programa para as nossas cinco aulas acordadas com a professora cooperante. Em termos de estratégia e recursos continuaríamos a praticar o mesmo método, no entanto, futuramente (que esperamos próximo) talvez fizéssemos um trabalho de grupo onde as cartas de foral fossem o mote principal.

7. Recursos e Avaliação

Na prática letiva trabalhámos dois aspetos essenciais à ação docente: os recursos e a avaliação.

Relativamente aos recursos, *“até há relativamente pouco tempo, os meios utilizados pela escola para assegurar a instrução e o ensino das crianças limitavam-se a apenas um que os englobava todos: a palavra, a lição do professor, completada pelo conteúdo dos manuais escolares, o material de ensino de que ele podia dispor: imagens, mapas, objectos diversos, por vezes aparelhos ou colecções. Actualmente esses meios desenvolveram-se extraordinariamente; a sua natureza e o seu número aumentam todos os dias.”*¹⁴⁹

O professor escolhe diversos recursos para aplicar didaticamente, os conteúdos científicos nas salas de aula. A utilização de uns recursos em detrimento de outros, explica-se muitas vezes pela vontade e desejo do docente em criar níveis elevados de sucesso através dos meios de ação que ele mesmo ache mais benéficos à compreensão dos conhecimentos pelos alunos.

Os diversos recursos já existentes atualmente estão à disposição dos professores e das escolas para promoção do ensino-aprendizagem, sendo de referir que *“a escolha dos recursos depende muito da personalidade de cada professor. Tudo poder servir para motivar os alunos, nomeadamente a utilização de documentos, diapositivos, textos, desenhos, mapas, documentários e filmes ou trechos musicais. Os meios audiovisuais são recursos normalmente utilizados nas aulas e desde que não sejam usados excessivamente, é inegável o fascínio que exercem sobre os alunos, principalmente os mais jovens.”*¹⁵⁰

Assim sendo, nas nossas aulas, o recurso que foi mais aproveitado, foi sem qualquer margem para dúvidas a apresentação de diapositivos através do PowerPoint, pois *“o diapositivo a cores revela-se precioso para um ensino vivo da história.”*¹⁵¹ Já lá vai o tempo em que o retroprojeto era a novidade como meio

¹⁴⁹DOTTRENS, Robert, *op. cit.*, p.75

¹⁵⁰MONTEIRO, Miguel Corrêa, “Ensino da História” in *O Ensino na Escola de Hoje*, Lisboa, Instituto de Educação, 2017, p.243

¹⁵¹DOTTRENS, Robert, *op.cit.*, p. 116

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

auxiliar de ensino. Hoje em dia, a Internet e as novas tecnologias tornaram obrigatória a existência de um data-vídeo na sala de aula.

Os diapositivos favoreceram as nossas aulas, pois através deles colocávamos os objetivos definidos para a presente aula, servindo também como um guia visual para a turma, uma vez que esta, através do *PowerPoint* acompanhava muito melhor todas as temáticas e problemáticas abordadas.

É sabido que estas plataformas visuais estão cada vez mais em voga nas salas de aula portuguesas, como já frisámos e é referido que *“uma correcta utilização dos meios audiovisuais em situação escolar pode contribuir para iniciar o aluno no consumo racional e razoável da imagem, ensinando o aluno a ler a imagem evitando as intoxicações e as más conclusões. (...) Os diapositivos, as gravuras, as reproduções de quadros podem, por isso, ter um valor pedagógico especial num ensino da História em que se procure levar o aluno a construir o conhecimento.”*¹⁵²

No entanto, temos que saber utilizar este recurso e não tornar a aula numa conferência, ou num cinema gratuito, pois, *“filmes, audiovisuais e outros meios semelhantes podem prender a atenção a curto prazo. Mas a longo prazo, poderão produzir um aluno passivo, sempre à espera que se levante como que uma cortina para se entusiasmar.”*¹⁵³

Relativamente aos trabalhos de grupo, são encarados por uns como um recurso e por outros como uma estratégia, há que referir que a sua utilização se deve ao desejo de implementar manobras não-diretivas nas nossas aulas, uma vez que o trabalho de grupo é encarado como *“um meio muito eficaz para o professor de História conseguir que os alunos pratiquem investigação em torno de temas propostos ou sugeridos pelos alunos. (...) O grupo serve para os alunos adquirirem espírito solidário, cooperante e responsável.”*¹⁵⁴

Um recurso diferente foi a utilização de documentos escritos durante as nossas aulas, pois, eles são fontes importantes para o trabalho de ensino-aprendizagem na aula de História. Pretendemos com a sua utilização que os alunos compreendessem a época histórica, pensamentos, culturas, e apreendessem um pouco do quotidiano medieval que os documentos deixam transparecer. Todo o documento histórico serve

¹⁵²PROENÇA, Maria Cândida, *op.cit.*, pp.129-130

¹⁵³BRUNER, Jerome, *op.cit.*, p.85

¹⁵⁴MONTEIRO, Miguel Corrêa, *op.cit.*, 2017, p.242

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

para motivar as turmas, mas também para efetivar a importância dos fatores históricos. Por último mas não menos importante, servem também para desenvolver nos alunos técnicas de análise e de síntese próprias da História, que vão ajudar o aluno no estudo quando o mesmo é bem utilizado pelo professor, e *“possibilita o aluno de demonstrar as suas próprias capacidades, o ganhar gosto pela leitura e pela descoberta, o aprender a fazer, o desenvolvimento das capacidades críticas.”*¹⁵⁵

Quanto à avaliação, na vida do professor e do aluno é um elemento que marca todo o caminho escolar. Através da avaliação o professor consegue *“reconhecer se os objetivos educacionais que previamente definiu foram ou não atingidos pelos alunos.”*¹⁵⁶

Sabemos que existem três tipos de avaliação: a avaliação de diagnóstico, que normalmente ocorre no início do ano letivo, ou de uma unidade didática; a avaliação sumativa, que normalmente é realizada com recurso a fichas de avaliação onde os alunos obtêm uma classificação e a avaliação formativa, que se vai realizando ao longo do ano letivo para que o professor e os alunos percebam em que patamar se encontra relativamente ao processo de ensino, ou melhor dizendo, relativamente aos objetivos definidos pelo professor.

Ora, durante a nossa prática letiva, apenas utilizámos a ficha de trabalho¹⁵⁷ realizada por nós como meio de avaliar. Remetemos para anexo a respetiva grelha de avaliações¹⁵⁸ por nós elaborada.

Praticámos igualmente a avaliação noutros aspetos mais visíveis e também importantes, ao longo das cinco aulas lecionadas, como a participação nas mesmas, o interesse dos alunos pela História e nas atividades propostas, os atrasos, pois, são aspetos que podem ajudar os estudantes na avaliação final.

¹⁵⁵MONTEIRO, Miguel Corrêa, *op.cit.*, 2003, pp.70-71

¹⁵⁶MONTEIRO, Miguel Corrêa, *op.cit.*, 2001, p.119

¹⁵⁷Vide Anexo nº7, pp.137-140

¹⁵⁸Vide Anexo nº8, pp.142-144

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em forma de conclusão, chega agora o momento final deste árduo caminho, que teve como meta a realização deste Relatório de Prática de Ensino Supervisionada. Caminho percorrido com altos e baixos, mas que foi essencial à nossa aprendizagem docente, onde confirmámos a nossa vocação, sobretudo no enfrentamento dos alunos. Assim a nossa prática docente apesar de reduzida, foi a possível no atual modelo de formação de professores, tendo em conta que é mais fácil darmos mais aulas quando os núcleos de estágio têm um ou dois formandos.

Sentimos desde o início da licenciatura que tínhamos vocação para ensinar, mas acreditamos sinceramente que a verdadeira despistagem vocacional é a sala de aula. Estamos muito gratas à Escola Secundária Camilo Castelo Branco na pessoa da nossa docente cooperante Maria José Ferreira.

No nosso caso particular, este Mestrado em Ensino só veio ainda mais estabelecer e clarificar que o caminho a seguir era a via de ensino. Contudo, sabemos que a profissão de professor não se baseia apenas em vocações. O trabalho científico e didático é muito importante na via profissional e tem que ser encarado, quanto a nós, como pilares fundamentais e primordiais ao longo da carreira docente.

Além destas questões científicas e teóricas, o estágio curricular na Escola Secundária Camilo Castelo Branco fez-nos crer na ideia que um professor deve ser ele próprio, como o defendido por Carl Rogers, isto é não devemos tentar mostrar a alguém aquilo que não somos. Desde o primeiro dia de estágio seguimos esse princípio, sendo nós mesmas, trabalhando para chegarmos a um patamar de rigor que nos permitisse dar aulas e não fazer má figura a nível científico e pedagógico.

Como o nosso professor do seminário de IPP's e orientador costumava dizer a realidade do docente é um triângulo imaginário em que a base é o rigor científico e as laterais são a pedagogia e didática. O eu como pessoa, com as limitações humanas e também com as qualidades, carácter e valores está ao centro.

Seguimos vários modelos educacionais, mas colocámos sempre ênfase nas nossas características. Para um mestrando em estágio, as primeiras aulas são um

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

processo muito importante na aprendizagem, pois é nelas que percebemos se temos jeito ou não para ensinar, e por isso elas representam um importantíssimo marco para quem quer ser professor. Segundo pensamos, cada um de nós tem características próprias e será um professor único, não repetível. É por isso que a atuação de um docente em aula é original não existindo uma regra universal a seguir, o que faz com que assistir a aulas seja sempre bom porque nos ensina sempre alguma coisa.

No entanto, sabemos que ainda há muito a aprender ao longo da carreira docente, que tem o seu início com a profissionalização, com consciência dos problemas e obstáculos que certamente irão surgir. A “armadura” para enfrentar o futuro consiste no nível de preparação obtido durante a formação. Ela serve para os embates do desânimo e os maus conselhos dos “velhos do restelo”. Temos confiança no futuro e sentimos que demos um passo correto ao escolhermos o Mestrado em Ensino.

Neste Relatório, como o próprio título indica, foi abordada a temática do início da Idade Média europeia e também as questões ligadas ao Reino de Portugal. Conteúdos densos, que no 10º ano de escolaridade provaram ser uma matéria demasiado “cortada”, sendo encarada por nós como um desafio. Como é que iríamos conseguir lecionar um período tão extenso como do século XII ao XIV em cinco aulas? E como é que iríamos abreviar a História dos inícios de Portugal numa aula de noventa minutos? Encarámos estes desafios como possíveis, e demonstrámos ao longo dos semestres de prática letiva que conseguimos alcançar esses objetivos. Pensamos que a metodologia que escolhemos foi adequada para lecionar essas temáticas a alunos adolescentes e inquietos.

Encarámos o modelo humanista como um modelo a seguir, aliado à semi-diretividade, pois cada vez mais temos que ver os nossos estudantes como futuros cidadãos responsáveis, pelo que foi importante mostrar-lhes que são eles a razão do processo de ensino-aprendizagem, o alvo do esforço do professor, encarado como um formador, mas também um educador. De facto, o professor moderno para além de ter que demonstrar saber científico deve demonstrar conhecimentos nas novas tecnologias de informação e comunicação usadas a favor da motivação dos alunos.

Os mestrandos em estágio devem ter consciência da sua curta experiência letiva, mas ao mesmo tempo sentindo que deram o seu melhor para dignificar a

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

formação e as duas instituições que fazem parte do protocolo que nos permite lecionar nas escolas, para que os alunos compreendessem a disciplina de História como essencial às suas competências.

Queremos agradecer pela forma como fomos recebidas na escola, por todos os professores e demais funcionários e pela professora cooperante. Contudo, esperávamos mais aprendizagem técnica na escola e, talvez por falta de tempo por parte da professora cooperante tal ficou aquém do esperado. Apesar de tudo não está em causa de que se trata de uma pessoa extremamente humana e disponível, mas entendemos que nos faltaram bases de formação na escola, tal como participação em reuniões bem como na avaliação dos alunos.

Finalmente entendemos que o mestrado foi o ponto de partida para iniciarmos uma carreira que esperamos seja longa, e através das competências adquiridas encararmos a profissão docente como um meio para esbater as desigualdades sociais e mudarmos realidades, acreditando que é através da educação que se consegue fazer progredir uma sociedade em que cada um tem o seu papel, pois, tal como o grande Nelson Mandela referiu *“A educação é o grande motor de desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês se torna médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe de mina, que um filho de trabalhadores rurais pode chegar a presidente de uma grande nação.”*

Referências Bibliográficas

Obras de Referência:

ABRAMSON, M.; GUREVITCH, A.; KOLESNITSKI, N., *História da Idade Média do século XI ao século XV*, Lisboa, Editorial Estampa, 1978.

ARAÚJO, Julieta, *Portugal e Castela na Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri, 2010.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, Lisboa, McGraw-Hill, 1995.

BARCA, Isabel. *O Pensamento Histórico dos Jovens*. Universidade do Minho. Braga. 2000.

BERTRAND, Yves, *Teorias Contemporâneas da Educação*, Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

BIGGE, Morris L., *Teorias da Aprendizagem Para Professores*, São Paulo, Educação Pedagógica e Universitária, 1971.

BLOCH, Marc, *Introdução à História*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1993.

BRAGA, Fátima, *Formação de Professores e Identidade Profissional*, Coimbra, Quarteto, 2001.

BRUNER, Jerome, *O Processo da Educação*, Lisboa, Edições 70, 2014.

CARVALHO, Sérgio Luis, *Cidades Medievais Portuguesas: Uma introdução ao seu estudo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

CONRAD, Philippe, *História da Reconquista*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.

DOTTRENS, Robert, *Educar e Instruir*, Vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Pensar a História Repensar o seu ensino. A disciplina de História no 3º ciclo do Ensino Básico: Alguns princípios Orientadores da Metodologia de Ensino*, Porto, Porto Editora, 1994.

FERNANDES, Hermenegildo, “Sociedade e economia nos campos – séculos XII a XIV” in *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, (Dir. João Medina), Volume III, Lisboa, Ediclube, 2001.

FOURQUIN, Guy, *História Económica do Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 2000.

GOMES, Levy Nunes, *Carnaxide de Ontem e de Hoje*, Câmara Municipal de Oeiras, Gabinete de Comunicação, Oeiras, 2004.

JESUS, Saul Neves de, *Psicologia da Educação*, Coimbra, Quarteto, 2004.

LE GOFF, Jacques, *Reflexões sobre a História*, Lisboa, Edições 70, 1986.

LOPEZ, Robert S., *A Revolução Comercial da Idade Média 950-1350*, Lisboa, Editorial Presença, 1980.

MACEDO, Jorge, *O Ensino Liceal de História e as Exigências universitárias*, Lisboa, Revista Palestra, 1969.

MARQUES, Ramiro, *História Concisa da Pedagogia*, Lisboa, Plátano Edições, 2001.

MATTOSO, José, *História de Portugal*, Vol.I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

MATTOSO, José, *O essencial sobre a Formação da Nacionalidade*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

MONTEIRO, Miguel Corrêa. *Didáctica da História: Teorização e Prática Algumas Reflexões*, Coleção Plátano Universitária, Lisboa, 2001.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *Uma Escola em Transformação*, Lisboa, Plátano Editora, 2003.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *Da escola armazém, à escola humanizada*, documento fornecido durante a frequência da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional I, 2012.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, “Ensino da História” in *O Ensino na Escola de Hoje*, Lisboa, Instituto de Educação, 2017.

PIMENTA, Maria Cristina, *Guerras no Tempo da Reconquista 1128-1249*, Lisboa, Quidnovi, 2008.

PIRENNE, Henri, *As Cidades da Idade Média*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.

PRADA, Valentin Vazquez, *I História Económica Mundial*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1986.

PROENÇA, Maria Cândida, *Didática da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1992.

ROGERS, Carl, *Tornar-se Pessoa*, Lisboa, Padrões Culturais, 2009.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

SANTOS, Luís Filipe, *O Ensino da História e a Educação para a Cidadania. Concepções e Práticas de Professores*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação, 2000.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal, Estado, Pátria e Nação (1080-1415)*, Lisboa, Editorial Verbo, 1978.

SILVA, Manuela Santos, “As cidades (séculos XII-XV)” in *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, (Dir. João Medina), Volume III, Lisboa, Ediclube, 2001.

SNYDERS, Georges, *Para onde vão as pedagogias não-directivas?*, Moraes Editores, Lisboa, 1974.

WOLFF, Philippe, *Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?*, Lisboa, Edições 70, 1998.

Manuais escolares:

FORTES, Alexandra; GOMES, Fátima; FORTES, José, (Colaboração de António Luis Catarino, *Linhas da História*, Parte 2, Areal Editores, 2016.
- Linhas da História - Livro do Professor, Lisboa, Areal Editores, 2016.

Ministério da Educação:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Programa de História A / 10.º, 11.º e 12.º Anos /Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas / Formação Específica / Homologação / 16/03/2001 (10.º Ano) / 01/04/2002 (11.º e 12.º Anos) Autoras / Clarisse Mendes (Coordenadora) / Cristina Silveira / Margarida Brum. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 2002.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Relatório de Avaliação Externa: *Escola Secundária com 3º ciclo do Ensino Básico Camilo Castelo Branco*, 27 a 28 de Fevereiro de 2008, Inspeção-geral da Educação, 2008.

Dissertações, Teses e Relatórios e Projetos Educativos:

JANES, José Cristiano Mendes, *Temas de História Contemporânea: A utilização didática do documento no ensino-aprendizagem da História*, Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

PEPE, Rui Miguel Valente Inácio, *Da Revolução Bolchevique à ditadura estalinista: opções de ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia apresentada ao Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

TERENO, António Vitorino Simões, *O dinamismo civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII-XIV: espaços, poderes e vivências: uma proposta didáctica*, Lisboa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2013.

Projeto Educativo – Agrupamento de Escolas de Carnaxide, 2015/2017.

Projeto Educativo – Escola Secundária Camilo Castelo Branco, 2008/2011.

Legislações:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Despacho nº8322/2011, in Diário da República, 2º série – Nº115 – 16 de Junho de 2011.

Referências Eletrónicas:

Agrupamento de Escolas de Carnaxide. [em linha]. [consult. 19-1-2016]. Disponível em WWW: «URL: <http://www.ecarnaxide.pt/entidade/es-camilo-castelo-branco>

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

BECKER, Fernando, “Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos”, in *Paixão de Aprender*. [em linha]. [consult. 20-7-2017]. Disponível em WWW:«URL:<http://www.marcelo.sabbatini.com/wp-content/uploads/downloads/2017/07/becker-epistemologias.pdf>

FERREIRA, Carlos Augusto Lima, “Espaço e Tempo: Implicações no Ensino de História” in *ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História*. [em linha]. [consult. 10-6-2017]. Disponível em WWW:«URL:<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0177.pdf>

FONSECA, Maria de Jesus Martins, *Carl Rogers: uma concepção holística do Homem, da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno*. [em linha]. [consult. 16-11-2016]. Disponível em WWW:«URL:<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium36/4.pdf>

SCHMIDT, Maria Auxiliadora, “Construindo conceitos no ensino de História: A “Captura Lógica” da realidade social” in *Revista História do Ensino*, Vol.5. [em linha]. [consult. 29-6-2017]. Disponível em WWW:«URL:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12443/10933>

União de Freguesias Carnaxide e Queijas [em linha]. [consult. 10-6-2017]. Disponível em WWW:«URL: <http://www.uf-carnaxide-queijas.pt/freguesia/breve-resenha-hist%C3%B3rica-das-freguesias.html>

Notícias:

BBC Brasil, *Em pleno século 21, EUA convivem com a peste, que matou milhões na Idade Média*

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Filmes e Documentários:

A ALTA IDADE MÉDIA: A ECONOMIA RURALIZADA [Em linha] [s.l., s.d.,]

Escola Virtual [Consult. 28-12-2016]. Disponível em WWW:URL:

<https://lmsev.escolavirtual.pt/search?pattern=alta%20idade%20m%C3%A9dia>

TRATADO DE ZAMORA 1143 – FUNDAÇÃO DE PORTUGAL [Em linha] [s.l., s.d., s.e.,] [Consult. 4-1-2017]. Disponível em WWW:URL:

<https://www.youtube.com/watch?v=8BpYCV-pjHc>

ANEXOS

ANEXO Nº 1
HORÁRIO LETIVO SEMANAL DA TURMA

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**



Agrupamento de Escolas de Carnaxide

HORÁRIO PROFESSOR

2016/17

Maria José Flório Monteiro Duarte Gonçalves Ferreira

Horas	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
08:15 - 09:00	HIST. A - 10º E - H_0.47	HIST. A - 10º E - H_0.46			
09:00 - 09:45	HIST. A - 10º E - H_0.47	HIST. A - 10º E - H_0.46			
10:00 - 10:45		HIST. A - 10º D - B_1.06	HIST. A - 10º D - B_1.06		
10:45 - 11:30		HIST. A - 10º D - B_1.06	HIST. A - 10º D - B_1.06		
11:45 - 12:30					HIST. A - 10º D - H_0.47
12:30 - 13:15					HIST. A - 10º D - H_0.47
13:15 - 14:30					
14:30 - 15:15	RA HIST A / 10º - E - H_0.47			HIST. A - 10º E - H_0.48	
15:15 - 16:00	HIST. A (10D) - C_0.11			HIST. A - 10º E - H_0.48	

ANEXO N° 2

RELAÇÃO DE TURMA – Pauta de alunos com

Fotografias

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**

RELAÇÃO DE TURMA					
Escola	Escola Secundária Camilo Castelo Branco, Carnaxide, Oeiras				
	2016/17 10º - E				
					
Alexandre Monteiro	Ana Baneiros	Ándria Santos	Beatriz Bastos	Carolina Marques	Carolina Santos
1	2	3	4	5	6
					
Catarina Reis	Cláudia Alves	Daniela Costa	David Oliveira	David Ferreira	Diogo Józ
7	8	9	10	11	12
					
Inês Duarte	Joana Matias	João Franco	Leonor Silva	Mafalda Simões	Maria Leitão
13	14	15	16	17	18
					
Maria Silva	Miguel Morgado	Nadine Ribeiro	Naysa Cabral	Patrícia Rêda	Rafael Dias
19	20	21	22	23	24
					
Rita Nunes	Rita Pereira	Sofia Barbosa	Vasco Silva	Soraia Correia	Maria Santos
25	26	27	28	29	30
					
Celo Kripp	João Costa	Rita Sales	Luana Silva		
31	32	33	34		

ANEXO Nº 3
PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Escola Secundária Camilo Castelo Branco

Departamento de Ciências Sociais e Humanas – História A

Planificação a Longo Prazo
10º Ano – Ano Letivo 2017-18



1.º PERÍODO

MÓDULO 0 – ESTUDAR E APRENDER HISTÓRIA	COMPETÊNCIAS	APRENDIZAGENS ESTRUTURANTES	CONCEITOS	AULAS* (blocos de 90 m)
<p>0. A HISTÓRIA: TEMPOS E ESPAÇOS</p> <p>0.1. Quadros espaço-temporais: - Períodos históricos e momentos de rutura.</p> <p>0.2. Processos evolutivos: - Multiplicidade de factores.</p> <p>0.3. Permutas culturais e simultaneidade de culturas.</p> <p>0.4. História nacional e história universal: - Interações e especificidade do percurso português.</p>	<p>Pesquisa de forma autónoma mas planificada, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo, organizando-a segundo critérios de pertinência.</p> <p>Analisa fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado.</p> <p>Analisa textos historiográficos, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação suscetível de revisão, em função dos avanços historiográficos.</p> <p>Situa cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com o contexto em que ocorreram.</p>	<p>Compreender a noção de período histórico como resultado de uma reflexão sobre permanências e mutações nos modos de vida das sociedades, num dado espaço.</p> <p>Reconhecer a diversidade de documentos históricos e a necessidade de uma leitura crítica.</p> <p>Exercitar a prática de recolha de informação individualmente e em grupo e do seu tratamento e organização.</p> <p>Analisar e produzir materiais iconográficos (quadros ou frisos cronológicos, mapas e cronologias).</p> <p>Exercitar diversas formas de comunicação escrita (biografias, resumos, relatórios) e oral (apresentações orais, debates).</p> <p>Desenvolver a noção de relativismo cultural.</p>	<p>Fonte histórica</p> <p>Tempo histórico</p> <p>Cronologia</p> <p>Periodização</p> <p>Património</p> <p>Condicionismo</p> <p>Efeito</p> <p>Ciências Sociais</p>	3 aulas

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

MÓDULO 1 - RAÍZES MEDITERRÂNICAS DA CIVILIZAÇÃO EUROPEIA - CIDADE, CIDADANIA E IMPÉRIO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	COMPETÊNCIAS	APRENDIZAGENS ESTRUTURANTES	CONCEITOS	AULAS*
<p>1. O MODELO ATENIENSE</p> <p>1.1. A democracia antiga:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Direitos dos cidadãos e exercício de poderes. <p>1.2. Uma cultura aberta à cidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As grandes manifestações cívico-religiosas. - A educação para o exercício público do poder. - A arquitetura e a escultura, expressão do culto público e da procura da harmonia. 	<p>Pesquisa de forma autónoma mas planificada, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo, organizando-a segundo critérios de pertinência.</p> <p>Analisa fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado.</p>	<p>Identificar a pólis ateniense como um centro politicamente autónomo onde se tornou possível desenvolver formas de participação democrática restritas à comunidade dos cidadãos.</p> <p>Valorizar os processos de intervenção democrática na vida coletiva.</p> <p>Interpretar a extensão do direito de cidadania romana como um processo de integração da pluralidade de regiões sob a égide do Estado imperial.</p>	<p>Pólis Ágora Democracia Antiga Cidadão Meteco Escravo Ordem arquitetónica</p>	9 aulas
<p>2. O MODELO ROMANO</p> <p>2.1.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Roma, cidade ordenadora de um império urbano - A unidade do mundo imperial: o culto a Roma e ao imperador. - A codificação do direito. - A progressiva extensão da cidadania. <p>2.2.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática - A padronização do urbanismo e a fixação de modelos arquitetónicos e escultóricos. <p>A apologia do Império na épica e na historiografia; a formação de uma rede escolar urbana uniformizada.</p> <p>2.3.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Romanização da Península Ibérica, um exemplo de integração de uma região periférica no universo imperial. 	<p>Analisa textos historiográficos, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação suscetível de revisão, em função dos avanços historiográficos.</p> <p>Situa cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com o contexto em que ocorreram.</p> <p>Mobiliza conhecimentos de realidades históricas estudadas para fundamentar opiniões, relativas a problemas nacionais e do mundo contemporâneo e para intervir de modo responsável no seu meio envolvente.</p> <p>Elabora e comunica com correção linguística e de forma criativa, sínteses de assuntos estudados.</p>	<p>Distinguir formas de organização do espaço nas cidades do Império tendo em conta as suas funções cívicas, políticas e culturais.</p> <p>Sensibilizar para a importância do legado político e cultural clássico como uma das matrizes da formação da civilização europeia ocidental.</p> <p>Desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e da apreciação de manifestações artísticas do período clássico.</p> <p>Identificar na romanização da Península Ibérica os instrumentos de aculturação das populações submetidas ao domínio romano.</p> <p>Compreender as virtualidades do espaço mediterrânico como lugar de encontros e de sínteses.</p>	<p>Urbe Império Fórum Direito Magistratura Urbanismo Pragmatismo Romanização Município Aculturação</p>	15 aulas
<p>3. O ESPAÇO CIVILIZACIONAL GRECO-LATINO À BEIRA DA MUDANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> - O império universal romano-cristão. A Igreja e a transmissão do legado político cultural clássico. - Prenúncios de uma nova geografia política: a presença dos bárbaros no Império. 			<p>Igreja Romano Cristã Civilização Época Clássica</p>	4 aulas
<p>AValiação : Testes (2) preparação e correcção.</p>				10 aulas

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

2.º Período

MÓDULO 2 – DINAMISMO DA EUROPA OCIDENTAL NOS SÉCULOS XIII A XIV – ESPAÇOS, PODERES E VIVÊNCIAS	COMPETÊNCIAS	APRENDIZAGENS ESTRUTURANTES	CONCEITOS	AULAS
<p>1. A IDENTIDADE CIVILIZACIONAL DA EUROPA OCIDENTAL</p> <p>1.1. Poderes e crenças - multiplicidade e unidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma geografia política diversificada. Impérios, reinos, senhorios e comunas; imprecisão de fronteiras internas e externas. - A organização das crenças: o poder do Bispo de Roma na Igreja ocidental; o reforço da coesão interna face a Bizâncio e ao Islão. <p>1.2. O quadro económico e demográfico - expansão e limites do crescimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expansão agrária, dinamização das trocas regionais e afirmação das grandes rotas do comércio externo - A fragilidade do equilíbrio demográfico. 	<p>Pesquisa de forma autónoma mas planificada, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo, organizando-a segundo critérios de pertinência.</p> <p>Analisa fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado.</p> <p>Analisa textos historiográficos, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação suscetível de revisão, em função dos avanços historiográficos.</p>	<p>Reconhecer na sociedade europeia medieval fatores de coesão que se sobrepuseram às permanentes diversidades político-regionais, distinguindo a importância da Igreja neste processo.</p> <p>Reconhecer no surto demográfico do século XIII, na expansão agrária que acompanhou e no paralelo desenvolvimento urbano, o desencadear de mecanismos favorecedores de intercâmbios de ordem local, regional e civilizacional.</p> <p>Reconhecer o senhorio como o quadro organizador da vida económica e social no mundo rural tradicional, caracterizando as formas de dominação exercidas sobre as comunidades campesinas.</p>	<p>Reino Senhorio Comuna Papado Igreja Ortodoxa Grega Islão Burguesia Economia monetária</p>	6 aulas
<p>2. O ESPAÇO PORTUGUÊS - A CONSOLIDAÇÃO DE UM REINO CRISTÃO IBÉRICO</p> <p>2.1. A fixação do território - do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras.</p> <p>2.2. O país urbano e concelho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A multiplicação de vilas e cidades concelhias; a organização do território e do espaço citadino. - O exercício comunitário de poderes concelhios; a afirmação política das elites urbanas. <p>2.3. O país rural e senhorial:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O exercício do poder senhorial: privilégios e imunidades; a exploração económica do senhorio; a situação social e económica das comunidades rurais dependentes. 	<p>Situa cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com o contexto em que ocorreram.</p> <p>Relaciona a História de Portugal com a História europeia e mundial, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades.</p> <p>Situa e caracteriza aspetos relevantes da História de Portugal, europeia e mundial.</p>	<p>Compreender a especificidade da sociedade portuguesa concelhia, distinguindo a diversidade de estatuto dos seus membros e as modalidades de relacionamento com o poder régio e os poderes senhoriais.</p> <p>Interpretar a afirmação do poder régio em Portugal como elemento estruturante da coesão do país concelho e do país senhorial e promotor de missões de prestígio e de autonomia do Reino no contexto da Cristandade ibérica.</p>	<p>Reconquista Concelho Carta de Foral Mesteiral Imunidade Vassalagem Monarquia feudal Cúria Cortes/ Parlamentos Inquirições Legista</p>	15 aulas

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

<p>2,4, O poder régio, fator estruturante da coesão interna do reino:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A centralização do poder - justiça, fiscalidade e defesa; a reestruturação da administração central e local - o reforçados poderes da chancelaria e a institucionalização das Cortes; - O combate à expansão senhorial e a promoção política das elites urbanas; - A afirmação de Portugal no quadro político ibérico. <p>3. VALORES, VIVÊNCIAS E QUOTIDIANO</p> <p>3.1. A experiência urbana:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma nova sensibilidade artística - o gótico; - As mutações na expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias; - A expansão do ensino elementar; a fundação de universidades. <p>3.2. A vivência cortesã:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A cultura leiga e profana nas cortes régias e senhoriais: a educação cavaleiresca, amor cortês, culto da memória dos antepassados. <p>3.3. A difusão do gosto e da prática das viagens: peregrinações e romarias; negócio e missões político-diplomáticas.</p> <p>AVALIAÇÃO : Testes (2) preparação e correcção</p>		<p>Compreender as atitudes e os quadros mentais que enformam a sociedade da época, distinguindo cultura popular de cultura erudita</p> <p>Desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e apreciação de obras artísticas do período medieval.</p> <p>Valorizar formas de organização coletiva da vida em sociedade.</p>	<p>Confraria Corporação Universidade Cultura erudita Cultura popular Arte gótica Época medieval</p>	<p>5 aulas</p> <p>10</p>
--	--	---	---	--------------------------

3.º Período

MÓDULO 3 – A ABERTURA EUROPEIA AO MUNDO – MUTAÇÕES NOS CONHECIMENTOS, SENSIBILIDADES E VALORES NOS SÉCULOS XV E XVI	COMPETÊNCIAS	APRENDIZAGENS ESTRUTURANTES	CONCEITOS	AULAS
<p>1. A GEOGRAFIA CULTURAL EUROPEIA DE QUATROCENTOS E QUINHENTOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações. - O cosmopolitismo das cidades hispânicas - a importância de Lisboa e Sevilha. 	<p>Pesquisa de forma autónoma mas planificada, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo, organizando-a segundo critérios de pertinência.</p>	<p>Reconhecer o papel de vanguarda dos Portugueses na abertura europeia ao mundo e a sua contribuição para a síntese renascentista.</p> <p>Identificar a emergência e a progressiva</p>	<p>Navegação astronómica</p>	<p>2 aulas</p>

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

<p>2. O ALARGAMENTO DO CONHECIMENTO DO MUNDO</p> <ul style="list-style-type: none"> - O contributo português: inovação técnica; observação e descrição da natureza. - A matematização do real; revolução das concepções cosmológicas. 	<p>Analisa fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado.</p>	<p>consolidação de uma mentalidade quantitativa e experimental que prepara o advento da ciência moderna e proporciona ao homem um maior domínio e conhecimento do mundo.</p>	<p>Cartografia Experiencialismo Mentalidade quantitativa Revolução copernicana</p>	<p>2 aulas</p>
<p>3. A PRODUÇÃO CULTURAL</p> <p>3.1. Distinção social e mecenato:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A ostentação das elites cortesãs e burguesas. O estatuto de prestígio dos intelectuais e artistas. - Portugal: o ambiente cultural da corte régia. <p>3.2. Os caminhos abertos pelos humanistas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Valorização da Antiguidade Clássica e consciência da modernidade; a afirmação das línguas nacionais. - Individualismo, espírito crítico, racionalidade e utopia. <p>3.3. A reinvenção das formas artísticas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Imitação e superação dos modelos da Antiguidade. - A centralidade do observador na arquitetura e na pintura. A perspetiva matemática, a racionalidade no urbanismo. A expressão naturalista na pintura e na escultura. - A arte em Portugal: o gótico manuelino e a afirmação das novas tendências renascentistas. 	<p>Analisa textos historiográficos, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação suscetível de revisão, em função dos avanços historiográficos.</p> <p>Situa cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com o contexto em que ocorreram.</p> <p>Relaciona a História de Portugal com a História europeia e mundial, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades</p>	<p>Reconhecer o prestígio da coroa portuguesa na Época Moderna e a função valorizante da produção artística e literária nacional.</p> <p>Identificar no urbanismo, na arquitetura e na pintura a expressão de uma nova conceção do espaço, de caráter antropicêntrico.</p> <p>Identificar na produção cultural renascentista a herança da Antiguidade Clássica e a continuidade com o período medieval.</p>	<p>Intelectual Civilidade Renascimento Humanista Antropocentrismo Naturalismo Classicismo Perspetiva Manuelino</p>	<p>2 aulas</p>
<p>4. A RENOVAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE</p> <p>4.1. A Reforma protestante</p> <ul style="list-style-type: none"> - Individualismo religioso e críticas à Igreja Católica. A rutura teológica. - As Igrejas reformadas. <p>4.2. A Contrarreforma e a Reforma Católica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reafirmação do dogma e do culto tradicional. - A reforma disciplinar; o combate ideológico. - O impacto da Reforma Católica na sociedade portuguesa. 	<p>Situa e caracteriza aspetos relevantes da História de Portugal, europeia e mundial.</p> <p>Identifica a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço. Mobiliza conhecimentos de realidades históricas para fundamentar opiniões, relativas a problemas nacionais e do mundo contemporâneo, e para intervir de modo responsável no seu meio envolvente.</p>	<p>Desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e apreciação de obras artísticas e literárias do período renascentista.</p> <p>Interpretar as Reformas - protestante e católica - como um movimento de humanização e individualização das crenças e do rejuvenescimento do Cristianismo, não obstante a violência das manifestações de antagonismo religioso durante a Época Moderna.</p>	<p>Reforma Heresia Dogma Predestinação Sacramento Rito Concílio Seminário Catecismo Inquisição Index Proselitismo Missiologia</p>	<p>6 aulas</p>
<p>5. AS NOVAS REPRESENTAÇÕES DA HUMANIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do género humano: evangelização e escravização; os antecedentes da defesa dos direitos humanos. 	<p>Elabora e comunica com correção linguística e de forma criativa sínteses de assuntos estudados.</p> <p>Utiliza as TIC, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos.</p> <p>Manifesta abertura à dimensão intercultural das sociedades contemporâneas.</p>	<p>Reconhecer o Cristianismo como matriz de identidade dos europeus e referente na apreciação qualitativa das outras culturas/civilizações.</p> <p>Compreender a modernidade como um fenómeno global que se manifesta nas ideias e nos comportamentos e encontra nos centros urbanos mais dinâmicos da Europa um espaço privilegiado de criação e irradiação.</p>	<p>Miscigenação Providencialismo Direitos Humanos Racismo Época Moderna</p>	<p>6 aulas (Palestra)</p> <p>1 aula (Palestra)</p>

ANEXO Nº 4
PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO

2º Período – Módulo 2: Dinamismo da Europa Ocidental nos Séculos XIII e XIV – Espaços, poderes e vivências					
Conteúdos	Competências	Aprendizagens estruturantes	Conceitos	Recursos	Aulas
1.A identidade civilizacional da Europa Ocidental: 1.2 O quadro económico e demográfico – expansão e limites do crescimento: - a expansão agrária, dinamização das trocas regionais e afirmação das grandes rotas do comércio externo; - a fragilidade do equilíbrio demográfico	Analisa fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado Analisa textos historiográficos, identificando a opinião do autor, e fazendo uma análise do pensamento da	Reconhecer no surto demográfico do século XIII, na expansão agrária que o acompanhou e no paralelo desenvolvimento urbano, o desencadear de novas formas de intercâmbio, local e inter-regional Reconhecer na sociedade portuguesa medieval fatores de coesão que se sobrepuseram às diversidades politico-regionais	Afolhamento trienal Burguesia	Manual Quadro branco Data show Fichas de trabalho	2 Aulas de 90 minutos

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

<p>2. O espaço português – A consolidação de um reino cristão ibérico</p> <p>2.1 A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras</p> <p>2.2 O país urbano e concelho: - a multiplicação de vilas e cidades concelhias; a organização do território e do espaço citadino; - o exercício comunitário de poderes concelhios; a afirmação política das elites urbanas.</p>	<p>época</p> <p>Situa cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes</p> <p>Relaciona a História de Portugal com a história europeia distinguindo dinâmicas e especificidades</p>	<p>Interpretar a afirmação do poder régio em Portugal como exemplo de coesão e autonomia do reino</p> <p>Compreender a especificidade da sociedade portuguesa concelhia, distinguindo a diversidade de estatutos das populações e os seus relacionamentos com o poder régio e os poderes senhoriais</p>	<p>Reconquista</p> <p>Concelho</p> <p>Carta de Foral</p>		<p>3 Aulas de 90 minutos</p>
---	--	---	---	--	-------------------------------------

ANEXO Nº 5

UM EXEMPLAR DE GUIÃO DO

TRABALHO DE GRUPO - AULA Nº 3

TEMA: O ESPAÇO PORTUGUÊS: A CONSOLIDAÇÃO DE UM REINO CRISTÃO IBÉRICO

Episódio histórico:

BATALHA DE COVADONGA

Pesquisa na Internet sobre este episódio importante da Origem do reino
português;

Seguidamente responde às seguintes questões

- DATA DO EPISÓDIO
- LOCALIZAÇÃO DO EPISÓDIO
- INTERVENIENTES/PERSONAGENS DO EPISÓDIO
- DESCREVE O EPISÓDIO/COMO FOI O EPISÓDIO
- QUE CONSEQUÊNCIAS TROUXE PARA ORIGEM E CRIAÇÃO DO
REINO DE PORTUGAL

Observações: É necessária uma pesquisa rápida mas cuidada, leiam e analisem a
informação, respondam às questões para se proceder a uma apresentação oral
dos vossos trabalhos

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS – início às 09:05

Bom trabalho

ANEXO N° 6
FOLHA DISTRIBUIDA NA AULA N°4

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco – Carnaxide – 2016/2017

Mestranda/Profª Ana Sofia Lopes



O espaço português: A consolidação de um reino cristão ibérico

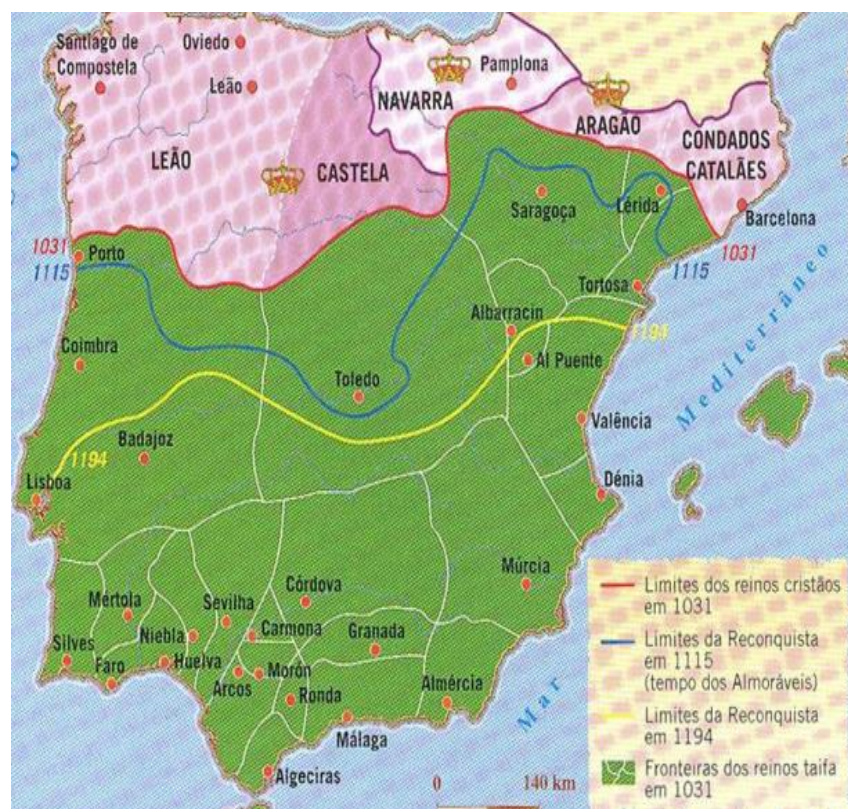
Tabela Cronológica

711	<u>BATALHA DE GUADALETE</u> – INVASÃO DA PENINSULA IBÉRICA PELOS MUÇULMANOS
718	ORGANIZAÇÃO DOS VISIGODOS NAS ASTURIAS SOB A ALÇADA DE PELÁGIO – INICIA-SE A RECONQUISTA
722	<u>BATALHA DE COVADONGA</u>
1096	D. HENRIQUE CHEGA À PENINSULA IBÉRICA PARA AUXILIAR NA RECONQUISTA. <u>RECEBE O CONDADO PORTUGALENSE</u>
1128	<u>BATALHA DE SÃO MAMEDE</u> - D. AFONSO HENRIQUES VENCE A BATALHA CONTRA D. TERESA
1139	<u>BATALHA DE OURIQUE</u> – IMPORTANTE VITÓRIA DE D. AFONSO HENRIQUES SOBRE OS MUÇULMANOS. AFONSO HENRIQUES PASSA A USAR O TITULO DE REI
1143	<u>TRATADO DE ZAMORA</u> – O REI DE LEÃO E CASTELA RECONHECE O TITULO DE REI A D. AFONSO HENRIQUES
1147	D. AFONSO HENRIQUES CONQUISTA SANTAREM E LISBOA
1179	<u>BULA MANIFESTIS PROBATUM</u> – O PAPA RECONHECE D. AFONSO HENRIQUES COMO REI DE PORTUGAL, TORNANDO-SE VASSALHO DA SANTA SÉ
1297	D. AFONSO III DEFINITIVAMENTE CONQUISTA O ALGARVE
1297	<u>TRATADO DE ALCANISES</u> – DEFINE AS FRONTEIRAS ENTRE PORTUGAL E CASTELA

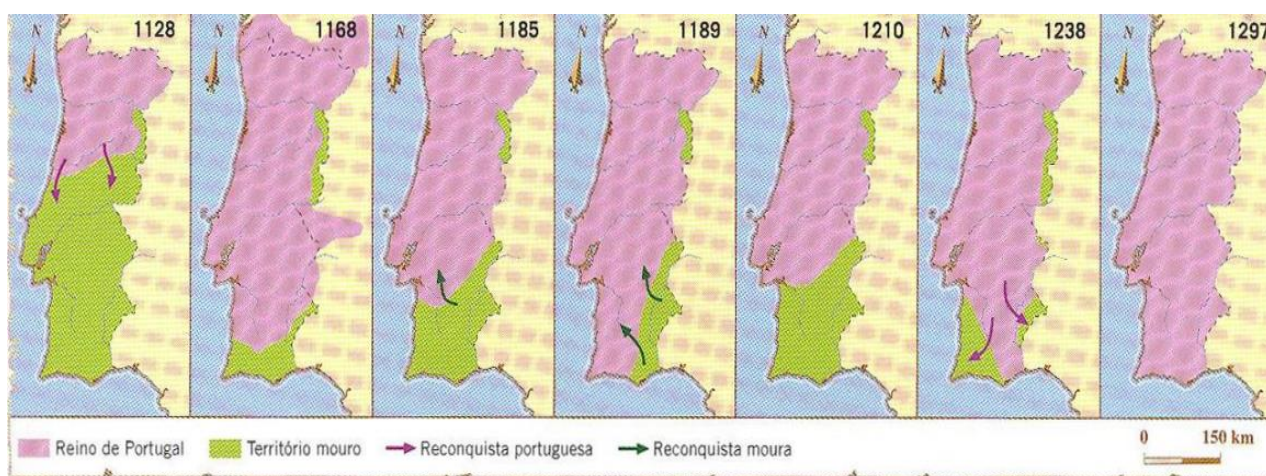
Estátua representativa de D. Afonso Henriques



O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem



A Península cerca do ano de 1035. A Norte são visíveis os reinos cristãos. Abaixo da linha de fronteira encontram-se territórios em disputa e os reinos taifas nas quais se dividia



⌂ O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS DE MEADOS DO SÉCULO XII A FIMAS DO SÉCULO XIII.

As conquistas portuguesas (de D. Afonso Henriques a D. Afonso III)

D. Afonso Henriques (1128-1185)

- Leiria (1143)
- Santarém (1147)
- Lisboa (1147)
- Sintra (1147)
- Palmela (1148)
- Alenquer (1148)
- Abrantes (1149)
- Alcácer do Sal (1158; reconquistada pelos Muçulmanos em 1191)
- Évora (1159)
- Beja (1162; reconquistada pelos Muçulmanos em 1172)
- Cáceres (1166)
- Serpa (1166)

D. Sancho I (1185-1211)

- Alvor (1189)
- Silves (1189; reconquistada pelos Muçulmanos em 1191)

D. Afonso II (1211-1223)

- Alcácer do Sal (1217)

D. Sancho II (1223-1248)

- Elvas (1229)
- Juromenha (1229)
- Moura (1232)
- Beja (1232)
- Aljustrel (1234)
- Mértola (1238)
- Cacela (1239)
- Tavira (1239)

D. Afonso III (1249-1279)

- Faro (1249)
- Porches (1249)
- Albufeira (1249)
- Silves (1249)

ANEXO Nº 7
FICHA DE TRABALHO – AULA Nº2

**O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal
na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem**



Ficha de Trabalho – Profª Ana Sofia Lopes

Tema: O quadro económico e demográfico – expansão e limites do crescimento

Nome: _____ Nº _____

Lê e analisa com atenção os documentos e responde às questões propostas

I PARTE

1 A importância da terra

A economia do Ocidente medieval tem por finalidade a subsistência dos homens. Não vai além disso. Ou, se parece ultrapassar a satisfação desta estrita necessidade, é porque, com certeza, a subsistência é uma noção socioeconómica e não puramente material. A subsistência varia segundo as classes sociais. À massa basta a subsistência no estrito sentido da palavra, isto é, o bastante para viver fisicamente: o alimento em primeiro lugar e o vestuário e a habitação depois. A economia medieval é, pois, essencialmente agrária, baseia-se na terra, que fornece o necessário.

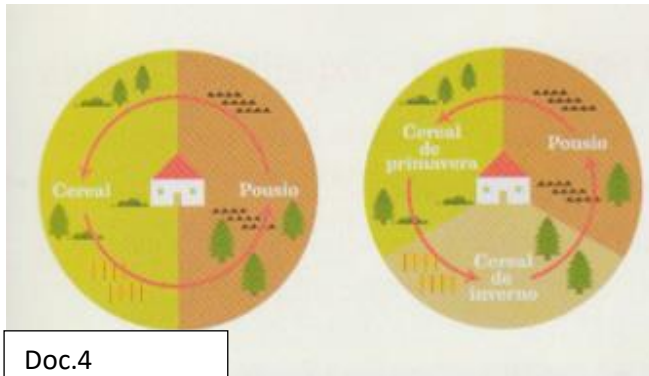
Jacques Le Goff, *A Civilização do Ocidente Medieval*, vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.

2 Arroteamentos de terras

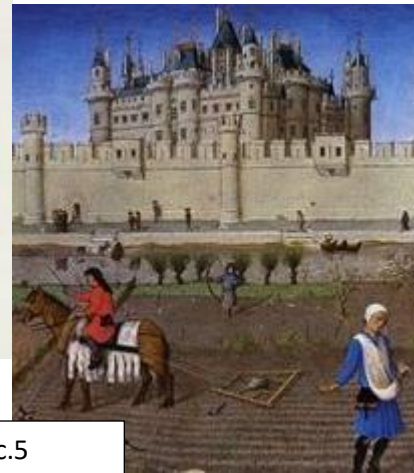
Não era uma aldeia, era um deserto. Essa terra pertencia às freiras de Santo Elói, mas tinha sido abandonada na sequência de invasões contínuas e de repetidas incursões de ladrões. Oferecemos às freiras e à abadessa um preço conveniente e (...), depois de termos obtido o consentimento daquele a quem era necessário pedi-lo, ocupamo-nos da terra há tanto tempo inculta, queremos cultivá-la. (...) Ervas, raízes, silvas, matagais e tudo o que pode impedir o amanho da terra foi arrancado, quer com a charrua, quer com a enxada, quer com outros utensílios. Quase oitenta pessoas entraram para o serviço da abadia, estabelecendo-se nesse local.

Thiou de Morigny, cronista francês do século XII, *Chronique de Morigny* (c.1106-1108).

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem



Doc.4



Doc.5

- 1- Indica 3 fatores que indiquem a importância da Terra nos inícios da Idade Média.(doc.1,2 e 3)
- 2- Refere qual o significado de arroteamento de terras.(doc.2)
- 3- Explica a necessidade de aumentar a área cultivada durante os séculos XII E XIII.(doc.3)
- 4- Refere 3 progressos técnicos que promoveram o desenvolvimento agrário.(doc.4 e 5)

II PARTE

1 As cidades na Idade Média

Em nenhuma civilização a vida urbana se desenvolveu independentemente do comércio e da indústria. A sua universalidade explica-se pela necessidade. Um aglomerado, com efeito, só pode subsistir pela importação de géneros alimentícios (...) do exterior. Mas a esta importação deve corresponder, por outro lado, uma exportação de produtos fabricados que constitua a compensação ou a paga do valor recebido em troca. Estabelece-se assim entre a cidade e os seus vizinhos uma permanente relação de serviços. O comércio e a indústria são indispensáveis para a manutenção desta recíproca dependência: sem a importação que assegura o reabastecimento, sem a exportação que a compense com objetos de troca, a cidade morrerá.

Henri Pirenne, *As cidades da Idade Média*, Lisboa, Europa-América, 1962



2 Cidade medieval de Feurs, França (iluminura do séc. XV).

3 O burguês

A burguesia nascera, e como representava uma força inteiramente nova, teve de criar o seu lugar no mundo. Cada qual, na sociedade mediev, desfrutava os privilégios inerentes ao seu estado. (...) Em primeiro lugar [a burguesia] tinha necessidade da liberdade de circulação. (...) Para o comerciante tornava-se indispensável poder deslocar-se e não ser sobrecarregado pelas peagens e portagens que se multiplicavam nas estradas e confins dos domínios. Tanto as cartas de privilégio das cidades novas como as das simples comunas rurais (...) concedem, simultaneamente com a liberdade pessoal, a abolição dos impostos de trabalho. (...) Por outro lado, o burguês sentia a necessidade de assegurar a sua defesa sem recorrer à tradicional proteção do senhor. O comércio não se desenvolve sem segurança. Por isso um dos primeiros direitos que os burgueses reclamam é o de construir muralhas e fortificações. Todas as cidades ostentam nas suas armas uma coroa de muralhas, símbolo da paz urbana (...).

**Régine Pernoud, *As Origens da Burguesia*.
Lisboa, Europa-América, 1969.**

- 1- Indica se, segundo o autor, a cidade é auto-suficiente. Se não, justifica (doc.1)
- 2- Denomina o conceito de burguesia. Explica a sua importância no desenvolvimento das cidades. (doc.2 e 3)

III PARTE



1. Com base no doc. 4 e doc. 6 enumere e explique que fatores contribuíram para a crise do séc.XIV



BOM TRABALHO !

4 Sintomas da Peste Negra

As úlceras apareciam sobre as axilas e nas virilhas e a morte sobrevinha ao terceiro dia. Por vezes, os doentes morriam sufocados pelo próprio sangue. O pavor era tal que, logo que apareciam feridas no corpo a um doente, todos o abandonavam, até os parentes: o pai deixava o filho agonizar no seu catre [cama pobre e tosca] e o filho deixava o pai. Isto não nos deve espantar se pensarmos que a peste era altamente contagiosa; quando numa casa aparecia a primeira vítima, tudo era contaminado e morriam as pessoas e os animais que vivessem debaixo do mesmo teto. Assim faleciam por falta de cuidados muitos que, de outra forma, poderiam sobreviver; outros, quando atingidos, eram logo considerados condenados, levados para a vala e sepultados antes de terem dado o último suspiro.

Relato do século XIV, in Étienne Baluze,
Vie des papes d'Avignon, 1693.

ANEXO Nº 8
GRELHA DE AVALIAÇÃO

GRELHA DE AVALIAÇÕES – 10 ° E - FICHA DE TRABALHO 2º PERIODO

ALUNOS		I PARTE				II PARTE		III PARTE	TOTAL
Nº	Nome	1Q	2Q	3Q	4Q	1Q	2Q	1Q	20
1	Alexandre	2	0,5	0,5	2	1	2	1	9
2	Ana B.	1	0,5	1,5	2	1,5	1	5	12,5
3	Ândria	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	FALTOU
4	Beatriz	1,5	0,5	1,5	2	2,5	1,5	1,5	11
5	Carolina M.	0	1,5	0	2	2	2,5	4	12
6	Carolina S.	1	0	1,5	1,5	1,5	1,5	3	10
9	Daniela	1,5	0,5	1,5	2	2,5	1,5	1,5	11
10	David O.	1,5	0,5	1	2	1	1,5	0	7,5
11	David F.	0,5	0,5	1,5	2	1,5	1,5	4	11,5
12	Diogo	0	1	0	1,5	2	2,5	4	11
13	Inês	1,5	1	1,5	2	1,5	1,5	4	13
14	Joana	1	0,5	2	1,5	2	0	0	7
15	João F.	1	0,5	1,5	2	0	0	0	5
16	Leonor	1,5	1	1	2	1	3	0	9,5
17	Mafalda	0,5	0	1,5	2	1	1,5	1,5	8
18	Maria L.	1	0,5	2	1,5	2	1,5	0	8,5
19	Maria S.	1,5	1	1,5	2	2	2	15	11,5
20	Miguel	0	1	1	2	1,5	3	2	10,5
21	Nadine	2	1	1	0	0	0	0	4
22	Nayra	1,5	1	2	2	1,5	0	1,5	9,5
23	Patrícia	1	1	1,5	0	2	2	1,5	9
26	Rita P.	1,5	1	1,5	2	1,5	1,5	0	9
27	Sofia	1,5	1	0	2	1,5	3	3	12
28	Vasco	1	0	1,5	1,5	1,5	1,5	3	10

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

29	Soraya	1,5	0	1	2	2,5	3	5	15
30	Mara	0,5	1	1,5	2	2,5	1,5	1,5	10,5
31	Caio	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	FALTOU
32	João C.	1,5	1	1,5	2	1,5	4	3,5	15
33	Rita S.	1,5	1	1,5	2	3	1,5	0	10,5
34	Luana	2	1	1	0	0	0	0	4

Descritores do domínio da comunicação escrita

Níveis dos descritores

3	Texto bem estruturado e linguisticamente correto, ou com falhas esporádicas que não afetem a inteligibilidade do discurso
2	Texto bem estruturado, mas com incorreções linguísticas que conduzam a alguma perda de inteligibilidade do discurso
1	Texto com deficiências de estruturação e com incorreções linguísticas, embora globalmente

Descritores e níveis de desempenho

5	Interpretação clara e completa do documento; Referência aos aspetos que estão nos tópicos de conteúdo da correção; Utilização adequada e sistemática da terminologia da disciplina	18 19 20
4	Nível Intercalar	15 16 17
3	Interpretação incompleta e pouco clara do documento, por referência ao solicitado; Referência de alguns aspetos que estão contidos nos tópicos de conteúdo da correção; Utilização adequada da terminologia específica da disciplina	12 13 14
2	Nível Intercalar	9 10 11
1	Incipiente interpretação do documento, por referência ao solicitado; Apresentação genérica de aspetos referidos no nível 5; Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina.	4 5 6

I PARTE (TOTAL: 8 VALORES)	II PARTE (TOTAL: 7 VALORES)	III PARTE (TOTAL: 5 VALORES)
1. 2 valores 2. 1 valor 3. 3 valores 4. 2 valores	1. 3 valores 2. 4 valores	1. 5 valores

ANEXO N° 9

QUESTÕES-CHAVE PROPOSTAS PELO

MANUAL

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

DOC 2 O DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

O crescimento agrícola do ocidente foi acompanhado e sustentado por uma “abertura progressiva” dos campos ao comércio. Pouco a pouco, “as explorações rurais foram solicitadas a produzir além da sua própria subsistência, de forma a responder à procura constantemente mais premente dos compradores”. Este facto foi, ao mesmo tempo, causa e consequência do progresso técnico e permitiu ao meio rural suportar com menor dificuldade “uma carga excessiva da população” [G. Duby]. [...]

Alguns indícios muito seguros permitem afirmar que a procura urbana não deixou de aumentar entre o século XI e o XIII. Quanto mais uma cidade era densamente povoada, mais a sua “zona abastecedora” tinha de aumentar. Calculou-se que, para um pequeno aglomerado de 3000 habitantes, eram necessários, em pleno século XIII, 3000 hectares de terra que produzissem 1000 toneladas de cereais!

Guy Fourquin, *História Económica do Ocidente medieval*, Edições 70, Lisboa, 1991, p. 221.

DOC 3 A CRIAÇÃO DE GADO

Na Inglaterra alastraram as pastagens para gados. No século XII existem já fazendas de certa importância, como a abadia de Elys, que possuía 13 000 cabeças de gado lanar. A procura de lã para a indústria flamenga e italiana desenvolveu, tanto nos *borders* escoceses e galeses como nas *landes* do Yorkshire e Lancashire, grandes explorações. O bispo de Westminster em 1259, possuía cerca de 29 000 ovelhas e o conde Lincoln, em 1303, umas 13 000. Os grandes mosteiros cistercienses [...], graças ao trabalho dos irmãos conversos, desenvolveram esta criação do gado, que foi a riqueza da Inglaterra medieval.

Nos reinos de Castela alastrou desde o século XII a ganadaria transumante, regime típico mediterrânico. Já em 1260 Afonso, o Sábio, protegeu o desenvolvimento do grande Conselho da Sociedade dos Ganadeiros. Desde 1340, a introdução da raça merina [...] proporcionou à Espanha uma espécie muito própria para a produção de lã.

Valentín Vazquez de Prada, *História Económica Mundial*, Vol. I, Livraria Civilização Editora, Porto, 1992, pp. 115-116.

Q

A partir dos documentos e do texto informativo, **refira** quatro dos fatores que estão na origem das transformações da agricultura no século XIII.

2. **Explícite** duas das formas de intervenção do rei, nos concelhos

DOC 2 TRATADO DE ALCANISES

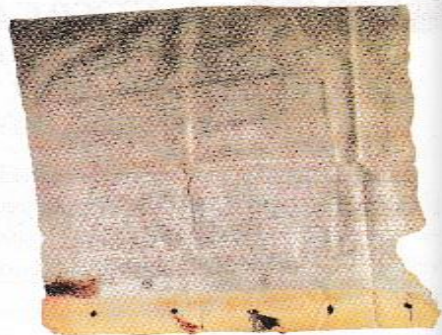
En o Nome de Deos, Amen. Sabham quantos esta Carta virem, e leer ouvirem, que como fosse contenda sobre Villas, Castelos, e Termos [...] antre nós Dom Fernando pela graça de Deos Rey de Castella, de Leon, de Toledo, de Galiza, de Sevilha, de Cordova, de Murça, de Jaen, do Algarve, e Senhor de Molina de hua parte, e Dom Diniz pela graça de Deos Rey de Portugal, do Algarve da outra, e por razon destas contendidas [...] nacessem antre nós muitas guerras, e omizios e eixessos en tal maneira, que nas terras dambos foron, muitas roubadas, e queimadas, e astragadas, en que se fez hi muito pezar a Deos por morte de muitos homeez; [...] e fazemos avença^{*acordo} antre nós [...], convém a saber; [...] dou vos por essas Villas, e por esses Castelllos [de Terra Arouche, e de Aracena], e polos seus Termos, e polos fruitos, delles, [...] convem a saber, Olivença, e Campo Mayor, [...] com todos seus Termos, e com todos sus directos, e com todas sas pertenças, [...] e outro si meto em vosso Senorio, e de todolos vossos successores, e do Reino de portugal para sempree o lugar, que dizem Ougella [...] E outro si eu El Rey Dom Fernando, [...] conocendo, que vós aviades direito en alguns Lugares dos Castelllos, e Villas de Sabugal, e de Alfayates, e de Castel Rodrigo, e de Villa Mayor, e de Castel Boom, e de Almeida, e de Castel Melhor e de Monforte, e dos outros Lugares de Riba Coa, que vós Rey Dom Diniz teendes agora en vossa mão, e por que me vós partades do direito, que aviades en Valença, e em Ferreira, e en no Sparagal, [...] e que aviades en Ayamonte, e en outros Lugares dos Reinos de Leon e de Galiza.

E eu El Rey Dom Fernando de suso dito por mim, e por todos meus Successores [...] e faço menagem a vós Rey Dom Diniz ateer, e cumprir, e a guardar todas estas couzas de suso ditas^{*acima ditas}, e cada huma dellas pêra sempre, e de nunca vir contra ellas per mim, nem per outrem [...] e se o assi nom fezer, que fique por prejuo, e por traidor come quem mata Senhor, e traee Castello.

E eu Rey Dom Dinis por mim [...] faço menagem a vós Rey Dom Fernando por vós e por vossos Successores [...].

E por todas estas couzas sejam firmes, e mais certas, e nom possam vir em duvida, fazemos [...] duas Cartas em hum teor, tal ahuma come a outra, seelladas com nossos sellos do Chumbo de nós [...] em testimonio de verdade. [...] Feita em Alcanizes* [...].

Excerto adaptado in <http://historiaaberta.com.sapo.pt/lib/doc011.htm>



Q

1. A partir do documento, **destaque** três das condições acordadas no Tratado de Alcanises.
2. **Assinale**, a partir do mapa, as terras cedidas por Portugal ao reino vizinho e as terras que ficaram na posse de Portugal.
3. **Conclua** do significado histórico do Tratado de Alcanises.

ANEXO Nº 10

QUESTÕES ORIENTADORAS PARA OS

ALUNOS - AULA Nº1

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem



QUESTÕES ORIENTADORAS DA AULA DE DIA 12 DE JANEIRO – Profª Ana Sofia Lopes

-Quais os melhoramentos que levaram ao progressivo desenvolvimento do mundo rural?

Mudanças climáticas (menos intempéries), menos invasões e melhorias técnicas na agricultura

- Como se sucedeu o processo da expansão agrária? Tendo em conta as mudanças existentes na paisagem rural, a ocupação de novas terras e a exploração intensiva?

O processo da expansão agrária deveu-se a diversos fatores, primeiramente era necessário alimentar a população. Diferente fator importante a ter em conta, é a noção de que a terra era a base económica do tempo, sendo então considerada o meio económico por excelência, havendo uma predominância para se trabalhar e desenvolver a área rural, não esquecendo que a maior parte da população medieval era rural.

Para se proceder ao desenvolvimento agrário, além das mudanças climáticas que o favoreceram, existiram progressos técnicos na agricultura, como a adoção do afolhamento trienal, o uso do ferro nos utensílios agrícolas, melhor sistema de atrelagem dos animais, introdução do moinho de água e vento, os arroteamentos, este último que favoreceu imenso a ocupação de novas terras e a exploração intensiva, pois, procurava-se tirar da terra o maior rendimento e proveito, sendo necessário desbravar florestas e terrenos baldios e drenar pântanos, para que fosse possível alargar e aumentar campos agrícolas e até mesmo criar novos núcleos urbanos.

- Como foi possível a existência de excedentes agrícolas? E como esses levaram a uma mudança de economia agrária para economia de comércio?

A existência de excedentes agrícolas deu-se ao aumento da produtividade e rendimento das terras. Esses excedentes agrícolas passaram a ser comercializados nos centros urbanos mais próximos, existindo uma mudança no tipo de economia, pois, até aí a preocupação era a auto-suficiência e a economia praticada era a economia agrária, ou seja, a maior parte das trocas e pagamentos que se realizavam eram em produtos agrícolas, passando a ser uma economia monetária, quando se dá o progresso urbano e o posterior desenvolvimento das feiras e mercados, onde se troca e paga através de moeda, pois, os excedentes agrícolas deixaram de servir como meio de pagamento.

O Dinamismo Europeu dos séculos XII A XIV – A consolidação do reino de Portugal na Europa Ocidental: Uma opção de ensino-aprendizagem

- Como foi encarada a expansão demográfica pelas cidades?

A expansão demográfica foi encarada pelas cidades como um argumento de alargamento do espaço, pois, os antigos burgos ou centros, não conseguiram receber todos os camponeses que na cidade procuravam melhores condições sociais, todos os artesãos e mercadores, tendo que se criar novas cidades, estas muitas vezes criadas perto de rios ou mares, vias terrestres com alguma movimentação comercial para impulsionarem então um desenvolvimento comercial a par com o desenvolvimento urbano.

- Qual a importância da Burguesia no comércio?

Com o crescente desenvolvimento económico vivido nas cidades, incitou o aparecimento de novas atividades comerciais, como mercadores, artesãos, lojistas, entre outros ligados às atividades económicas ligadas à cidade. No entanto, um grupo social ascendeu com tanta importância no comércio que a sua riqueza assentava no dinheiro de todas as atividades económicas presentes na cidade. Esse grupo denomina-se como Burguesia. Primeiramente, devido a serem os habitantes dos burgos (cidades), depois, ficaram conhecidos como grupo que se dedicava ao comércio, ao artesanato. Tiveram bastante importância devido à sua dominância nos circuitos comerciais, cobravam taxas e determinavam preços, assumindo-se como um importante pilar do dinamismo económico do século XII e XIII

- Quais as atividades económicas que chegaram com o desenvolvimento económico e que novos meios de pagamento?

As atividades económicas que chegaram com o desenvolvimento económico foram os artesãos, os lojistas, mas principalmente os banqueiros, os cambistas, os mercadores, os intermediários de negócios. Surgindo também novos meios de pagamento como, o papel moeda, que basicamente é os cheques dos nossos dias, as letras de câmbio tudo para facilitar as viagens aos feirantes e mercadores para não seguirem viagens com elevadas quantias de dinheiro.